P. JOSÉ TISSOT,
Missionário de S. Francisco de Sales

# Arte de Aproveitar-se das Próprias Faltas

SEGUNDO S. FRANCISCO DE SALES

*"Misericórdias Dómini in æternum cantabo!"* (Sl 88)

5ª EDIÇÃO

EDITÔRA VOZES LIMITADA.
PETRÓPOLIS, RJ.
1964

I M P R I M A T U R

POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO. E REVMO. SR.
DOM MANUEL PEDRO DA CUNHA CINTRA,
BISPO DE PETRÓPOLIS.
FREI WALTER WARNKE, O.F.M.



# INTRODUÇÃO

*No pátio de uma fábrica de explosivos, na Europa, ergue-se um monumento de belíssima alegoria. Uma mulher, empunhando um facho de luz, símbolo da inteligência, subjuga a seus pés um dragão enfurecido. Entre os espasmos da morte, o dragão escarva na terra os dizeres: "Vitória do espírito humano sôbre as fôrças da natureza". Elas, que tantas vêzes hostilizam o homem, são dominadas pela acuidade do nosso espírito e tornam-se valiosos fatôres das audaciosas invenções humanas.*

*O mesmo se dá com a nossa vida interior. Nossas próprias paixões, as energias ético-dinâmicas do homem, quando revôltas, devastam e aniquilam o jardim de nossa alma, mas quando contidas por mão forte e prudente, arrebatam nosso espírito às alturas da perfeição moral.* [1]

*"Sabemos que tôdas as coisas redundam em bem aos que amam a Deus"* (Rom 2,28). *Frase esta de S. Paulo Apóstolo ainda confirmada pelas palavras de Nosso Senhor à sua serva Benigna Consolata: "Tudo contribui para o progresso de uma alma; tudo, até mesmo as próprias imperfeições, em minhas mãos, são como outras tantas pedras preciosas, porque as transformo em atos de humildade que inspiro à alma... Se pudessem os obreiros converter o entulho e os retalhos em materiais, quão felizes seriam! Pode-o a alma fiel ao meu auxílio divino; até os crimes mais vergonhosos, uma vez sinceramente detestados, se tornam pedras fundamentais no edifício de sua perfeição".*

*E ainda esta belíssima comparação: "Como o fogo se alimenta do combustível, assim as misérias dos homens fazem levantar-se grandemente as chamas do meu amor misericordioso, e quanto*

*maior a miséria, tanto mais alta a chama, à semelhança do fogo que tanto mais arde, quanto mais combustível nêle se atira...".*

*Conduzidos pela mão segura de S. Francisco de Sales, aprenderemos a converter em proveito espiritual os nossos próprios desacertos, proveito êsse que não nos advém dos pecados considerados em si, mas, sim, da misericórdia divina e da graça de Cristo que, servindo-se das nossas iniqüidades, sabe fazer refulgir a sua bondade e das nossas fraquezas tirar vantagens para a nossa salvação.*

*Entre as flôres que matizam em tôda a abundância o jardim dêste grande e amabilíssimo diretor das almas, não pôde o autor do presente livrinho fazer escolha mais apropriada às necessidades cotidianas de todos quantos querem sinceramente amar e servir a Deus.*

*Houvemos por bem fazer uma adaptação bastante livre, já para eliminar algumas citações idênticas repetidas no decurso do livro, já para desenvolver e frisar aqui e ali, à mão de alguns autores modernos, a sua idéia fundamental.*

*O TRADUTOR*

## PARTE I

# CONHECIMENTO DAS PRÓPRIAS FALTAS

## CAPÍTULO I

# NÃO NOS ADMIREMOS DAS NOSSAS IMPERFEIÇÕES

1. *Misérias humanas.* — Nunca o homem decaído se pôde habituar à sua miséria; e isso, que sobremodo o honra, constitui, ao mesmo tempo, o seu tormento. Príncipe esbulhado do seu poder e derrubado da sua posição pela queda dos seus primeiros pais, conserva, todavia, no mais fundo do coração, o sentimento da sua nobreza de origem e da inocência que devia ser o seu apanágio. De cada vez que cai reprime a custo uma exclamação de surprêsa como se lhe houvesse sobrevindo um acidente extraordinário.

Dir-se-ia Sansão, privado da sua fôrça pela mão pérfida que lhe cortara os cabelos. "Surge! — bradam-lhe — os filisteus estão aí!" E êle se ergue, imaginando, como dantes, encher de terror os seus inimigos, sem se lembrar que o vigor doutrora o havia abandonado (Juiz 16,20).

Por mais nobres que sejam em nós as raízes desta disposição, são funestos demais os seus frutos para não os detestarmos. O desânimo leva as almas à perdição, vê-lo-emos em breve; e êsse desânimo as invade pelo espanto que se segue à queda e lhe abre caminho. Contra êste grande perigo S. Francisco de Sales vai acautelar-nos.

A exemplo dos mais eminentes doutôres e dos sábios mais ilustre, o santo bispo manifestou sempre extrema compaixão pela fraqueza do homem. "O' miséria humana! miséria humana!" dizia êle a cada passo... Oh, quão frágeis somos!... Que podemos fazer por nós mesmos senão cair continuamente em faltas?"

Sente-se, em tôdas as suas palavras e escritos, que a alta perfeição a que se havia elevado lhe dera a faculdade de imergir um olhar profundo no abismo de misérias e fraquezas, cavado em nós pelo pecado original. Na direção das almas computava sempre, e em mui larga medida, a nossa condição de filhos do pecado, que não cessava de recordar às suas ovelhas. "Viveis, escrevia êle a uma senhora, viveis, dizeis-me vós, sujeita a mil imperfeições. E' verdade, minha boa irmã; mas não vos esforçais de hora em hora por fazê-las morrer em vós? Certíssimo é que, enquanto andamos neste mundo, envolvidos neste corpo tão pesado e corruptível, sempre em nós alguma coisa, um não sei quê nos falta". [2]

"Queixais-vos, dizia êle algures, de em vossa vida terdes muitas imperfeições e defeitos, a despeito do vosso desejo da perfeição e da pureza do amor de nosso Deus. Eu vos respondo que não podemos abandonar de todo a nós mesmos, enquanto cá vivemos. Temos de nos suportar sempre a nós próprios, até que Deus nos leve ao Céu; e enquanto assim fazemos, não cuidemos que transportamos coisa que valha..." [3]

"Em regra geral, ninguém será tão santo nesta vida que não esteja sujeito a não cometer alguma imperfeição". [4]

2. *Nossa fragilidade.* — Sem um privilégio especial, impossível nos é evitar todos os pecados veniais. Com efeito ensina-nos a fé que ao menos em germe ficam em nós até a morte as más inclinações, e que ninguém pode, sem privilégio especial, tal como a Igreja o reconhece na



Virgem Maria, evitar todos os pecados veniais, pelo menos os que não são deliberados. Esquecemos muitas vêzes na prática esta dupla tese; vejamo-la desenvolvida pelo nosso Santo na sua linguagem simples e inimitável:

"Não pensemos em viver neste mundo sem imperfeições... Quer sejamos superiores, quer subordinados, somos sempre homens e, por conseguinte, todos temos de aceitar como certíssima esta verdade para não nos admirarmos das nossas imperfeições. Mandou-nos Nosso Senhor que disséssemos todos os dias estas palavras, que são do Pai-Nosso: "perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos os nossos devedores". Não há exceção alguma neste mandamento, porque todos temos necessidade de o cumprir. [5]

"O amor-próprio poderá estar em nós mortificado; morto, porém, nunca estará; de tempos a tempos, em ocasiões diferentes, há de lançar renovos, mostrando que, se foi cortado pelo pé, não lhe foram arrancadas as raízes... Por forma alguma não nos devemos admirar por não sentir o amor-próprio dar sinais de vida. Dorme às vêzes como uma rapôsa; depois, dum salto, se atira sôbre as galinhas. É, pois, mister velarmos constantemente sôbre êle, e defendermo-nos com paciência e mansidão. Se às vêzes desdizemos o que o amor-próprio nos fêz dizer, ou desfazemos o que nos induziu a fazermos, sinal é de que estamos curados... mas por algum tempo sòmente, até que venham à supuração novas enfermidades, porque nunca estaremos perfeitamente curados senão quando estivermos no Paraíso... e nesta vida, por muito boa que seja a nossa vontade, não há remédio senão ter paciência de sermos homens, e não anjos" [6] e nos resolvermos a viver, no dizer dum ilustre asceta, como uns incuráveis de espírito.

3. *Misterioso recinto da alma humana.* — A nossa alma é como que um misterioso recinto fechado, com-

parável, não raras vêzes, a uma sala às escuras, cheia de pó e de desordem. Pessoas há, infelizmente, dignas de lástima por sua cegueira, que anos inteiros não iluminam nem expurgam o interior da sua casa espiritual, sob pretêxto de que nada há que limpar.

Será possível que uma sala com quatro janelas sempre escancaradas, e uma porta muito veleira por onde passam diàriamente centenas e centenas de hóspedes — será possível que se conserve livre de qualquer poeira e lôdo?

Esta sala é a nossa alma, é a alma de todo homem que trilhar as estradas barrentas dêste mundo. Quatro janelas tem êste recinto: duas na frente — que são os olhos, e duas aos lados — os ouvidos; além disso, uma porta que é a bôca. Pelas janelas dos olhos e ouvidos entram todos os dias centenas, às vêzes milhares de fregueses, quer dizer: impressões variadíssimas, que dão origem a fantasias, pensamentos e desejos de tôda sorte, ao passo que pela bôca saem numerosas palavras e conversas. Além disso, todo o nosso corpo, dos pés à cabeça, é como que uma rêde telegráfica indizivelmente ramificada, e em contacto permanente com o mundo exterior: desde pela manhã até à noite, não cessam os nervos de transmitir impressões as mais variadas — e tudo isso se introduz nos penetrais da alma; e lá dentro é um incessante vaivém, um movimento tumultuoso, um contínuo entrar e sair de hóspedes e visitantes, de idéias sem conta, desde que abrimos os olhos para os labôres do dia, até que os fechamos para o descanso noturno.

Será possível que uma casa, assim tão freqüentada como a nossa alma, se conserve inteiramente limpa? sem que se lhe apeguem ao menos uns resquícios de pó? uns grãozinhos de areia arrastados pelos que entram? e levando ainda em conta a nossa pouca vigilância?

Isso num único dia...



4. *E os Santos?* — Lemos nas vidas dos Santos que êles se consideravam como grandes pecadores. Alguns não acabavam de compreender como Deus os deixava viver neste mundo; como lhes concedia a luz do sol e os bens da terra. Entre êles alguns havia que costumavam firmar as suas cartas com a assinatura: "Fulano, o pecador". S. João Batista, intimado a batizar a Jesus, disse que nem era digno de lhe desatar as correias dos sapatos. Por outro lado, há tantos homens mundanos que se julgam isentos de tôda culpa e imperfeição moral.

Donde esta diferença? Será que os Santos eram de fato tão grandes pecadores, e que certas outras pessoas se dizem prodígios de virtude e santidade?

Reparemos o que acontece quando uma réstia de sol penetra num quarto escuro, formando uma faixa luminosa no ar. E' interessante observar como neste traço de luz volita uma infinidade de átomos de pó, subindo, descendo, girando, redemoinhando, enovelando-se de mil maneiras com o discreto perpassar das aragens. Apaga-se o raio solar — e tudo desapareceu! Já não se vê nem um só dêstes grânulos de poeira. Aonde foram? Não existem mais? Certo que sim; ainda se acham suspensos no ambiente como antes; mas, com a extinção da luz, tornaram-se invisíveis.

E' fácil atinar com o sentido da comparação.

Êste último estado corresponde ao da alma que se julga isenta de faltas, quando de fato as faltas aí estão, embora invisíveis, devido à ausência de luzes celestes, à falta de conhecimento próprio. O pecador não gosta de olhar para o interior da sua consciência, com mêdo de encontrar o que possa melindrar o seu amor-próprio e a vã complacência das supostas virtudes.

A alma do Santo, ao invés disso, é como um templo arraiado de luz, iluminado pelo facho da atenta reflexão sôbre si mesma, e pelos raios vindos de cima. Não

que êle tenha mais pecados do que o mundano. A diferença está em que tem luz mais abundante e o olhar mais afeito a descobrir os *argueiros* das imperfeições de cada dia, ao passo que o profano nem dá pelas *trancas* de faltas gravíssimas.

Não é, pois, nada estranhável o estarmos cheios de defeitos, desde que os tinham também os próprios Santos. No entanto, nêles se observava uma nota característica e essencial; muito embora enxergassem em suas almas inundadas de luz celestial os numerosos e até os menores resquícios de pó, êles não se admiravam e não desanimavam. À fôrça dum trabalho contínuo, sereno, permanente procuravam limpar-se de tôdas as manchas e ainda dos grãozinhos miúdos de areia e de pó. Pediam a Deus constantemente lhes desvendasse os próprios defeitos para se emendarem e se humilharem. E de fato, ao dar-nos Deus a conhecer as nossas faltas, já significa uma graça bem importante. E Deus no-la dá não a fim de nos exacerbarmos e amofinarmos, mas para que reconheçamos humildemente a nossa extrema fraqueza, a nossa mísera condição e, dominados de uma grande e imperturbável confiança e calma, trabalhemos em nosso constante aperfeiçoamento, tarefa para muitos anos. [7]

5. *Os progressos lentos e interceptados de quedas.* — Sobretudo às almas, que principiam a dar os primeiros passos no caminho do aperfeiçoamento interior, S. Francisco de Sales se esforça por inculcar o conhecimento prático da fraqueza humana. São estas, com efeito, que, cometidas as faltas, a inexperiência torna mais acessíveis ao espanto e às suas funestas conseqüências. "Perturbar-se e desalentar-se ao cair em pecado — diz muito bem o piedoso autor acima mencionado — não é saber conhecer-se". [8]

Vejamos a delicadeza e a graça com que o nosso santo doutor repreende e instrui estas almas:



"Dizeis-me que sois ainda muito sensível às injúrias que vos fazem. Mas, minha querida filha, a que se refere êste *ainda?* Já a muitos dêstes inimigos vencestes e prostrastes? E' impossível que tão cedo sejais senhora de vossa alma e a governeis dum modo tão absoluto. Contentai-vos ganhando de tempos a tempos alguma pequena superioridade sôbre o vosso inimigo. A imperfeição há de acompanhar-nos até à sepultura. Não podemos andar sem tocar na terra. O que não devemos fazer é deitar-nos nela e retouçar-nos na lama; mas nem pensemos em voar, porquanto, pintainhos que somos e tão pequenos, ainda não temos asas". [9]

Foi S. Paulo purificado num só instante, como o foram também S. Madalena, S. Catarina de Gênova, S. Pelágia e outros mais. Mas uma transformação tão repentina é, na ordem da graça, milagre tão grande e extrordinário como é, na ordem da natureza, a ressurreição dum morto; a tanto não devemos pretender. A purificação ordinária, tanto do corpo como do espírito, só se faz pouco a pouco, a custo e com vagar... A alma, que do pecado remonta à vida devota, se assemelha à alva do dia que, ao despontar, não expulsa as trevas dum jato, mas aos poucos, gradativamente. Diz o aforismo que a cura, feita devagar, sempre é mais segura. As doenças do coração, tanto como as do corpo, vêm a galope e em corrida de postilhão, mas vão-se a pé e a passo lento". [10]

É, pois, preciso ter paciência e não pensar em curar num só dia tantos hábitos maus, que contraímos pelo pouco cuidado com a nossa saúde espiritual. E o bom Santo concluía sempre que, "se a nossa fraqueza natural nos faz incorrer em muitas faltas, de modo algum nos devemos admirar disso". [11]

De mais a mais, S. Francisco de Sales não concedia a ninguém, por mais adiantado que estivesse nas virtu-

des, o direito de se admirar de haver caído em pecado, dirigindo às mais fervorosas religiosas êstes avisos: "A duas coisas é necessário que estejamos resolvidos: uma, a ver crescer ervas daninhas em nosso jardim; outra, ter coragem de deixar arrancá-las e de nós mesmos as arrancarmos; porque o nosso amor-próprio não há de morrer enquanto vivemos e é êle o autor destas importunas vegetações". [12]

"Revejo as lágrimas de minha pobre irmã N. e parece-me que a origem de tôdas as nossas mágoas está em nos esquecermos daquela máxima dos Santos, segundo a qual todos os dias devemos julgar que principiamos a nossa aprendizagem na perfeição. Se pensássemos bem nisto, não nos sentiríamos admirados de descobrir misérias em nós nem de ter de recear algum defeito". [13]

"Perguntais... como poderíeis prender o vosso espírito a Deus, de tal modo que nada o pudesse soltar nem separar. Duas coisas para isso são necessárias: morrer e salvar-se; porque só depois disto não haverá mais separação e o vosso espírito poderá ficar indissolùvelmente apegado e unido a Deus". [14]

6. *Recomecemos!* — Bem diz S. Francisco de Sales que "a origem de tôdas as nossas mágoas está em nos esquecermos daquela máxima dos Santos, segundo a qual todos os dias devemos julgar que principiamos a nossa aprendizagem na perfeição". Efetivamente, a perfeição em grande parte é uma questão de recomeçar. Definição sumária e ao mesmo tempo relativa. E' lógico: recomeçar cada dia, humildemente, sem despeito, com confiança e ardor; recomeçar a tarefa tão interessante e tão ingrata, às vêzes, do próprio aperfeiçoamento, tudo isto exige uma não pequena medida de boa vontade. Como, porém, no céu triste de um inverno que acabou, Deus faz surgir o sol radioso para recomeçar a florida estação da primavera, assim em nossa



alma surge também o sol da graça, se nos voltamos para Deus. S. Francisco de Assis, às vésperas da morte, êle, o êmulo dos serafins, dizia ao seu *irmãozinho* Frei Leão: *"Meu irmãozinho, quando, pois, amaremos verdadeiramente ao bom Deus?... Vamos!... comecemos a fazer alguma coisa para Êle!"*

Recomecemos, pois, cada dia, nossa vida de fé, de luta, de confiança, de paciência, de devotamento, de amor divino... Recomecemos corajosa e confiantemente, pois que o recomeçar nos levará à perfeição!

* * *

Há nos conselhos do nosso santo doutor uma suprema consolação para as almas que sèriamente desejam agradar sem reserva a Deus e se dedicam ao seu serviço por íntimas comunicações. Julgam-se elas mais indesculpáveis que as outras nas infidelidades que involuntàriamente cometem e parece-lhes que as suas quedas deverão causar-lhes maior admiração. E, todavia, não é assim que o entendem os mestres da vida espiritual. "Freqüentemente — nota o P. Grou — as nossas quedas resultam da rapidez da carreira: o ardor que nos impele não nos dá tempo de tomarmos certas precauções. As almas tímidas e precavidas, sempre desejosas de saber onde põem os pés, sempre a dar voltas para evitar um passo em falso, constantemente receosas de se mancharem, não avançam tão depressa quanto as outras, e surpreende-as quase sempre a morte no meio da sua carreira. Não são mais santos os que cometem menos faltas, mas sim os que têm mais coragem, mais generosidade, mais amor e fazem maiores esforços sôbre si mesmos, não receando escorregar, cair até e se manchar um pouco, contanto que avancem". [15]

S. João Crisóstomo dizia a mesma coisa por outros têrmos: "Se um soldado fica na refrega, deixa-se ferir

e abater um pouco às vêzes, não há quem, tão duro ou tão ignorante das coisas da guerra, disso lhe faça um grande crime. Só não são feridos os que nunca se lançam nos combates. Os que mais ardidos se atiram contra o inimigo são os que mais recebem os golpes do embate". [16]

7. *Quedas graves.* — Dever-se-ão aplicar até mesmo ao pecado mortal as reflexões dêste capítulo e recomendar às almas gravemente culpadas que não se admirem das quedas que as privam da amizade de Deus? Ousará S. Francisco de Sales ter para elas a mesma linguagem como para com os corações generosos, aos quais se dirigia até agora?

Escutemos: "Meu caro Teótimo, pasmam os céus, tremem de pavor as suas portas e os anjos da paz ficam tomados de espanto em face da estupenda miséria do coração humano que, para se prender a coisas tão deploráveis, abandona um bem tão amável. Mas já viste esta pequena maravilha, que todos sabem sem lhe conhecerem a razão? Quando se abre um tonel bem cheio, êle não deixará sair o vinho, se por cima se lhe não deixar entrar o ar.

Certamente, nesta vida mortal, ainda que as nossas almas abundem em amor do Céu, jamais dêle estarão tão cheias que pelas nossas fragilidades êsse amor não possa sair; lá em cima, porém, no Céu, quando as suavidades da beleza de Deus ocuparem todo o nosso entendimento e as delícias da sua bondade saciarem tôda a nossa vontade, sem nada haver que a plenitude do seu amor não preencha, objeto nenhum, ainda que êle penetre até aos nossos corações, poderá jamais tirar nem fazer sair uma só gôta do precioso licor do seu amor celeste, e não será jamais possível pensar em deixar entrar o vento por cima, quer dizer, iludir ou surpreender o entendimento, porque ficará imóvel na apreensão da verdade soberana". [17]



Fiquemos bem avisados: uma queda em pecado, grave que seja, não poderia provocar espanto senão no Céu, onde não pode haver quedas. Cá na terra, não há motivo para disto alguém se admirar mais do que vendo um lìqüido sair dum vaso aberto.

8. *Tornar a levantar-se imediatamente.* — Oh, como seríamos indulgentes para com os nossos irmãos, digamo-lo de passagem, se bem meditássemos êstes pensamentos! Como nos identificaríamos com a paciência inefável d'Aquêle que, antes de investir os seus Apóstolos do poder de remitir os pecados, lhes recomendava que perdoassem não sete vêzes, mas setenta vêzes sete!

Sem dúvida, esta indulgência, com relação às faltas próprias assim como às alheias, não deve ir ao ponto de as olhar com indiferença. Mas uma coisa é não se admirar delas, outra é não as detestar e reparar. O lavrador não se espanta ao ver as ervas daninhas destruírem a sementeira; mas por isso terá êle menos cuidado de arrancá-las?

Assim também, depois de haver dito em sentido absoluto e sem excetuar os pecados mortais: "quando incorrerdes em alguma falta, não vos admireis"; e "se bem soubéssemos quais somos, em vez de nos admirarmos de nos ver em terra, pasmaríamos ao pensar como podemos permanecer em pé", objurga-nos S. Francisco de Sales a "que não nos deitemos na terra nem nos retoucemos na lama", em que caímos; e acrescenta: "Se a violência da tempestade às vêzes nos perturba um pouco o estômago e à cabeça nos traz algumas vertigens, não seja isso motivo de espanto; antes, tão depressa como pudermos, retomemos a respiração e ânimo para proceder melhor". [18]

"Quando caíres, levanta-te com uma grande placidez, humilhando-te profundamente diante de Deus e confessando-Lhe a tua miséria, mas sem te admirares da queda que deste. Pois que há de extraordinário em que a enfermidade seja enfêrma, a fraqueza, fraca, e a miséria, miserável? Detesta, sim, com tôdas as fôrças, a afronta feià divina Majestade e depois, com uma confiança inteira e animosa em sua Misericórdia, volta ao caminho da virtude, que havias abandonado". [19]

Êste último texto deixa ver bem quais as disposições, supremamente salutares, que, em lugar do espanto, devemos excitar em nós após as quedas: *conhecer a nossa abjeção* que é o primeiro grau de humildade. Dela falaremos na segunda parte desta obra. Por agora, tendo estabelecido que a consciência das faltas próprias não deve causar-nos admiração, demonstraremos que muito menos ainda nos deverá perturbar.

## CAPÍTULO II

## NÃO NOS PERTURBEMOS À VISTA DOS NOSSOS DEFEITOS

1. *Dois sinais da boa e da má tristeza.* — *"A tristeza que é segundo Deus produz para a salvação uma penitência estável, porém a tristeza do século produz a morte"* (2 Cor 7,10). A tristeza pode, pois, ser boa ou má, conforme os diversos efeitos que em nós produz; mas, em geral, ela produz antes maus do que bons efeitos, porque os bons são só dois: a misericórdia e a penitência, enquanto são seis os maus: mêdo, preguiça, indignação, ciúme, inveja e impaciência; o que fêz dizer ao sábio: "A tristeza mata a muitos e a ninguém aproveita"; e a razão é porque, para dois regatos de boas águas, que derivam da fonte da tristeza, há seis que carregam péssimas águas". [20]

Faz o demônio seus esforços por engedrar a tristeza má e, a fim de desanimar e desesperar a alma, começa por perturbá-la. Não lhe custa muito sugerir pretextos para isto.

— Ofender a Majestade divina, ultrajar a beleza infinita e ferir o coração do mais terno dos pais, tudo isto não é bastante para afligir a alma?

— De certo que é, responde S. Francisco de Sales. Devemos entristecer-nos, mas com um verdadeiro arrependimento, e não com uma dor aflitiva, cheia de despeito e de indignação; o verdadeiro arrependimento é sempre

calmo, como todo sentimento que do bom espírito procede: "*Non in commotione Dominus*" (3 Rs 19,11). No ponto onde principia a inquietação e a perturbação, vem a tristeza má ocupar o lugar da tristeza boa.

A má tristeza, insiste o nosso Santo, perturba a alma, inquieta-a, incute-lhe receios desregrados, desgosta-a da oração, adormece e fatiga o espírito, impede-a de tirar proveito dos bons conselhos, de tomar resoluções, de formar juízos, de ter coragem e abate as fôrças. Numa palavra: é como um inverno áspero que enregela tôda a formosura da terra e entorpece todos os animais; porque priva a alma de tôda a suavidade, atrofia-lhe a atividade e a torna como tolhida e inibida em tôdas as suas faculdades". [illegible]

2. *Sinais duma alma que se perturba após suas quedas.* — À vista dêstes sintomas, quantas almas hão de reconhecer a perturbação de que se deixaram apoderar após as suas faltas e a ruína que ela lhes causou! Começara-se com fervor e seguia-se resolutamente o rasto do Mestre, no caminho do dever, nas rudes escarpas do Calvário. Mas sobrevém uma queda, e com ela eis a perturbação! Ergue-se a alma, no entanto, sob o amparo do arrependimento e da absolvição sacramental, que tudo vem reparar.

E, todavia, por culpa nossa, não sossegamos. Olham-se, examinam-se ansiosamente, contam-se as feridas mal cicatrizadas ainda, sondam-se com receio, envenenam-se por querer pensá-las com despeito e impaciência, "porque não há coisa que mais sirva para manter os nossos defeitos do que o desassossêgo e a precipitação em querer expurgá-los". [illegible]

E enquanto isso sucede, vai o passo afrouxando. Já não se corre; anda-se a custo; arrasta-se, descontente de si e quase que de Deus também, sem confiança na oração, e para a recepção dos sacramentos não se leva outra



disposição que não seja o receio, até que afinal uma circunstância especial, uma confissão excepcionalmente bem cuidada ou um retiro vem restituir à alma, por um momento, aquêle entusiasmo e fervor que tivera a princípio.

Decorrido, porém, algum tempo, depois dêste renovamento, se a alma continua ainda sob a mesma impressão, continua a sentir sôbre si o pêso de uma redobrada melancolia, que novas quedas ou sòmente a lembrança das faltas passadas lhe hão de trazer; de nôvo, à rapidez com que se corria, sucederá um passo mais lento, e não queira Deus que, à fôrça de hesitações e delongas, ela termine por cair num entorpecimento quase irreparável.

Pobres almas, quem veio travar assim os vossos esforços? Corríeis tanto! Quem vos fêz parar? pergunta-vos o Apóstolo (Gál 5,7). — *A perturbação*, responde o autor da *Filotéia*: "Se da primeira vez que tropeçastes, em vez de ficardes inquietos, houvésseis plácida e sossegadamente retomado o equilíbrio de vossos corações, não teríeis caído de nôvo ao dar o segundo passo".

3. *Paciência recomendada aos que incidem em imperfeições.* — Por isso é que S. Francisco de Sales multiplicava os seus conselhos, no empenho de comunicar aos outros "*a paz tão desejada, o hóspede mais querido, fiel e perpétuo do seu coração*", [illegible] e por esta razão recomendava instantemente a serenidade e a paciência para com nós mesmos.

Não nos perturbemos à vista das nossas imperfeições!... Livrai-vos de precipitações e desassossegos; que não há nada que mais nos estorve o passo no caminho da perfeição". [illegible]

"Que fazem as aves e os outros animais, caídos nos laços traiçoeiros? Debatem-se desordenadamente no esfôrço de se libertarem, e só conseguem é embaraçar-se cada vez mais...

Não é perdendo a serenidade do espírito que conseguiremos sair dos laços que nos armam algumas imperfeições; ao contrário, mais nos envencilharemos nêles". [27]

"E' preciso sofrer com paciência a lentidão com que nos aperfeiçoamos, e não deixar de fazer quanto pudermos para progredir e sempre com boa vontade... Aguardemos, pois, com paciência, o nosso adiantamento, e, em vez de nos inquietarmos por haver feito tão pouco no passado, diligenciemos fazer mais para o futuro". [28]

"Não nos aflijamos por sempre nos vermos noviços no exercício das virtudes, porque no Mosteiro da Vida Devota cada um se presume sempre noviço, e emprega tôda a vida em dar provas de sua humildade; o sinal mais evidente de ser, não sòmente um mau noviço, mas até de merecer ser expulso e reprovado, é julgar-se e ter-se a si mesmo como professo. Pois, conforme a regra desta Ordem, não é a solenidade, mas o cumprimento dos votos que dos noviços faz professos, e os votos não se julgam cumpridos enquanto houver alguma coisa a fazer para a observância dêles. A obrigação de servir a Deus e fazer progressos no seu amor dura sempre e só termina com a morte.

— Bem, me dirá alguém; mas, se eu conheço que é por minha culpa que não avanço no caminho da virtude, como é possível que me não aflija e inquiete?

— Já o disse na *"Introdução à Vida Devota"*; mas repito-o de bom grado, porque nunca está dito demais: "Entristecer-se com um arrependimento sereno, constante e tranqüilo pelos erros cometidos, é justo e como deve ser; mas com um arrependimento turbulento, perturbador e desanimador, nunca". [29]

4. *Calma por ocasião das quedas.* — Vê-se das citações precedentes, e há de ver-se melhor ainda das que se seguem, que o Santo doutor não recomenda a serenidade



e paciência consigo mesmo sòmente às almas justas e inocentes, mas até e sobretudo às que tiverem a infelicidade de cair em faltas.

"Se vos suceder alguma vez perder a paciência, não vos perturbeis, mas procurai tranquilizar-vos logo com todo o cuidado e serenidade. Refletis demais sôbre os ímpetos do vosso amor-próprio, ímpetos sem dúvida freqüentes, mas nunca serão perigosos, contanto que, sem vos enfadar pela sua importunidade e sem vos admirar da sua freqüência, digais tranqüilamente: *Não!*

Caminhai com simplicidade, não ambicioneis tanto o repouso do espírito, e tê-lo-eis com certeza". [30]

"Tende paciência com todos, mas sobretudo convosco, quero dizer, não vos perturbeis por causa das vossas imperfeições e tende sempre coragem para vos emendar delas. Estimo muito que todos os dias recomeceis, porque não há melhor meio de acabar bem a vida espiritual do que sempre recomeçando e não pensando nunca ter já feito muito". [31]

5. *Suportar os próprios defeitos com uma aflição tranqüila e corajosa.* — "Não vos aflijais nem admireis de sentir ainda vivas em vossas almas as imperfeições que me contastes; porque, se bem que seja necessário combatê-las e detestá-las para lograr emendar-vos, não é mister que vos aflijais assim tão desgostosamente, mas sim que tenhais uma aflição corajosa e tranqüila, que vos inspire um propósito firme e seguro de emenda". [32]

"E' urgente fugir do mal? Pois fujamos, mas plàcidamente, sem perturbações; porque, se assim não fôr, pode acontecer que, fugindo dêle, vamos nêle cair e dar ensejo ao inimigo de nos tirar a vida... Até na penitência há de haver placidez e serenidade. *Eis que,* dizia êste penitente, *a minha amaríssima amargura está em paz"* (Is 38,17). [33]

"Só o pecado deve desgostar e afligir; e no extremo dêste desgôsto deve ainda despontar uma santa alegria e consolação". [24]

"Quem só vive em Deus não se entristece nunca, senão por ter ofendido a Deus; e a sua tristeza resume-se numa profunda, mas tranqüila e plácida humildade e submissão, após a qual se levanta na bondade de Deus, por uma doce e perfeita confiança, sem pesar nem despeito". [25] *

"Em uma palavra: não vos aborreçais, ou, pelo menos, não vos deixeis apoderar da perturbação que vos tem dominado, nem vos deixeis abalar com aquilo mesmo que vos tem abalado, nem vos deixeis dominar da inquietação que vos tem inquietado por essas paixões perturbadoras. Retomai posse do vosso coração, e colocai-a plàcidamente nas mãos de Nosso Senhor... Dominai e refreai o vosso coração, quanto puderdes, até ficardes tranqüilos com vós mesmos... ainda que bem dignos de compaixão..." [26]

"E' necessário ter paciência consigo mesmo e afagar o coração, animando-o, e, quando estiver muito irritado, é preciso segurá-lo como a um cavalo enfreado e fazê-lo entrar firmemente em si mesmo, sem o deixar correr após os sentimentos". [27]

"Tende todo o cuidado em não vos perturbardes quando cometerdes alguma falta; porém humilhai-vos, desde logo, na presença de Deus, e isto com uma humildade amorosa e doce, que vos conduza à confiança de recorrer imediatamente à sua bondade e dar-vos a segurança de que

*) "Não te assustes por causa de tua fraqueza nem de tua inconstância. Jesus é bom e poderoso. O teu passado Êle o pode reparar num instante. Deixa-te cativar pela sua graça. Êle fará de ti a conquista do seu amor. O segrêdo de encantar o coração de Jesus e de tudo obter dêle consiste em jamais duvidares da sua bondade..." J. Schrijvers C.SS.R.: Le Divin Ami, p. 14.



vos há de amparar no empenho da vossa emenda... Quando vos suceder cair em algum pecado, seja qual fôr, pedi plàcidamente perdão a Nosso Senhor, dizendo-lhe que estais bem certos de que Êle vos ama muito e vos perdoará. E isto fazei-o sempre com simplicidade e placidez". [28]

6. *Efeito da falsa humildade.* — Para com mais eficácia combater esta perturbação tão funesta, S. Francisco de Sales tinha o cuidado de desvendar a causa ordinária, para não dizer única, dêste estado moral: *o amor-próprio*, o amor com que cada um se busca a si mesmo. Já o havia dito S. Teresa: "Quando há verdadeira humildade, pode a causa reconhecer-se má e daí nascer o pesar; mas êste pesar não é acompanhado de perturbação nem de inquietação; é um pesar que não produz obscurecimento no espírito nem aridez; ao contrário, consola-o. Aflige-se a alma por haver ofendido a Deus, e, por outro lado, dilata-se na esperança da sua misericórdia. Tem luz para confundir-se, e para louvar a Deus, que tanto a tem suportado.

Não é assim a falsa humildade, inspirada pelo demônio: esta não tem luz para bem algum. Parece que Deus põe tudo a fogo e a sangue. E' uma das mais funestas invenções do demônio, e das mais sutis e dissimuladas". [29]

Não é outra a razão por que a perturbação do pecado é um mal tão comum. Humilhar-se nas suas misérias — disse um bom sacerdote — é uma coisa boa que poucas pessoas compreendem; inquietar-se e indignar-se é coisa que tôda gente conhece e que é má, porque o amor-próprio tem sempre a maior parte nesta espécie de inquietação e despeito". [30]

E' bem fina a observação que Frederico Ozanam fêz a êste respeito: "Há duas espécies de orgulho: um que vive contente de si, e é o mais comum e menos perigoso; outro que anda descontente de si porque espera muito de

si mesmo e se vê enganado nas suas esperanças. Esta segunda espécie é muito mais refinada e perigosa".

7. *Desassossêgo e perturbação, conseqüências do amor-próprio.* — E' ao amor-próprio, disfarçado sob a máscara da humildade, que o nosso bom Santo ataca em todos os seus ardis. Aquela excessiva ansiedade da alma, mais inquieta por saber que está curada do que em se curar; aquêles secretos despeitos em não querer fazer a paz com a sua consciência, achando mais cômodo abandoná-la como incorrigível; aquelas melancolias em que se imerge, a constante e exclusiva contemplação das faltas próprias e de si mesma, a necessidade que tem de gemer e lastimar-se mais diante dos homens do que diante de Deus, com um imperceptível desejo de ser lastimada e acariciada: em todo êste queixoso pesar o sábio doutor põe o dedo e mostra que "todo êle é obra de um certo pai espiritual que se chama *amor-próprio*".

"Um modo de fazer um bom uso da mansidão é aplicá-la a nós mesmos, não nos irritando contra nós e nossas imperfeições; o motivo, pois, que nos leva a sentir um verdadeiro arrependimento de nossas faltas, não exige que tenhamos uma dor repassada de aborrecimento e indignação. E' quanto a êsse ponto que erram muitos continuamente, agastando-se por estarem agastados e amofinando-se por estarem amofinados, porque assim conservam aceso no coração o fogo da cólera e, bem longe de abrandar dêste modo a paixão, estão sempre prestes a exasperar-se à primeira ocasião que se oferecer.

Demais, estas iras, despeitos e exasperações contra nós mesmos, conduzem ao orgulho e outra origem não têm senão o amor-próprio que, por nós sermos tão imperfeitos, se perturba e inquieta". "

8. *Estima exagerada de nós próprios.* — "Não nos embaracemos com a tristeza e o desassossêgo. Tais perturbações é o amor-próprio que as produz, incutindo-nos o pesar de não sermos perfeitos, e mais pelo amor de nós mesmos do que de Deus... Gostamos muito de chorar os nossos defeitos: tanto isto nos consola o amor-próprio!" "

"Parece-nos que tudo está perdido quando algumas contrariedades se nos defrontam, até quando descobrimos apenas um leve traço de falta de mortificação, ou cometemos algum pecadilho insignificante". "

"O nosso primeiro mal é a estima de nós mesmos. Daí vem ficarmos surpreendidos, perturbados e impacientes quando nos acontece pecar ou cair em alguma imperfeição, visto pensarmos que somos alguma coisa boa, firme e sólida; todavia, ao ver que nada somos e darmos com o nariz em terra, perturbamo-nos ficamos tristes e descontentes por verificarmos que nos enganamos". "

9. *Corrigir-se com calma e mansidão.* — Tal o procedimento que S. Francisco de Sales opõe às agitações e ansiedades estéreis engendradas pelo amor-próprio. Parece tomar o partido do coração que perdeu fôrça, tanta comiseração tem para com êle; em vez de o tornar mais brusco e perturbado, eis como êle quer que seja tratado:

"Não atormenteis o vosso coração, nem mesmo quando êle se tiver desviado; tomai-o com tôda a cautela e reconduzi-o ao seu caminho!

Logo desde a manhã disponde a vossa alma para andar tranqüila, e tende o cuidado de, no correr do dia, a chamar muitas vêzes e colocá-la em vossas mãos. Se vos suceder algum caso triste, não vos espanteis; humilhai-vos tranqüilamente na presença de Deus e procurai pôr o vosso espírito em atitude de quem está tranqüilo e quieto. Dizei à vossa alma: Eia, demos um passo em falso; vamos agora devagarinho e tenhamos cautela conosco! Fazei isto tôdas as vêzes que cairdes". "

Deixemos penetrar a nossa alma sempre duma absoluta confiança em Deus e duma inteira desconfiança de nós mesmos, em todo o trabalho da perfeição.

E, antes de tudo, na vida espiritual, ajamos mais por *amor* do que por *temor*.

O amor dilata o coração, exalta as suas energias; o temor o comprime e aperta.

O amor engendra a confiança e a paz; o temor entretém o desassossêgo e a agitação.

Se olharmos para nós mesmos e para a nossa fraqueza, temor e desalento invadirão o nosso coração; se, porém, nos voltarmos para Jesus, que é bom e poderoso, penetrar-nos-á amor e confiança.

Deixemo-nos, pois, atrair por Jesus e não permitamos ao temor e à desconfiança perturbarem o nosso coração. Repilamos, neste mesmo instante, todo pensamento depressor, todo sentimento de tristeza ou de desânimo, pois são o fruto da confiança em nós mesmos.

Na nossa aspiração à perfeição, procedamos com *mansidão e calma*, e não com *violência*.

A violência é uma fôrça destrutiva; ela elimina, quebra, despedaça, destrói, mas não repara e não edifica.

A violência é uma fôrça transitória, e não atinge senão a superfície das coisas. A mansidão, pelo contrário, é durável, penetra até ao centro da nossa alma, até à região onde nascem os afetos, as emoções e as resoluções.

A mansidão é como um óleo que cura e fortifica. É, por excelência, o antídoto aos males do coração humano.

O homem se revolta contra a violência e se deixa ganhar pela bondade.

Tenhamos uma vontade sempre enérgica, mas nunca precipitada; um espírito sempre presente e precavido, mas nunca preocupado; um coração sempre forte e valente, mas nunca agitado...



Apliquemos êstes princípios às nossas relações com o próximo; mas apliquemo-los sobretudo ao nosso próprio coração. Não nos agastemos e irritemos nunca contra nós mesmos depois de têrmos dado uns passos em falso. Humilhemo-nos, sim, diante de Nosso Senhor, pedindo-lhe perdão confiantemente e tornemos a levantar com redobrada coragem: Jesus está conosco e nos ajudará...

Lembremo-nos ainda de que o único desejo do nosso Salvador, sua única preocupação de Redentor é perdoar as nossas faltas e conduzir-nos à santidade, à qual aspiramos por seu amor... *

10. *Exemplos de correção branda e persuasiva.* — O arrependimento de nossas faltas deve ter duas qualidades: a tranqüilidade e a firmeza. Não é verdade que a sentença de um juiz contra um criminoso, pronunciada com brandura e espírito tranqüilo, é mais conforme à justiça do que aquelas que são influídas pela paixão e por um espírito impetuoso, determinando o castigo não tanto pela qualidade do crime como pela atual disposição de quem o impõe? Digo também que mais eficazmente nos punimos de nossas faltas por uma dor calma e constante do que por arrependimentos exagerados, repentinos, cheios de amofinações e indignação, porque nesta excitação nos julgamos segundo a nossa inclinação e não conforme a natureza do êrro cometido...

Crê-me, a admoestação de um pai ao seu filho, feita com doçura, há de corrigi-lo mais fàcilmente do que um castigo severo, infligido num estado de excitação. De modo semelhante, se o nosso coração cometer alguma falta e nós o repreendermos com brandura e tranqüilidade, mais por compaixão para com êle do que por paixão contra êle, exortando-o a proceder melhor, êste modo de agir o tocará e encherá mais de coragem para a emenda

*) V. J. Schrijvers: Le Divin Ami, p. 44, 46 ss.

e arrependimento do que as repreensões ásperas que a indignação apaixonada lhe poderia fazer. Eu, por mim, se me propusesse, p. ex., evitar todo pecado de vaidade, e não obstante caísse, mesmo gravemente, não havia de repreender o meu coração dêste modo: Tu és verdadeiramente um miserável, um abominável, porque te deixaste seduzir pela vaidade depois de tantas resoluções! Que vergonha! não levantes mais os olhos ao Céu, cego, imprudente e infiel ao teu Deus!... e coisas semelhantes. Quisera, sim, corrigi-lo com modos razoáveis e compassivos: Pois bem, meu pobre coração, eis-nos de nôvo caídos na cilada que tínhamos resolvido evitar! Ah! levantemo-nos de nôvo e livremo-nos dela para sempre; imploremos a misericórdia de Deus; esperemos que Êle nos sustenha para o futuro e reentremos nos caminhos da humildade! Coragem! Deus nos há de ajudar e ainda faremos alguma coisa de bom...

Sôbre a suavidade desta branda correção queria eu fundar sòlidamente a resolução de não mais reincidir no mesmo pecado, procurando os meios conducentes a êste fim e principalmente o conselho do meu diretor.

Se, entretanto, o coração não fôr bastante sensível a estas repreensões, convém empregar meios mais enérgicos, uma repreensão mais forte e áspera para enchê-lo duma profunda confusão de si mesmo, contanto que, depois de tratá-lo com esta severidade, se procure consolá-lo com uma santa e suave confiança em Deus, à imitação dêsse grande penitente que, vendo a sua alma aflita, a alentava, dizendo: *Por que estás tu triste, minha alma? e por que me perturbas? Espera em Deus, porque ainda hei de louvá-lo: salvação de meu rosto e Deus meu!"* (Sl 42)."

11. *A perturbação dificulta a renúncia ao pecado.* — E' supérfluo observar que em todos êstes avisos tão cheios de caridade e tão seguros não há uma só palavra



que tranquilize e faça adormecer a alma no pecado. E como adormecer com uma serpente no seio?! Como, sobretudo se há culpa grave, não temer ao pensamento da morte, que de instante a instante pode eternizar remorsos e penas? Como não desvincilhar-se com tôda pressa dum inimigo cujos abraços podem, a cada momento, arrastar-nos para o abismo duma desgraça sem fim? E, ainda mesmo que as faltas não sejam graves, como guardar na alma máculas tão desagradáveis a Deus, e conservar um fardo que vai pouco a pouco arrastando, por um declive fatal, ao pecado mortal?

E' precisamente para facilitar a renúncia ao pecado que o amável doutor recomenda que nos não perturbemos. Bem sabe êle que a agitação e o despeito não fazem nada de bom. Sabe, como hábil médico, que, para uma amputação difícil, é mister acalmar o doente em vez de o exacerbar, e que o êxito da operação será tanto mais pronto e seguro, quanto mais pausadamente ela fôr feita. Eis por que êle quer, antes de tudo, restabelecer o sossêgo da alma.

12. *Exemplo de S. Francisco de Sales.* — O que aconselhava aos outros, êle mesmo o praticava por ocasião das ligeiras imperfeições em que involuntàriamente incorria; e o melhor fecho que podemos pôr a êste capítulo será a citação dum dos seus biógrafos contemporâneos:

"Um dia, em que tive a felicidade de conferenciar com êle sôbre coisas espirituais, caí em dizer-lhe que os pecados veniais, ainda que pequenos, causavam não sei que perturbação e desassossêgo ao coração; e mal tinha soltado esta sentença, me replicou êle: Perdão, os pecados veniais não devem perturbar-nos nem inquietar-nos: devem, sim, causar-nos muito desprazer. A falta de tranqüilidade é obra do amor-próprio, que se incomoda com o trabalho que a prática da virtude impõe e com a obri-

gação de renunciar a alguma coisa; ao passo que o pesar é efeito da graça que no-la inspira por têrmos desagradado ao nosso Criador".

Eis como êle pensava no que respeita à dor que devemos ter das nossas faltas cotidianas, e também como êle procedia em semelhantes ocasiões, pedindo perdão ao doce Redentor das suas faltas, sem todavia se exasperar nem de modo algum aborrecer-se.

Anteu, lutando com Hércules, segundo nos descrevem os sábios da Grécia em suas poesias, não caía por terra sem que logo tornasse a erguer-se com fôrças novas e mais vigoroso que antes. Assim êste homem magnânimo, que continuamente estava em luta com as paixões, se acaso alguma vez dava um passo em falso, erguia-se corajosamente e continuava a sua emprêsa plàcidamente, tranqüilamente, sem se aborrecer, nem de modo algum desgostar-se". [47]

## CAPITULO III

## NÃO DESANIMEMOS POR CAUSA DOS NOSSOS PECADOS

1. Um piedoso eclesiástico estava a fazer o seu retiro sob a direção do Padre Rothaan. No meio dos santos exercícios, o ilustre jesuíta foi sùbitamente chamado a Roma, onde, logo depois, devia ser eleito Geral da sua Companhia. Tinha-se já despedido dos seus irmãos e pôsto a caminho quando, retrocedendo dum golpe, entra no quarto daquele exercitante, e diz-lhe: "Senhor padre, ia-me esquecendo duma recomendação de suma importância: suceda-vos o que sempre suceder, *não desanimeis nunca!*"

Palavra de ouro! A quantas almas seria necessário dizê-la e torná-la a dizer! S. João Crisóstomo não se cansava de repetir: "Não desespereis! Dir-vo-lo-ei em todos os meus discursos, em cada uma das nossas entrevistas, e, se me escutardes, ficareis curados!... Tem a nossa salvação dois inimigos mortais: a presunção na inocência e a desesperação depois da queda; mas êste último é o mais terrível". [48]

Com efeito, "*é pela esperança que nós somos salvos*" (Rom 8,24). À semelhança duma forte cadeia que desce do Céu e prende as almas, assim é a esperança. Quando as almas se prendem firmemente a ela, atrai-as pouco a pouco a sublimes alturas e as subtrai aos vendavais da vida presente. Mas a alma que, vencida pelo desânimo,

larga esta âncora santa, cai logo e perece, submergida no abismo do mal.

"Não o ignora o pérfido adversário das almas. Desde que nos vê alquebrados sob o pêso do sentimento das nossas culpas, precipita-se sôbre nós e arremessa aos nossos corações pensamentos desesperadores, mais pesados ainda que o chumbo, e, se os acolhemos, arrasta-nos o seu pêso, foge-nos a cadeia tutelar e rolamos ao fundo do abismo". [4]

2. *Dupla tática do demônio.* — Ai! quanto a experiência confirma a verdade destas últimas palavras! Vem do desânimo a imensa maioria das quedas não reparadas, que deram escândalo na Igreja, e a maior parte daquelas que só os anjos da paz conhecem e pranteiam. Se, em vez de desespêro, tivesse havido um arrependimento esperançoso, nada estaria perdido. Insinuando-se na alma perturbada por uma queda, que muitas vêzes foi apenas uma surprêsa, êste demônio do desespêro, à custa de mil argumentos, cada qual mais desanimador, acaba por lançar na alma o pensamento esmagador de Caim: *"E' grande demais a minha iniqüidade para que eu possa merecer perdão!"* (Gn 4,13).

Desde êsse momento, no dizer de S. Paulo, assenhora-se desta alma o príncipe das trevas; dirige-a, impele-a, precipita-a onde bem quer: *"Operatur in filios diffidentiae"* (Ef 2,2). E a razão é porque lhe comunica duas das mais diabólicas disposições: a aversão a Deus pelo pecado e o receio de Deus pelo desânimo. E Deus nos livre de crer que esta tentação só vem depois de faltas graves. Dela faz o espírito da mentira uma arma tanto mais terrível quanto mais hàbilmente dissimulada, para combater as almas virtuosas após as mais ligeiras quedas; e se não logra arrastá-las ao abismo dum desespêro completo, paralisa-as pelo menos no caminho do bem, desconcerta-as, distende-lhes os seus mais fortes laços, e



fá-las em breve decair do seu fervor para as mergulhar na melancolia e no relaxamento. Vem tudo à carga; já não se cuida mais em reparar as faltas, e daí nasce uma verdadeira tibieza, com seus estragos quase irreparáveis.

As nossas faltas, sobretudo as de todos os dias, fornecem a Satanás um meio fácil de conseguir tal resultado, e, se é na guerra contra a esperança que o espírito infernal mais lida por *transformar-se em anjo da luz* (2 Cor 11,14), fácil lhe é representar êste papel, contrapondo as nossas infidelidades sem-número às incessantes solicitações da graça, as nossas ingratidões aos benefícios de Deus, as nossas defecções às resoluções tomadas.

— Não é de justiça, exclama a alma no extremo do seu desânimo, que Deus esteja cansado e se tenha esgotado a fonte das graças de que não fiz senão abusar?! Deus abandona-me; tem todo o direito e razão. E' tempo de renunciar a uma emprêsa que as minhas repetidas quedas patentearam ser superior às minhas fôrças. Tive demasiada presunção a respeito da bondade de Deus e do que eu podia fazer. De que serve consumir-me em estéreis esforços para prosseguir todos os dias, sem nunca atingir o fim, na conquista duma santidade a que não posso chegar?

A experiência está feita. Levou-me ela à evidência do que para as minhas fôrças são demasiado altas estas sumidades. Para que estarei sempre a formar novas resoluções: *quamdiu ponam consilia in anima mea,* para afinal ter a dor de faltar a elas no decorrer do dia: *dolorem in corde meo per diem,* e encher de alegria o inimigo por muitas quedas: *usquequo exaltabitur inimicus meus super me?* (Sl 12,2-3).

Não é tanto pelas tuas faltas, ó alma desalentada, que teu inimigo exulta de prazer, mas sim por causa do abatimento em que te deixas cair depois e da desconfiança que elas te inspiram para com a misericórdia divina.

"Eis o maior mal que a uma criatura pode suceder, diz o ven. Padre Cláudio de la Colombière. Quando se pode evitar êste mal, nenhum há que não possa converter-se em bem e ter fàcilmente grandes vantagens...

Nada vale o mal que fazeis, em comparação do mal que vos causa a desconfiança. Confiai, pois, até ao fim, ordeno-vos com todo o poder que me delegastes sôbre vós. Se me obedecerdes neste ponto, eu respondo pela vossa conversão".[50]

3. *O doutor animador por excelência.* — Se ocasião houve em que êstes conselhos foram oportunos, é de certo em nossos dias. O desânimo, êste mal que paralisa tantos caracteres nobres e intenções retas nas esferas políticas e sociais, causa ainda maiores danos nas almas, até mesmo nas que sentem mais vivo desejo de agradar a Nosso Senhor.

"Felizmente, a sabedoria divina, diz S. Agostinho, possui o segrêdo de proporcionar aos homens, consoante as circunstâncias em que se acham, os remédios adequados às suas necessidades".[51] Na hora mais desalentada dum dos séculos de maior abatimento, no momento em que no século XVII iam despontar as desesperadoras doutrinas de Jansênio, a Providência suscita à vida, inspira a falar e a escrever e faz coroar doutor da Igreja universal a S. Francisco de Sales, o doutor animador por excelência. E com efeito, tudo eleva e reanima nos escritos do amável santo; e, assim como S. Bernardo desafiava os seus ouvintes a que lhe apontassem algum traço de menor doçura na fisionomia evangélica e tradicional da Mãe de Deus, assim podem desafiar-se os leitores de S. Francisco de Sales a que descubram, se são capazes, alguma coisa nêle que possa permitir ao maior pecador um só instante de desalento.

Ora, diz o eminente P. Faber, "a mais doce de tôdas as doutrinas, que S. Francisco de Sales por inspiração divina nos ensinou, é exatamente a que tem por objeto determinar o ponto de vista em que nos devemos colocar para julgar com retidão as nossas faltas".[52]



Em primeiro lugar, S. Francisco de Sales proíbe absolutamente que se perca a coragem após a queda, seja ela qual fôr. "Por Deus! Antes morrer que ofender a Nosso Senhor ciente e deliberadamente! Quando, porém, tivermos a desgraça de cair, antes perder tudo mais do que a coragem, a esperança e o firme propósito de emenda". "Se vos suceder cair em alguma falta, humilhai-vos e recomeçai, exatamente como se não tivésseis caído". Não é um grande mal a fraqueza, se uma coragem firme e sincera a vai reparando pouco a pouco, como eu vo-lo suplico".[53]

"E' certo que não nos devem agradar as nossas imperfeições; digamos com o Apóstolo: "*Ai de mim, miserável! quem me livrará do corpo desta morte?*"; mas nem tão pouco nos deverão assombrar ou desanimar. Aproveitemo-nos delas para crescer em submissão, humildade e desconfiança de nós mesmos, e não resultem nunca em desalento ou aflição da alma, muito menos ainda em desconfiança do amor de Deus para conosco. Deus não ama, é verdade, as nossas imperfeições ou pecados veniais, mas ama-nos a despeito delas. Assim como à mãe não agradam a fraqueza e enfermidade do filho, todavia não o deixa de amar por isso, porém ama-o terna e compassivamente. Da mesma sorte, embora Deus não ame as nossas imperfeições e pecados, não deixa de nos amar ternamente; o que fêz dizer David a Nosso Senhor: "*Compadecei-vos de mim, Senhor, porque sou enfêrmo!*"[54]

E' preciso armar-nos de uma coragem invencível para não nos cansarmos na luta contra nós mesmos, pois nunca havemos de deixar de ter alguma coisa a fazer e emendar... Não vêdes todos os dias como as pessoas, que aprendem esgrima, caem tantas vêzes? Sucede outro tan-

to com os que se dedicam à aprendizagem da arte hípica; caem a cada passo, e todavia não se dão por vencidos, pois uma coisa é ser uma vez subjugado, outra ser absolutamente vencido". [55]

E' boa a desconfiança que tendes das vossas fôrças, contanto que ela sirva de fundamento à confiança que deveis ter em Deus; se ela, porém, conduz ao desânimo, ao desassossêgo, à tristeza e à melancolia, então peço-vos encarecidamente que a repulseis como a tentação das tentações, e nunca concedais ao vosso espírito que dispute e replique em defesa da inquietação ou abatimento do coração, para o qual vos sentirdes inclinados..., ainda que seja sob o especioso pretêxto da humildade". [56]

* * *

Pode-se ver, em todos êstes textos, como S. Francisco de Sales combate o desânimo, atacando diretamente as suas causas. Por que é que tantas pessoas desanimam? E' porque exageram a fraqueza própria, ou então desconhecem a misericórdia de Deus, e, as mais das vêzes, por um outro motivo ao mesmo tempo. É, diga-se de passagem, um fenômeno estranho, mas todavia por demais comum. Cai o pecador porque desconhece a pobreza das suas fôrças e porque confia demais na misericórdia divina; cai, e, depois da queda, êstes dois sentimentos renascem em ordem inversa. A consciência da sua fraqueza toma proporções desmedidas e envolve a alma em um manto de tristeza e confusão que a esmaga; e Deus, a cuja ofensa ainda agora a presunção dum fácil perdão abria caminho mais livre, aparece agora como um vingador inexorável. A alma culpada tem mêdo dêle e de si tem vergonha; se não reage contra estas duas funestas tentações, renuncia cobardemente à luta, e, em vez de se arrancar das garras do pecado, sucumbe sem resistência nos braços dêle. O desânimo é a capitulação da vontade, uma resolução às avessas, cujo resultado fatal é muitas vêzes a impenitência final.



4. *O Coração de Deus sempre pronto a perdoar liberalmente.* — Quer o nosso Santo Doutor curar estas duas disposições geradoras do desânimo. Faz compreender à alma desejosa de se santificar que ela se embrenha em caminho longo e penoso e que a sua fraqueza está em completa desproporção com as dificuldades da viagem; mas, ao mesmo tempo, vai-lhe dizendo que ela pode tudo "*naquele que é a sua fôrça*", assim depois da queda como antes, e lhe patenteia em Deus um coração pronto a perdoar liberalmente e um braço onipotente para sustentar.

Tem a solidão os seus assaltos e o mundo os seus fracassos; em tôda parte devemos ter muita coragem, porquanto por tôda parte também o socorro do Céu assiste aos que em Deus confiam e que com humildade e doçura imploram a sua assistência paternal". [57]

"Deveis renovar todos os propósitos de emenda que antes havíeis feito; e, ainda que, não obstante tôdas as resoluções, continueis nas vossas imperfeições, não deixeis por isso de empreender uma firme emenda e apoiá-la na assistência divina". [58]

Ficai, pois, em paz... Quando nos suceder violar as leis da indiferença em coisas indiferentes ou por ímpetos repentinos do amor-próprio e das paixões, prostremos imediatamente, logo que possamos, o nosso coração diante de Deus e digamos com espírito de confiança e humildade: "*Misericórdia, Senhor, porque sou enfêrmo!*" (Sl 6,3). Ergamo-nos em paz e, tranqüilos, reatemos o fio da nossa indiferença e depois continuemos a nossa obra. Não é fôrça quebrar as cordas nem abandonar o alaúde, quando êle está desafinado: o que é preciso é aplicar o ouvido para saber donde vem o desarranjo e lentamente retesar a corda ou abrandá-la, conforme a arte o requer". [59]

"Consideras a altura da montanha da perfeição cristã e dizes: como hei de subir lá em cima? Coragem! As ninfas das abelhas, que estão principiando a tomar a sua forma, não têm ainda asas para voar sôbre os rios e ir colher o mel nas flôres das montanhas e das colinas; mas, nutrindo-se pouco a pouco do mel que as suas mães lhes preparam, as asas vão crescendo e tanto se fortificam que enfim tomam vôo até aos lugares mais elevados.

Na verdade, nós nos devemos considerar como pequenas abelhas no caminho da devoção e não podemos adquirir a perfeição duma vez, como quereríamos. Mas principiemos a trabalhar para isso, por nossos desejos e boas resoluções, e começarão a surgir-nos as asas.

Aguardemos, pois, o dia em que já sejamos abelhas espirituais e então voaremos. Alimentemo-nos, nesse meio tempo, com o mel suavíssimo de tantos ensinamentos que os Santos e Santas nos legaram, e roguemos a Deus, como o profeta-rei, *que nos dê as asas da pomba*, a fim de que não sòmente nos elevemos à perfeição da vida presente, mas também ao repouso da bem-aventurança eterna".

"Nunca se acaba; é preciso recomeçar sempre e fazê-lo de boa vontade. "Quando o homem tiver acabado — diz a Escritura — então estará no comêço" (Ecli 18,6). Bom é o que até agora temos feito; melhor, porém, há de ser o que vamos começar; e quando o tivermos concluído, começaremos de nôvo outra obra que será melhor ainda, depois outra, até que transponhamos as fronteiras dêste mundo para entrarmos em outra vida, que não terá fim, porque maior bem não nos será dado lograr.

Não choremos, pois, quando em nossa alma há trabalhos e preocupações; tenhamos coragem para avançar sempre mais, visto nunca devermos parar, e estejamos resolvidos a cortar, já que é uma necessidade aplicar a



navalha "até separar a alma e o espírito, os nervos e os tendões" (Heb 4,10).

5. *E' vencedor quem está pronto a combater.* — "E' pena que não baste, para atingir a perfeição, o desejo de a ter, e que seja mister adquiri-la ao suor do nosso rosto e à fôrça do trabalho!.. Mas sou tão imperfeito! — dizes-me. — E' bem possível, mas não apenas que poderás viver sem imperfeições, porquanto é isso impossível durante o tempo em que viveres na terra. O que é preciso é que não queiras essas imperfeições e que elas não vivam em teu coração, quer dizer, que as não cometas voluntàriamente nem queiras perseverar nelas. Sendo assim, fica tranqüilo e não te perturbes por causa da perfeição que desejarias ter: bastará que a tenhas quando morreres. Não sejas, pois, tão receoso. Caminha com segurança nos caminhos de Deus. Armado com as armas da fé, ninguém te poderá fazer mal".

"É, pois, necessário que te armes de muita paciência e coragem. Ah! que pena me fazem aquelas pessoas que, por se verem sujeitas a muitas imperfeições, depois de alguns meses de devoção, começam a inquietar-se, a perturbar-se e desanimar, já quase a sucumbir à tentação de deixar tudo e tornar atrás. Bem preciso é que, para exercitar a humildade, sejamos alguma vez feridos nesta batalha espiritual; mas o que não devemos é dar-nos por vencidos, a não ser que a vida se perca ou nos fuja a coragem. Ora, as imperfeições e pecados veniais não nos podiam privar da vida espiritual, porque esta não se perde senão pelo pecado mortal, e só nos poderão fazer perder a coragem. "*Livrai-nos, Senhor,* — dizia David — *da covardia e do desânimo*". Nesta guerra, em que nos empenhamos, seremos sempre vencedores com a feliz condição de querermos combater". [*]

---

*) Esta última frase faz lembrar a palavra do conde J. de Maistre: "Não há batalha perdida senão a que se crê perdida".

6. *As quedas.* — Devemos concordar que S. Francisco de Sales nestas diversas instruções se dirigia a pessoas já mais ou menos adiantadas nas vias da perfeição, e que as faltas, por causa das quais lhes suplicava que não desanimassem, eram de ordinário faltas veniais ou imperfeições.

E' certo, porém, que êle não excluía das suas instruções, tão cheias de suave coragem, as almas mais culpadas, e a tôdas, por mais graves que sejam as suas quedas, se dirige nestes têrmos, baseado sôbre as mesmos motivos:

"Alimentai a vossa alma duma confiança cordial em Deus; e, à medida que vos virdes rodeados de imperfeições e misérias, fazei reanimar a vossa coragem por meio duma esperança firme... Tende muita humildade, pois esta é a virtude das virtudes, mas a humildade generosa e plácida...

Certamente vos preferíeis sem faltas a ver-vos no meio de imperfeições, e de boa vontade eu faria o mesmo, porque então estaríamos no paraíso. Odiai, sim, as vossas imperfeições porque são imperfeições, mas amai-as porque vos fazem ver o vosso nada e miséria e vos asseguram a misericórdia de Deus... Eia, sus! devemos dizer depois da queda: Meu coração, meu amigo, em nome de Deus, coragem! Caminhemos, tenhamos cautela conosco e elevemo-nos ao nosso socorro, ao nosso Deus!" [44]

"Não impede que se progrida na piedade o cair alguma vez em pecado mortal, contanto que não seja com o desígnio de nêle atolar-se ou adormecer. Perde-se, é verdade, a devoção, pecando gravemente, mas recupera-se ao primeiro arrependimento verdadeiro que se tiver dêsse pecado, quando, como disse, se não tenha submergido por muito tempo na desgraça... Em todo caso, não percamos a coragem; antes consideremos a nossa fraqueza



com uma santa humildade, confessemo-la, exoremos o perdão e invoquemos do Céu o seu socorro". [45] *

Ponderemos bem as primeiras palavras desta última citação. Quedas graves, se não são acompanhadas de endurecimento no pecado, quer dizer, se não arrastam ao hábito de pecar, não sòmente não deixam vestígios depois de perdoadas, mas até não impedem que a alma se restabeleça imediatamente no terreno que havia alcançado na piedade. E' um tempo de demora, sem dúvida, um retrocesso, mas a absolvição ou a contrição perfeita neutralizam esta queda e reparam a lacuna.

— Mas, dir-me-ão, se o mal já fôr inveterado e se se houver atolado no pecado mortal?

— Nesse caso evidentemente, prolongando-se o tempo da parada e do retrocesso, serão maiores as perdas, mas não serão de todo irreparáveis. Com o perdão hão de reviver os méritos precedentes, porque assim o afirma a palavra sagrada: "*In iustitia quam operatus est vivet*" (Ez 18,22). [46] Serão necessários, talvez, esforços mais generosos, a fim de paralisar os maus efeitos dos hábitos contraídos durante êsse tempo fatal; mas, se se cresce na confiança em Deus na proporção das necessidades criadas por êsse endurecimento no pecado, "*é fácil ao Senhor* — diz a Escritura — *o enriquecer de repente um pobre. Põe a tua confiança em Deus e conserva-te firme no teu pôsto*" (Ecli 11,22-23).

E' por isso que o nosso Santo conclui: "Não entremos por forma alguma em desconfianças; porque, bem que sejamos miseráveis, não o somos tanto quanto Deus

---

*) E' ótima ainda a observação do ilustre jesuíta R. Plus: "O pecado nunca é um obstáculo ao nosso amor a Deus, nem ao amor de Deus a nós, quando, entre nós e o nosso pecado, se interpõem o arrependimento e a confiança. Vêde Madalena. Em Betânia, o Mestre a reclama. Na Cruz, êle a quer aos seus pés. Depois da ressurreição, êle a quer ainda no primeiro grupo ao seu sepulcro. Desesperar depois disto?" (Vivre avec Dieu, p. 85).

é misericordioso para os que têm vontade de o amar e nêle puseram a sua esperança".[27]

7. *Confiança inquebrantável em Deus.* — A verdade dêstes pensamentos há de sobressair melhor ainda, quando, na segunda parte do nosso livro, virmos o doutor da consolação servir-se da própria consciência das nossas faltas para redobrar a confiança na misericórdia divina. Bastam, porém, êstes excertos e considerações para fechar a porta à desesperança, em qualquer estado em que se ache a alma, para demonstrar que o receio inspirado pelo conhecimento da nossa fraqueza deve ser sempre temperado e dominado por uma confiança inabalável em Deus.

Insiste o nosso Santo particularmente na necessidade e maneira de conciliar estas duas disposições: "Devemos combater sempre entre o temor e a esperança, mas com o cuidado de sobrepor a esperança ao temor, considerando a onipotência daquele que é o nosso auxílio".[28]

"*Fazei penitência,* diz S. João, quer dizer, abatei êsses montes de orgulho, enchei êsses vales de tibieza e pusilanimidade, *porque se aproxima o Salvador*" (Lc 3,4-6). Ora, os vales que o glorioso Santo quer que se preencham são o receio que, sendo demasiado, leva ao desânimo.

A consideração das grandes culpas cometidas traz consigo um certo horror, um espanto e receio que abate o coração, e êstes são os vales que é mister encher de confiança e esperança, para o advento de Nosso Senhor.

A santa penitente Taís, dirigindo-se um dia a S. Pafúncio, lhe disse: "Meu Pai, que devo fazer? A recordação da minha vida miserável me espanta e assombra!" Ela havia sido uma grande pecadora e estava cheia de mêdo por causa dos pecados cometidos. O bom Santo lhe respondeu: *Tremei, mas tende esperança!* Tremei com mêdo de vos tornardes soberba e orgulhosa; mas tende



esperança, a fim de não cairdes na desesperação e no desânimo. Porque o receio e a esperança nunca devem andar desacompanhados um do outro, de modo que, se o receio não fôr acompanhado da esperança, não é o receio, mas a desesperança, e a esperança sem receio é presunção. "*Omnis vallis implebitur*": urge, pois, enchermos de confiança e ao mesmo tempo de temor de Deus êsses vales de desânimo, que o conhecimento dos pecados cometidos em nós produz".[29]

Lembremos, ainda, por fim, estas consoladoras palavras do profeta, confirmando tão bem, na sua bela linguagem bíblica, os ensinamentos do nosso Santo animador por excelência: "Bem-aventurado o homem que confia no Senhor e de quem o Senhor é a esperança. Será como a árvore que é transplantada sôbre as águas, a qual estende as raízes para a humidade, e não temerá a secura, quando vier o calor. Será sempre verde a sua fôlha, e em tempo de sêca não terá míngua, nem jamais deixará de dar fruto" (Jer 17,7-8).

8. *Recorramos à Virgem Maria!* — S. Francisco de Sales, ainda depois da sua morte, como se quisesse continuar a guerra que durante a vida tinha feito à desesperação, arrancou ao próprio demônio uma confissão repleta de incitamento para as almas mais criminosas.[30]

Touxeram para junto do túmulo do Santo Bispo de Genebra, no tempo em que se instituía o processo da sua beatificação, um jovem que, havia cinco anos, estava possesso do espírito maligno. Teve de se esperar a sua cura durante muitos dias, e entretanto foi êste desgraçado submetido ali, junto dos restos mortais do Santo, a um longo e repetido interrogatório, que lhe fizeram o bispo Charles Auguste de Sales e a Madre de Chaugy. Duma vez, como o demônio gritasse com mais furor e confusão, dizendo: "Para que hei de eu sair?!", a Madre Chaugy, com aquêle calor que lhe era peculiar, excla-

mou: "O' Santa Mãe de Deus, rogai por nós! Maria! Mãe de Jesus, socorrei-nos!"

A estas palavras, o espírito infernal redobrou os seus horrendos gritos, bradando: "Maria! O' Maria! Ah! eu não tenho Maria!... Não profiras êste nome; êle me faz tremer! Ah! se tivesse Maria por mim, como vós a tendes, não seria o que sou!... Mas eu não tenho Maria!" Todos choravam. "Ah! continuou o demônio, se eu tivera um momento só daqueles que vós desperdiçais, sim, um só momento e Maria, eu não seria demônio!"

Pois bem. *Nós que vivemos* (Sl 113,18) temos o momento presente para voltar a Deus, e Maria para nos obter a sua graça. Quem, pois, há de desesperar?

PARTE II

# APROVEITAMENTO DAS PRÓPRIAS FALTAS

## CAPÍTULO I

# UTILIZEMO-NOS DAS NOSSAS FALTAS PARA NOS HUMILHAR CONHECENDO A NOSSA ABJEÇÃO

1. *Deus nos permite tirar o bem do mal.* — Não desanimemos, nem mesmo nos surpreendamos das nossas quedas; essas disposições são necessárias, ao mesmo tempo que eminentemente salutares. Todavia, não constituem senão a parte negativa da arte de utilizarmos as nossas próprias imperfeições. Abordemos agora o lado positivo e indaguemos como, segundo a escola de S. Francisco de Sales, poderemos converter em proveito espiritual os pecados que cometermos, sem que êles percam alguma coisa da sua torpeza e da sua malícia.

E' claro que tal proveito não advém dos pecados considerados em si mesmos, mas sim da misericórdia divina e da graça de Cristo que, servindo-se das nossas iniqüidades, sabe fazer refulgir a sua bondade e das nossas fraquezas tirar proveito para a nossa salvação. O adubo da terra é, sem dúvida, uma corrupção, uma putrefação, e, contudo, observa S. Bernardo, "o lavrador e o jardineiro aproveitam-no para a cultura das terras, a fim de obterem frutos mais perfeitos e abundantes. Por tal arte serve-se Deus das nossas imperfeições para que as nossas almas produzam copiosos frutos de virtude, e a sua bondade, que sabe sempre pôr ao serviço da beleza da ordem divina a nossa vontade e as ações desordenadas, digna-se mui-

tas vêzes também empregá-las em benefício nosso".[1]

Êste proveito será tanto mais considerável quanto, por um lado, mais vivamente detestarmos os nossos defeitos, e mais implacável guerra fizermos contra êles, e, por outro lado, quanto maior fôr a nossa fé nos desígnios de Deus e mais ativamente nos associarmos a êstes, crendo que só para o nosso bem é que Êle permite os nossos desacertos.

Temos de penetrar nos planos do Redentor, tais como a Igreja os patenteia, combatendo Satanás com as suas próprias armas, voltando contra êle os seus artifícios e buscando remédio nos mesmos golpes que nos inflige.*

Dêste modo, por uma feliz experiência, vemos quanta verdade há nesta palavra de S. João Crisóstomo: "Muitas vêzes o demônio é-nos de grande utilidade; o preciso é fazê-lo servir ao nosso proveito. São inapreciáveis os benefícios que êle involuntàriamente nos prestará".[2]

Resume-os S. Agostinho nestas palavras: "*Tudo contribui para o bem dos que amam a Deus,* diz êle, repetindo S. Paulo; tudo, até as quedas, *omnia, imo ipsi lapsus in peccata;* pois delas podemos levantar-nos mais humildes, cautos e fervorosos; *nam ex casu humiliores, cautiores et ferventiores resurgunt*".[3]

E' o pensamento de S. Francisco de Sales: "Preciosas imperfeições! exclama êle; fazem-nos conhecer a nossa miséria, exercitam-nos na humildade, no desprêzo de nós mesmos, na paciência e na diligência".[4]

---

*) "Hoc opus nostræ salutis
Ordo depoposcerat.
Multiformis proditoris
Ars ut artem falleret,
Et medelam ferret inde
Hostis unde læserat".
(Hino da Paixão).



2. *Progresso na humildade.* — Falemos, em primeiro lugar, das primeiras das três vantagens, que das nossas quedas podem resultar: *a humildade;* pois é a primeira que o bem-aventurado bispo de Genebra assinala juntamente com S. Agostinho.

"Digne-se o Espírito Santo inspirar-me o que eu tenho a escrever-lhe, minha senhora, ou, se lhe apraz, minha querida filha. Para viver constantemente na piedade, não há como infundir no espírito as máximas de grande alcance e valor.

A primeira, que eu desejo conserve gravada no espírito, é a de S. Paulo: "*Tudo reverte em benefício dos que amam a Deus*" (Rom 8,28). E, na verdade, já que Deus pode e sabe tirar o bem do mal, para quem há de Êle fazê-lo senão para aquêles que sem reserva se dão a Êle? Sim, até os pecados (dos quais Deus, por sua bondade, nos defenda!) a Providência divina os faz servir à causa dos que lhe são dedicados. David não teria sido tão humilde se não tivesse pecado".[5]

"Deveis odiar os vossos defeitos... mas com um ódio sereno, encará-los com paciência e fazê-los servir para vos humilhardes na estima de vós mesmos... Tiremos proveito duma santa humilhação em que a nós mesmos nos entregamos".[6]

3. *A humildade, fundamento de tôdas as virtudes, como o orgulho, princípio de todos os pecados.* — Se há no mundo um tormento para os corações santamente ambiciosos da sua perfeição, é sem dúvida o duplamente sentirem a necessidade da humildade e das dificuldades de sua aquisição. Duma parte, esta virtude, base e fundamento de tôdas as outras, é tão necessária nesta vida mortal, é a mãe, a raiz e a seiva alimentadora de todos os demais bens; e doutra parte, quando parece que no solo corrompido do fundo de nossa miséria devia ela germinar e florescer espontâneamente, é aí que se encontra, e com

mais fundas raízes do que as dela, o orgulho, "princípio do pecado" (Êx 10,15), a querer sem cessar abafá-la.

Nada pode exprimir a astúcia e a fôrça dêste demônio da soberba, nem a habilidade e a multiplicidade de suas indústrias.

Verdadeira serpente, nascida conosco, queria enlaçar nas suas rôscas e infectar com seu veneno as nossas mais santas ações como as mais indiferentes, os pensamentos mais secretos e as intenções mais puras. "Alimenta-se muitas vêzes das nossas virtudes e busca confiscar em seu proveito os mais delicados dons de Deus, no intento de com êles se cevar".[7] Se parece dormir, é para melhor e mais à vontade desenrolar os seus anéis na nossa alma cheia de ilusões; se se mostra e se deixa ferir, é para triunfar à custa dos mesmos golpes que lhe damos. Finalmente, no dizer de S. Francisco de Sales, "o orgulho é um mal tão comum entre os homens, que nunca será demais que se lhes pregue e inculque a necessidade que todos têm de perseverar na prática da virtude santíssima e amabilíssima da humildade".[8]

4. *Nossas faltas, outras tantas janelas esclarecendo as nossas misérias.* — Contra tamanho inimigo duma virtude tão necessária, ninguém estará suficientemente armado e, já que não nos é dado exterminá-lo nesta vida, devemos, ao menos, conhecer àvidamente todos os meios de o enfraquecer e neutralizar-lhe as investidas. Ora, um dos mais eficazes dentre êsses meios é precisamente fornecido pelas nossas próprias faltas. À semelhança da mandíbula dessecada dum vil animal, a qual nas mãos de Sansão se transformou num engenho de morte contra os filisteus, podem também os nossos pecados, por mais hediondos que sejam, transformar-se numa potentíssima arma contra o orgulho e vir a ser, destarte, ensejo para operarmos a nossa salvação e perfeição.



Com efeito, se o orgulho provém duma estima e amor desordenado da nossa pretendida excelência, a humildade, diz o nosso amável Santo, essa vem do "conhecimento verdadeiro da abjeção própria voluntàriamente reconhecida". E que há mais de molde a dar-nos êste reconhecimento voluntário do que a consideração dos nossos pecados? São êles, verdadeiramente, na engenhosa expressão do P. Álvarez, outras tantas janelas, pelas quais entra a luz a incidir com maior clarão sôbre a nossa miséria".[9] *

Mais eficazmente do que as humilhações que nos vêm dos acontecimentos ou dos homens, as nossas quedas evidenciam e convencem de que as fôrças vivas mais íntimas da alma não valem nada. "E, diz S. Francisco de Sales, não nos faz preturbar êste conhecimento do nosso nada, antes torna-nos mansos, humildes e abate-nos a altivez; porque é o amor-próprio que nos faz impacientes ao vermo-nos vis e abjetos".[11]

— Mas eu sou tão miserável, tão cheio de imperfeições!

— Conheces bem o teu estado? Pois bendize a Deus por te dar tal conhecimento, e não te lamentes tanto. És bem feliz em conhecer que és a miséria em pessoa".[12]

"Devemos confessar a verdade: somos umas pobres criaturas que não podem fazer bem algum".[13]

"Eu te digo que serás mais fiel se fores humilde.

— E eu serei humilde?

— Sim, se quiseres sê-lo.

— Mas eu quero.

— Pois então és.

— Mas eu conheço que não o sou.

— Tanto melhor, pois isso serve para o sêres com mais firmeza".[14]

---

*) "O que pensam de mim?... Não sei. E pouco me importa! O que eu sou?... Ei-lo!... E o desprêzo de nós mesmos ainda nos é difícil?!" (R. Plus, S J "Vivre avec Dieu", p. 81).

"As imperfeições que cometemos em tratar dos negócios, tanto interiores como exteriores, são um motivo eficaz de humildade, e a humildade produz e alimenta a generosidade". [15]

Com efeito, como confiar em si e julgar-se alguma coisa, quando ao primeiro sôpro da tentação a derrota se verifica, quando vemos cederem as resoluções formadas e esvaírem-se como "uma centelha, como uma pouca de estôpa atirada à chama, *ut favilla stuppae... quasi scintilla*"? (Is 1,31).

Ah! como o orgulho se enfraquece naquele em quem uma queda mostra a realidade da sua miséria, e como então a humildade assenta melhor na verdade! Não se julga ouvir uma voz bradar: "*Recta iudicate!* Sejam retos os vossos juízos!"? (Sl 57,1). "Eis-vos pesados na balança, e viu-se que não tínheis o pêso que queríeis" (Dan 5,27). "Pensáveis que éreis mais, e eis que sois menos" (Ag 1,9).

5. *Três espécies de cajados.* — Tal é, segundo os Santos doutôres, o principal desígnio de Deus, permitindo os nossos pecados. "O Bom Pastor usa três espécies de cajados para com as suas ovelhas: um, de correção: as adversidades; outro, de provação: as tentações; o terceiro é um cajado de indignação, e êsse consiste em permitir que pequemos.

Sob o pêso de qualquer dêles, o homem é forçado a reconhecer o seu nada e humilhar-se; mas nunca melhor o faz do que quando está sob o jugo do terceiro; pois é na observação das suas quedas que êle vê realmente a sua miséria, no dizer de Jeremias: "Eu sou um homem que vejo a minha indigência sob a vara da indignação do Senhor" (Lam 3,1).

Êste cajado é tão salutar que Deus não hesita em empregá-lo ainda com os seus melhores amigos. Como a sua humildade encontra nas próprias virtudes o mais temível escolho, deixa-os Deus às vêzes cair em imperfeições ou lhes permite que as suas antigas inclinações más levantem de súbito a cabeça, para lhes fazer ver pela experiência da sua fragilidade que não podem contar com as suas fôrças". [16]



"Permite Nosso Senhor, continua o nosso Santo, que nestes pequenos encontros fiquemos por baixo, para que nos humilhemos e saibamos que, se vencemos certas tentações maiores, não foi por nossas fôrças, mas pela assistência da sua divina bondade". [17]

"Tende paciência... Se Deus vos deixar tropeçar, será para vos fazer conhecer que, se Êle vos não amparasse, cairíeis redondamente". [18]

6. *A humildade se alimenta dos sofrimentos causados pelas imperfeições.* — "Curou Deus a alguns de repente, sem lhes deixar vestígios das enfermidades passadas, como o fêz a respeito de Madalena, a qual, em um instante, de um enxurro d'água corrompida, foi transformada em fonte d'água perfeita e límpida, e nunca mais, desde aquêle momento, foi turbada. Mas também êste mesmo Deus deixou em muitos de seus caros discípulos não poucos vestígios de más inclinações algum tempo depois de convertidos, para a maior utilidade dêles, como testemunha S. Pedro, o qual, depois da sua primeira vocação, muitas vêzes tropeçou em imperfeições e até uma vez caiu de todo e tão miseràvelmente, quando negou o seu divino Mestre.

Diz Salomão que *é insolente uma escrava que de súbito se faz senhora de casa* (Prov 30,23). Se a alma, que por muito tempo foi escrava das paixões, se tornasse de um momento para outro perfeita senhora de si mesma, correria o perigo de se tornar orgulhosa e vaidosa. Há de ser pouco a pouco, palmo a palmo, que devemos adquirir êste domínio, em cuja conquista os santos e santas gastaram muitas dezenas de anos". [19]

"Ficai em paz e suportai com paciência as vossa pequenas misérias. Sois de Deus sem reserva; Êle vos conduzirá bem. Se vos não livra tão depressa de vossas imperfeições, é para o fazer com mais utilidade para vós e exercitar-vos por mais tempo na humildade, a fim de que fique esta querida virtude bem arraigada em vossa alma".[20]

Sabeis que já muitas vêzes vos disse que devíeis ser igualmente afeiçoados à prática da fidelidade para com Deus e à humildade; da fidelidade, para renovardes as resoluções de servir à bondade divina tantas vêzes quantas as violardes, apesar de tôda a vossa cautela em não as transgredir; da humildade, para, no caso de as violardes, reconhecerdes a vossa miséria e abjeção".[21]

"Aquêles que aspiram a ter um amor puro a Deus não têm tanta necessidade da paciência para com os outros quanto consigo mesmos. Para sermos perfeitos, precisamos suportar as nossas próprias imperfeições. Eu digo *suportar com paciência* e não *amar e nem acariciar*. Dêste sentimento é que se alimenta a humildade".[22]

7. *Certos pecados menos graves que o orgulho servem para curá-lo.* — Ponderemos bem. A doutrina do nosso Santo, como a dos outros doutôres, não é aplicável sòmente a faltas leves. S. Isidoro[23] e S. Tomás[24] afirmam que, para punir o orgulho, permite Deus algumas vêzes quedas graves em pecados hediondos.

Como êstes pecados não são tão graves como a soberba, serve-se delas a divina Misericórdia, dizem êles, para assustar, abalar e reconduzir a si a alma orgulhosa: "*ut per hanc humiliatus a confusione exsurgat*", à semelhança do médico hábil que, para curar uma enfermidade mais séria, deixa que o seu doente se debata nos braços dum mal quiçá mais doloroso, porém menos perigoso.

A êste propósito escreveu excelentemente o célebre publicista moderno Luís Veuillot: "E' uma graça feita à



miséria do homem o resvalar êle quando passos mais firmes podiam levá-lo aos funestos excessos do orgulho".

Faz S. João Crisóstomo reflexões análogas: "Deus permite às vêzes que os pecados das almas nobres e generosas sejam conhecidos. Havia-se introduzido nelas a vaidade das intenções, e por isso quer o Senhor por meio das suas faltas despojá-las dessa glória popular por amor da qual arrostaram com os perigos de tôda espécie, e, mostrando-lha efêmera como a flor dos campos, leva-as a consagrar-se a Êle sem reserva e a considerá-lo como o único fim de tôdas as suas ações".[25]

E, depois de citar ilustres penitentes, a quem a meditação sôbre os benefícios de Deus e a consciência de ligeiras imperfeições enchiam de compunção, o Santo bispo de Constantinopla acrescenta: "Para nós, são insuficientes êstes remédios. Para triunfar do orgulho carecemos doutra fôrça, e qual? A multidão de nossos pecados e a perversidade da nossa consciência que, achando pouco ternos afundado em mil torpezas, ousa ainda deixar que nos enchamos de orgulho".[26]

Falam a mesma linguagem muitos outros Padres da Igreja. S. Agostinho se abalança a dizer: "De preferência vê Deus más ações acompanhadas de humildade, do que obras boas inquinadas de orgulho".[27] S. Gregório de Nissa: "Um carro cheio de boas obras, conduzido pelo orgulho, leva ao inferno; conduzido pela humildade, um carro cheio de pecados leva ao paraíso". "Sucede às vêzes, diz S. Gregório Magno, que aquêle que se vê coberto de muitas manchas aos olhos de Deus é todavia mais ricamente adornado com o vestido duma humildade mais profunda".

S. Bernardo termina assim uma magnífica apologia da virgindade e da humildade: "O pecador que, para ir nos passos do Cordeiro, segue as sendas da humildade, trilha um caminho mais seguro do que o homem que, na

candura de sua virgindade, segue os caminhos do orgulho; porque a humildade daquele há de expurgá-lo das suas impurezas, ao passo que o orgulho dêste há de forçosamente manchar a sua pureza". [29]

8. *Gravidade do orgulho; benefícios das imperfeições.* — Ser-nos-ão desculpadas tão numerosas citações. O assunto é a um tempo tão importante e delicado, que temos necessidade de nos entrincheirar por detrás das grandes autoridades. Além disso, nem sombra de exageração descobriremos nos textos aduzidos, se sèriamente quisermos meditar sôbre a tese admiràvelmente demonstrada na *Suma de S. Tomás* (*quaest.* 102, *art.* 6):

"O orgulho é por sua natureza, *secundum genus suum,* o pior de todos os pecados, mais grave que a infidelidade, a desesperação, o homicídio, a luxúria, etc.". E a razão, continua o Anjo da Escola, está na aversão a Deus que êle importa. O homem, nos outros pecados, desvia-se de Deus por ignorância, por fraqueza ou pelo desejo dum bem qualquer; ao passo que pelo orgulho desvia-se de Deus ùnicamente porque não quer submeter-se a Êle e à sua lei. E' por isso, diz Boécio, que, enquanto todos os vícios fogem de Deus, só o orgulho o encara de frente, altivo. Daqui vem, no dizer de S. Tiago, que *Deus resiste aos soberbos* (Tgo 4).

Dêste modo é que a aversão a Deus e aos seus mandamentos constitui a própria natureza do orgulho, cuja essência é o desprêzo de Deus, enquanto nos outros pecados êsse desprêzo é apenas uma conseqüência dêles. E como o ser, que subsiste por si mesmo, sobreleva sempre ao que subsiste só em virtude duma causa estranha, segue-se que o orgulho é por sua natureza o mais grave dos pecados, sendo que a todos excede na aversão a Deus, e está nisso a sua malícia formal.

"Se não pudermos adquirir muitas virtudes, dizia S. Joana Francisca de Chantal, tenhamos ao menos a humildade". Que felicidade! E' precisamente sôbre esta ausência de virtudes sinceramente reconhecida, quer dizer, sôbre a noção verdadeira que as nossas faltas nos dão da nossa pobreza espiritual e do nosso nada, que podemos assentar a virtude-mãe de tôdas as virtudes. Como não exclamar com o nosso amável Santo: "Queridas imperfeições, que nos fazem reconhecer a nossa miséria e nos exercitam na humildade!" Como não aplicar o *"felix culpa!"*, ó culpa feliz! a cada uma das nossas quedas?

"Não vos regozijaríeis, escrevia uma santa Filha da Visitação, não vos regozijaríeis à vista duma inundação, que, embora fôsse a causa de deploráveis desastres, houvesse acarretado para um terreno vosso excelentes pedras, que destinaríeis para os alicerces dum palácio que queríeis edificar? Ora, a humildade é chamada fundamento e alicerce do edifício espiritual, que Deus, *só ao qual pertence edificar* como diz o profeta (Sl 126), não construirá nunca senão sôbre o grande plaino que lhe tivermos cavado com o verdadeiro reconhecimento do que somos". [30]

9. *A lembrança das nossas quedas, poderoso remédio contra o orgulho.* — Uma vez ainda, pode ser mais seguramente formado êste salutar conhecimento, e mais profundamente cavado êste vácuo do que pelas nossas faltas? Derribam e fazem desabar peça por peça o madeiramento imaginário das nossas fôrças e não tardamos a ver-nos caídos no abismo do nosso nada, amparados e sustentados ùnicamente pela Misericórdia divina.

Preciosa descoberta! Aguardava-a Deus: vê a humildade dos seus servos, e tanto resiste aos soberbos, como dá a sua graça aos humildes. Esta graça que, no dizer de S. Agostinho, inunda a nossa alma na medida do nosso abatimento e lança no fundo do nosso nada reconhecido as bases duma verdadeira santidade, mais ao abrigo, doravante, dos assaltos do orgulho.

Se então a vaidade tentar de nôvo penetrar dentro dêste nôvo edifício, uma palavra a expulsará: *Peccavi*, pequei! Eis aí a minha obra, tudo mais é de Deus! A exemplo de um sucessor eminente de S. Francisco de Sales, da recordação de minhas quedas passadas hei de fazer um livro íntimo a que porei o título: "*Remédio contra o orgulho*", e as suas páginas hei de lê-las e torná-las a ler; delas exalar-se-á o odor do meu nada, e o verme do meu orgulho morrerá envenenado.

Quanto mais alto me elevar Deus, ainda que fôsse ao terceiro céu com S. Paulo, mais, à imitação dêste Apóstolo, eu hei de encontrar também, na recordação das minhas infidelidades antigas, um contrapêso aos favores do Céu, que há de sustentar-me no justo desaprêço de mim mesmo. Assim, seguirei o conselho do Espírito Santo: "Nos dias felizes, não vos esqueçais do mal" (Ecli 11,27).

Na vida de S. Gertrudes lê-se que Deus a deixava a braços com muitas enfermidades espirituais, como salvaguarda da humildade dela. Afligia-se essa serva de Deus, e, cedendo às suas instâncias, uma piedosa mulher fazia orações por ela, havia já algum tempo, quando Nosso Senhor lhe disse um dia: "Êsses defeitos de que a minha amada se lastima são para ela de muito proveito. Todos os dias derramo em sua alma uma tal abundância de graças, que, para preservar a sua fragilidade humana dos assaltos da vaidade, devo ocultar-lhe muitas dessas graças debaixo da nuvem dessas faltas leves. O adubo fecunda a terra: a consciência que uma alma tem da sua falta de fôrças faz germinar nela o reconhecimento, e, de cada vez que assim se humilha das suas faltas, dou-lhe uma graça que as destrói; pouco a pouco, vou mudando os defeitos em virtudes, e a alma surpreender-se-á ao ver-me, um dia, inundada duma luz sem sombras".

10. *O reconhecimento para com Deus.* — O reconhecimento para com Deus é, pois, um outro fruto que a



recordação das nossas faltas perdoadas deve produzir e fazer germinar.

A humildade em sua essência é verdade; e, ao mesmo tempo que nos desvenda o nada donde fomos tirados, põe em relêvo o bem, que em nós procede de Deus, como de sua causa primária. Dêste modo, quanto mais esclarece a nossa alma sôbre a sua baixeza, tanto mais refulgir faz, a nossos olhos, num contraste esmagador, a grandeza e multiplicidade dos benefícios de Deus, e conseguintemente, mais também nos facilita o reconhecimento para com o "Autor de todo dom perfeito" (Tgo 1,17).

Não é êste um dos menores proveitos que das nossas faltas podemos auferir. Filha do orgulho, a ingratidão é um pecado geral, que se difunde por sôbre todos os outros pecados, tornando-os enormes. É, no dizer de S. Bernardo, um vento que desseca e estanca as fontes da graça. Ora, êste vício não pode ser mais vitoriosamente combatido do que pela consideração das nossas infidelidades, postas em confronto com as persistentes misericórdias de Deus.

"Sem dúvida, nada é tão próprio para nos humilhar ante a misericórdia de Deus do que a multidão de suas graças e a multidão dos nossos pecados ante a sua justiça. Consideremos, pois, com muita atenção, o que Deus fêz por nós e o que nós fizemos contra Êle. Ao passo que examinamos os nossos pecados um por um, examinemos também uma por uma as graças que Deus nos concedeu. *

---

*) E nada, realmente, é mais atormentador. Quando o homem considera, no fundo de si mesmo, com os olhos queimados de amor, a imensidade de Deus, sua fidelidade; quando medita na Sua essência, no Seu amor, nas Suas provas de amor, nos Seus benefícios; quando o homem, em seguida, contemplando-se a si mesmo, conta os atentados contra êsse Senhor imenso e fiel, volta-se êle para o próprio fundo do seu interior com uma tal indignação e um tal desprêzo de si mesmo, que já não sabe o que empreenda para satisfazer o seu horror" (Ruysbroeck).

Não receemos que nos encha de orgulho o reconhecimento do que Deus tem feito por nós, contanto que nunca esqueçamos que tudo quanto há de bom em nós não é nosso. Porventura, os animais de carga não permanecem grosseiros e brutos, embora caminhem carregados com os trastes preciosos e perfumados dum príncipe?

*Que temos nós de bom que não tenhamos recebido? E, se os havemos recebido, para que nos orgulharmos disso?* (1 Cor 4,7).

Ao contrário, a viva recordação das graças recebidas nos torna humildes, porque o conhecimento dum benefício produz naturalmente o seu reconhecimento; e, se esta consideração excitar em nós alguma complacência de vaidade, temos um remédio infalível contra êste mal na lembrança de nossas ingratidões, imperfeições e misérias. Sim, se considerarmos o que fizemos, quando Deus não estava conosco, havemos de conhecer que o que fazemos, quando Êle está conosco, não vem impresso com o cunho da nossa individualidade, não é obra só nossa.

Exultaremos certamente e regozijar-nos-emos do bem que Êle depositou em nós e porque somos nós que O possuímos; mas tôda a glória é devida ùnicamente a Deus que é o seu autor.

Assim confessou pùblicamente a Santíssima Virgem que Deus tinha operado nela grandes coisas e fêz isso ao mesmo tempo para se humilhar e para dar glória a Deus". [illegible]

Deixai que a memória vos lembre as faltas e infidelidades da vossa vida, para humilhação e emenda vossa, e não vos esqueçais dos benefícios de Deus recebidos para lhos agradecerdes. Dizei ao vosso coração.: Eia! não queiras ser mais infiel, ingrato e desleal ao teu grande benfeitor. E como será possível que minh'alma não fique doravante sujeita a Deus, que em mim fêz tantas maravilhas e tantas graças?!" [illegible]



Meditemos ainda estas simples, mas tão conceituosas palavras: *Ver as suas trevas é possuir uma grande luz"* (R. Plus).

*"À medida que avançares em humildade, Deus fará brilhar a sua luz nas tuas trevas e verás os teus defeitos"* (J. Schrijvers).

11. *Luz e trevas.* — Para comentar em poucas palavras a verdade enunciada nas duas últimas citações acima, recorramos a uma comparação.

Quando se entra num quarto completamente às escuras, nada se enxerga, por mais que se esforce a vista. E' possível que haja muita poeira nos móveis, muitas teias de aranha pelas paredes, e até camadas de barro no soalho — nada se percebe como se nada disso existira. Enquanto as janelas permanecerem fechadas, enquanto não entrar um raio de luz no tenebroso recinto, tudo se passa como se estivesse o quarto muito limpo e asseado; a imudície existe, mas é invisível por falta de luz.

Logo, porém, que se abra a janela e se deixe penetrar a claridade do sol, aparece imediatamente tôda a desordem e desasseio do interior. Não foi certamente a luz que o produziu; esta apenas o tornou visível aos olhos do visitante; a falta de asseio já existia, muito real, antes que a luz entrasse.

Ora, para nos melhorarmos, para repararmos os nossos desacertos e avarias é mister, antes de mais nada, conhecer perfeitamente os respectivos defeitos. Para aplicar algum antídoto ou remédio, é necessário ter um exato conhecimento da enfermidade. Em outros têrmos: antes de tudo é preciso que se abram bem as janelas do nosso interior, para que a claridade do Sol divino possa derramar nêle os seus raios e devassar os íntimos refolhos da consciên-

cia. E' o que se faz invocando o Espírito Santo, para que nos faça conhecer o estado moral em que nos encontramos. Não é suficiente o pobre candieiro da razão humana; é necessária outra luz mais forte, é mister que venham das alturas celestes os jorros vivíssimos do Sol divino; sem êle, tudo fica às escuras; sem êle não somos capazes de conhecer devidamente o que há no misterioso labirinto da nossa alma.

Quanto mais abundante e mais intensa fôr esta luz sobrenatural mais claro e perfeito será o conhecimento dos nossos pecados e das nossas faltas, ainda das mais insignificantes.

O divino Espírito Santo será nosso guia infalível em tôda a obra do aperfeiçoamento espiritual. Lamentàvelmente, a sua benéfica e divina atividade nos passa quase de todo despercebida, demasiadamente habituados e inclinados por natureza que estamos a julgar tudo o que observamos com os nossos olhos materiais. Tivéssemos abertos os olhos da nossa alma! Veríamos milagres a cada passo, milagres contìnuamente operados pela graça divina; veríamos o campo de ação do Espírito Santo em tôda a sua sublimidade e beleza...

Por que, pois, não havemos de recorrer de preferência ao nosso hóspede divino, ao amigo mais interessado em nosso adiantamento espiritual, à fonte de tôdas as graças e benefícios, ao princípio vital das nossas aspirações e dos nossos ideais sublimes? Nossa alma encher-se-á de luz, de paz, de amor e de uma santa e invencível alegria, e verificar-se-á em nós o que o Espírito Santo anunciou pela bôca do seu inspirado profeta Isaías: "Eu derramarei água sôbre a terra sequiosa, e rios sôbre o solo sêco; derramarei o meu Espírito sôbre a tua posteridade, e a minha bênção sôbre a tua descendência. E êles crescerão



entre as verduras como os salgueiros plantados junto das águas correntes" (44, 3, 4).

12. *Indulgência para com a fraqueza dos outros.* — Por último quer S. Francisco de Sales que as luzes projetadas pelas nossas faltas sôbre a fraqueza, de que enfermamos, nos conduzam, pela humildade, à indulgência para com as fraquezas dos outros.

"Se formos humildes, diz êle, não nos perturbarão as nossas imperfeições, lembrando-nos das dos outros; pois, para que havíamos nós de ser mais perfeitos do que os outros? Do mesmo modo, ao recordarmos as nossas imperfeições, não nos hão de causar perturbações as do nosso próximo; pois, para que havíamos de estranhar que os outros tivessem imperfeições, visto termo-las nós e tantas?"

S. João Crisóstomo insiste, com aquela energia que lhe é habitual, sôbre êste resultado, tão pouco apreciado, a que, segundo o plano divino, as nossas faltas nos devem levar. Demonstra êle que, se o sacerdócio não foi confiado aos anjos, foi com o mêdo de que, na severa impecabilidade de que são dotados, chamassem pelos raios para fulminarem os pecadores. Não assim o homem que, por experiência própria, conhecendo a fragilidade humana, se condói naturalmente ao descobri-la nos outros.

Não é outra a razão, continua o Santo bispo, por que, outrora como hoje, Deus permite que os depositários da sua autoridade na Igreja cometam faltas, para que a consciência das suas quedas os faça mais humanos para com seus irmãos. E, provando a sua tese com dois exemplos, um do Nôvo Testamento, outro do Antigo, S. João Crisóstomo põe em cena o ardente e intrépido S. Pedro, não compreendendo como possa alguém escandalizar-se ou

envergonhar-se de seu Mestre, jurando-lhe três vêzes fidelidade inviolável, e em seguida renegando-o miseràvelmente, não sob a ameaça dalguma tortura ou da morte, mas simplesmente à voz duma criada.

Evoca depois o profeta Elias, cujo zêlo na sua impetuosidade arrasava batalhões e reduzia à fome um povo inteiro, e, logo depois, todo trêmulo de mêdo, fugia perdido diante de uma mulher irada, Jezabel. "Deus, conclui êle, permitiu a queda de Pedro, a coluna da Igreja, o pôrto da fé, o doutor do universo, para ensinar-lhe a tratar os seus irmãos com misericórdia; e, por uma permissão divina, também Elias caiu, para se revestir todo com o manto da caridade e se tornar indulgente como o seu Senhor". [24]

Retomava êste pensamento S. Bernardo, quando, comentando um provérbio, se expressava assim: "Quem passa bem não sente o mal alheio, e quem come bem não sabe quanto sofre o que não tem que comer. Quanto mais dois doentes se assemelharem entre si, mais profunda é a pena dos males que sofrem... Para condoer-se das desgraças alheias, é necessário tê-las experimentado em si. E' sòmente conhecendo-nos bem que poderemos sentir na nossa a alma do nosso irmão e saber como dar-lhe auxílio". [25]

E' ainda fato que no dizer do Padre Schrijvers, quanto mais nos aproximamos de Deus, tanto mais indulgentes somos para com as misérias de outrem, porque o espírito de Deus é amplo e liberal, tolerante e infinitamente acima das nossas mesquinhas concepções humanas.

Ganharemos mesmo o coração dos homens, porque todos saberão que, perto de nós, a sua reputação está garantida.



A indulgência que se testemunha para com os defeitos e desacertos do próximo indica o quanto se tem compreendido a fraqueza humana em si e nos outros.

Apliquemos a nós estas lições. Enquanto nos conservamos de pé e não caímos, não podemos desculpar nem mesmo compreender como os outros podem cair; e por isso sentimo-nos escandalizados e revoltados contra as quedas dos nossos irmãos; e quantas vêzes um secreto orgulho, sob a aparência de zêlo, nos faz indignar contra as faltas dos outros! Prostre-nos, porém, uma falta semelhante, e vermos então como aquela severidade bem depressa se comuta em compaixão! Como se compreenderá então esta palavra de S. Agostinho: "Não há pecado que outrem possa cometer, de que eu não possa manchar-me também", e estas conceituosas palavras da *Imitação*: "Todos somos fracos; mas a ninguém tenhas por mais fraco do que tu"? [26]

## CAPÍTULO II

# SIRVAM AS NOSSAS FALTAS PARA AMARMOS A NOSSA ABJEÇÃO

1. *Grande graça é conhecer a própria abjeção e comprazer-se nela.* — "A perfeição da humildade consiste não em reconhecermos de bom grado a nossa própria abjeção, mas também em amá-la e comprazer-se nela, não por uma carência de ânimo e generosidade, mas sim para exaltar a Majestade divina e ter os nossos irmãos em muito mais elevado conceito do que a nós mesmos". [38]

"A humildade, diz também S. Madalena de Pazzi, não é mais do que o reconhecimento constante do nosso nada, e um perene contentamento o meio de tudo o que provoca o menosprêzo de nós mesmos". Ora, é a esta perfeição elevada que as nossas imperfeições podem e devem conduzir-nos. O raio de luz que elas projetam sôbre a nossa miséria não deve sòmente fazê-la conhecer, mas amá-la e querê-la também.

"Conhecer a própria abjeção e comprazer-se nela é uma das maiores misericórdias de Deus; porque é fazer-nos tirar da perdição a salvação, como Êle sabe fazer servir para a sua maior glória as nossas culpas. A esta luz compraz-se a alma em se ver mergulhada na lama das suas misérias, cercada do cortejo das humilhações, como Job das suas dores; e, vendo-se assim rebaixada, compraz-se, porque com isso pode honrar e exaltar a bondade de Deus.



Se uma alma se reconhece miserável por suas quedas, a abjeção que daí lhe provém é um tesouro que a enriquece. Ignora-o a maior parte dos homens, que não conhece esta felicidade. São pobres; todavia, na sua pobreza têm um tesouro e, se não o encontram, é porque não sabem procurá-lo". [39]

Uma eminente religiosa da Visitação diz-nos o aprêço em que devemos ter aquêle tesouro: "As nossas imperfeições — diz ela — constituem grande parte dos nossos capitais para a eternidade. A valia dêsses capitais reside no amor da abjeção, que procede das nossas imperfeições... Não prezar o aviltamento, mas irritar-se e perturbar-se, é obra que o demônio inspira... A vida é uma série de quedas, após as quais urge que nos levantemos e digamos: Não farei mais isto! Tal proceder demonstra fôrça e coragem. As faltas não prejudicam quando assim reparadas. *Pode-se reavér pela humildade o que se perdeu por fraqueza*". [40]

O amor da abjeção identifica-se com o amor da verdade. E a verdade é que nós somos miseráveis e que, abstraindo dos dons que de Deus recebemos, não temos de nosso senão o nada e o pecado. Devemos sentir-nos felizes reconhecendo-o e vendo-o reconhecido também por nossos irmãos, quando isso possa ocorrer sem escândalo. Proceder de modo contrário seria ofender tanto a lealdade quanto a humildade e cair na censura do profetarei: *"Por que amais a vaidade e procurais a mentira?"* (Sl 4,4). E uma verdadeira filha de S. Francisco de Sales, pondo em prática as lições do seu bem-aventurado Pai, dizia: "Se pudesse fazer-se que as nossas quedas não ofendessem a Deus, eu desejaria cair incessantemente, para também incessantemente ser confundida e aniquilada". [41]

2. *Amar as humilhações é aproximar-se do Verbo Encarnado.* — Não é só o respeito pela verdade, continua o Santo bispo de Genebra, que a humildade cristã inspire o prazer de não ser nada, nem ser contado por nada, é ainda e principalmente o respeito pelas humilhações do Verbo Encarnado. Vestindo com a libré do pecado a sua adorável inocência, o Cordeiro divino dignou-se aceitar da nossa condição decaída tudo, afora o pecado (Heb 1,5,5). O Evangelho diz a profundeza do abatimento a que voluntàriamente desceu, e os opróbrios de que quis ser saciado; séculos, porém, passados em meditação, não bastariam para fazer-nos compreender a sêde de humilhações, que devorava o seu Coração divino e que o impelia, alegre, para a frente das mais sanguinolentas ignomínias, como se fôsse para um festim perfeitamente provido para a sua qualidade de "defensor dos pecadores".

Ora, a alma verdadeiramente cristã sente a necessidade de tomar assento à mesa dêste banquete do opróbrio, ao lado do seu Bem-Amado. Ela, a culpada, não pode querer deixá-lo, a Êle, o inocente, saciar-se sòzinho na taça das humilhações; quer uma parte para si, e a felicidade de pôr os lábios onde o seu Deus, o seu Salvador, pôs os dêle, transforma em deliciosa bebida o fel mais amargoso.

De mais a mais, observa S. Bernardo, as humilhações são o caminho que forçosamente há de trilhar quem quer chegar a ser humilde. Pelo que, a alma, convencida da necessidade desta virtude, deve amar as humilhações e procurá-las como o viajante, no vivo anseio de chegar ao têrmo da viagem, se afeiçoa ao caminho que lá o conduz. Tem, finalmente, a nossa abjeção ainda a razão de ser amada, porque atrai sôbre nós mais abundantes misericórdias do coração de Deus.

Sob todos êstes aspectos, podem os nossos pecados servir para alimentarem em nós o amor da abjeção. Fazendo-a conhecer melhor, estabelecem com o seu pêso humilhante uma equação prática de plena suficiência para um juízo reto, entre a confusão que êles nos causam e os opróbrios interiores e exteriores que merecemos.



Saberemos então apreciar como quinhão, rigorosamente proporcionado à nossa qualidade de pecadores, tudo o que Nosso Senhor aceitava e buscava com avidez, como caução dos nossos pecados.

Cada uma das nossas quedas virá a ser uma baliza de orientação a mais para nos ajudar a descer na apreciação de nós mesmos, até ao "último lugar" (Lc 14,10) que nos compete, e onde, infelizmente, o nosso orgulho insuportável ainda nos quererá manter muito acima daquele que quis ser "o último de todos, o opróbrio dos homens e a abjeção da plebe" (Is 53,3; Sl 21,7).

S. Teresinha do Menino Jesus, tão simples como engenhosa e profunda, nos diz a mesma verdade em outros têrmos: "... estamos vivendo num século de grandes inventos. Já não custa fadigas galgar os degraus de uma escadaria; as casas abastadas têm lá ascensores que as substituem vantajosamente. Quisera eu também descobrir um *ascensor* para me levar até Jesus, pois sou tão pequenino que me falecem as fôrças para vingar até ao tôpo da escada íngreme da perfeição.

Pedi logo aos Livros Sagrados que me indicassem o *ascensor* cobiçado, e depararam-se-me estas palavras da mesma Sabedoria eterna: "*Todo aquêle que é simples e pequenino venha a mim!*" (Prov 9,4). Cheguei-me, portanto, a Deus, persuadida de ter, enfim, descoberto o que andava procurando; e, desejosa de saber ainda o que o Senhor faria a êsse *pequenino*, prossegui nas minhas pesquisas e encontrei o seguinte: "Hei de trazer-vos ao colo, embalar-vos sôbre meus joelhos. Do mesmo modo que uma mãe acaricia o seu filhinho, assim eu vos consolarei" (Is 66,12). Ah, mais ternas e melodiosas palavras

nunca soaram para deleitar a minha alma. O *ascensor* que me há de guindar até ao céu são os vossos braços, ó Jesus! Para isto não é necessário que eu cresça, devo antes ficar sempre tamanina e empenhar-me em o ser cada vez mais. Meu Deus, fôstes muito além de quanto eu podia esperar e quero agora celebrar as vossas misericórdias! "Ensinaste-me, ó meu Deus, desde a minha mocidade; e eu publicarei as tuas maravilhas que tenho experimentado até agora. E até à velhice e idade avançada, ó Deus, não me desampares, até que anuncie a fôrça do teu braço tôdas as gerações que hão de vir!" (Sl 70,17). (Hist. de uma alma, cap. IX).

Numa de suas cartas, a Santinha confirma um pensamento análogo: "O Coração de Jesus é muito mais magoado por causa das mil pequenas imperfeições dos seus amigos do que das próprias faltas graves cometidas por seus inimigos. No entanto, parece-me que é sòmente quando os seus adquirem um hábito dessas indelicadezas e não lhe pedem perdão por elas que se pode aplicar a palavra: "Estas chagas que vêdes em minhas mãos, eu as recebi daqueles que me amavam" (Zac 13,6).

Por aquêles que o amam e que, depois de cada pequena falta, vêm lançar-se em seus braços e lhe pedem perdão, Jesus vibra de alegria. Êle diz a seus anjos o que o pai do filho pródigo dizia aos seus servos: "Metei-lhe um anel no dedo e regozijemo-nos!" Ah! como são pouco conhecidos a bondade e o amor misericordioso do Coração de Jesus! E' verdade que, para fruir dêstes tesouros, é necessário reconhecer seu nada e humilhar-se, — e é justamente isso o que muitas almas não querem fazer!..."

3. *Proveito das humilhações.* — Mui grande será o lucro que de nossas faltas auferiremos, se elas nos fizerem amar a nossa abjeção, visto o nosso amável Santo admitir, procurando sempre na humildade o termômetro da



santidade, que uma alma, utilizando destarte as suas quedas, pode sobrepujar outra alma menos propensa a cair.

"Foi S. Pedro escolhido para chefe do colégio apostólico, apesar de sujeito a muitas imperfeições e por tal forma que, ainda depois de haver recebido o Espírito Santo, as cometia; mas, não obstante êstes defeitos, tinha sempre uma grande coragem, e dêles não se admirava; eis por que Nosso Senhor o fêz seu lugar-tenente e lhe concedeu mais podêres do que a todos os outros, sem que alguém dêles tivesse razão para dizer que S. Pedro não devia ser mais engrandecido do que S. João e os outros apóstolos". "

Gostava S. Joana Francisca de Chantal de repetir estas doutrinas do seu bem-aventurado Pai espiritual: "Minha querida menina, escrevia êle a uma irmã, os vossos desânimos são uma verdadeira tentação. Pois, dizei-me, que frutos tirais dêles e quais os motivos para os ter? Pensais que em nosso poder está nunca desatender a Deus e não cometer imperfeições? Seria preciso ser anjo. Peço-vos, pois, que vos acomodeis com esta vida de misérias, mas sem desânimo. Mais agrada a Deus esta humilhação, êste amor da vossa abjeção feita com tranqüilidade e paz do que as vossas fidelidades de capricho". "

Não é outro o pensamento que o autor da *Imitação* exprime nas seguintes linhas: "Senhor, mais confiança devo ter em vossa grande misericórdia para alcançar o perdão, do que em minha presumida virtude para justificar o que a minha consciência mal canhece". "

4. *Valor da abjeção exterior.* — Não é só no fôro íntimo e culto da alma que as nossas faltas, patenteando-nos tôda a nossa abjeção e pequenez, fazem que as amemos e mais nos humilhemos; os outros, testemunhas das nossas quedas, vêem muitas vêzes a descoberto a nossa fraqueza e miséria, e então vem a abjeção de fora acres-

cer à nossa abjeção de dentro. Aceitemos de boa vontade uma e outra, já que destarte bem podemos duplicar a soma de nossos méritos espirituais.

Procedia assim o personagem nobre e piedoso que diversas vêzes já citamos. "Conheceis, escrevia êle a um amigo, conheceis a precipitação com que ùltimamente procedi e disso fôstes testemunha... Tôda a minha consolação é ter cometido esta falta na presença dos meus amigos, que por isso ficaram sabendo o que sou. Grande é o meu pesar de haver desagradado a Deus em sendo infiel às suas graças; mas sinto prazer em me humilhar de bom grado.

Há muita felicidade em ser aviltado no conceito dos outros e é algo de bem deleitoso para os que desejam reparar a injúria que a Deus fizeram. Das nossas imperfeições urge que tiremos êste proveito: convencer-nos deveras de que somos infinitamente fracos. Quão útil é para mim que se veja a miséria da minha vida, visto servir para descobrir tôdas estas verdades!

A verdade é que não sou nada, só fragilidade e corrupção; por amor a esta verdade, fico e permaneço no meu nada, comprazendo-me em amar e adorar a divina Providência que mo manifesta e põe às claras. Reconheço e confesso-me miserável e muito estimo que todo mundo saiba e me trate como tal.

5. *Salvaguardem-se, no exercício da humildade, os direitos da verdade e caridade.* — O amável autor da Filotéia, com aquêle discernimento que o distingue, tem cuidado de salvaguardar os direitos da verdade dissuadindo-nos de simular defeitos sob o pretêxto de buscar a abjeção própria (afora qualquer inspiração particular, como a tiveram alguns santos). Bem assim com não menos cuidado ensina a respeitar os direitos da caridade, recomendando a reparação do escândalo ou mágoa que nossas faltas possam ter causado a nossos irmãos.



"Se me deixei levar pela cólera ou pela sensibilidade a proferir palavras picantes ou inconvenientes, ofensivas de Deus e do próximo, imediatamente me hei de repreender e procurarei ter delas um vivo arrependimento e repará-las quanto possível; mas ao mesmo tempo, não deixarei de aceitar de bom grado a abjeção e o desprêzo que daí provierem; e, se eu pudesse separar uma coisa da outra, rejeitaria o pecado com indignação e conservaria a abjeção com humilde paciência".

"Bom é amar a abjeção que o mal traz consigo, mas nem por isso se há de deixar de remediar o mal que a causou, por todos os meios naturais e legítimos a nosso alcance, máxime se o mal tiver conseqüências. Farei quanto puder por não ter um cancro na face, mas, se o tiver, não deixarei de amar a abjeção que dêle me provém. Em matéria de pecado urge ainda mais guardar esta regra. Desconcertei-me nisto, naquilo; estou arrependido, abraço de coração e alma a vileza que dali se segue; mas, se pudesse separar um do outro, eu guardaria para mim com carinho a abjeção e rejeitaria o mal e o pecado".

Se, por nossos esforços em reparar a ofensa ou o escândalo, pudéssemos reconquistar tôda a estima dos nossos irmãos, a quem ofendemos ou escandalizamos, e levantar-nos no seu conceito tão alto como se não houvéramos caído, nesse caso, "destruindo a nossa abjeção aos olhos do mundo devemos conservá-la cuidadosamente no coração, para que se edifique nela".

Não queria ainda assim o nosso Santo que nos privássemos do benefício da abjeção de fora, tanto quanto o pode permitir a caridade e o dever de dar bom exemplo: "Eu quisera, pelo que respeita a nossos defeitos, que não nos consumíssemos em encobri-los; pois, ocultando-os às vistas de fora, não são por isso melhores. As vossas irmãs não deixarão de crer, por isso, que não os tendes, e as vossas imperfeições talvez sejam mais perigosas do que

se fôssem descobertas e vistas e vos confundissem, como acontece aos que fàcilmente as deixam aparecer aos olhos dos outros. Não devemos, pois, admirar-nos nem desanimar em cometendo imperfeições diante de nossas irmãs: ao contrário, devemos estimar sermos reconhecidas tais quais somos". "

* * *

Mesmo quando ocupamos uma posição superior e, portanto, ao que parece, mais obrigados estamos a salvaguardar a nossa reputação perante os inferiores, quer ainda então S. Francisco de Sales, guardadas as devidas reservas, que abracemos a abjeção, onde quer que ela se encontre:

"Perguntais-me... se a superiora ou diretora não deve mostrar repugnância em as irmãs verem os seus defeitos, e o que deve dizer a uma menina que vem com tôda simplicidade acusar-se a ela dalgum juízo ou pensamento menos perfeito a seu respeito, como seria se alguma pensasse que a superiora havia dado uma repreensão com paixão.

O que ela deve fazer neste caso, digo eu, é humilhar-se e excitar em si o amor à abjeção; e, se a irmã se mostra perturbada ao dizê-lo, a superiora não deverá dar mostras de nada, mas arredar êsse propósito, sem deixar, contudo, de ocultar a abjeção no seu coração. Porquanto, haja todo cuidado em o nosso amor-próprio não nos fazer perder a ocasião de ver que temos imperfeições e de nos humilharmos; e, se bem que se não faça um ato exterior de humildade, com receio de vexar a pobre irmã, que já o está bastante, não se deve deixar de o fazer interiormente. No caso, porém, de, ao acusar-se, não estar a irmã sob o pêso dalguma perturbação, teria por muito acertado que a superiora confessasse francamente a sua falta se nela caiu; porque, se o juízo é falso,



bom é que o diga com humildade, reservando, todavia, sempre como uma preciosidade a abjeção que lhe resulta de a julgarem falível e pecável.

Bem vêdes, pois, que esta pequena virtude de amar a abjeção própria não deve nunca arredar-se nem um só passo do nosso coração; dela precisamos a tôdas as horas, por mais adiantados que estejamos na perfeição que atingimos depois de vivermos muito tempo na religião e feito um grande progresso no caminho do nosso aperfeiçoamento.

Não tem as irmãs de que se admirar vendo a superiora cometer imperfeições. S. Pedro, que era o Pastor da Santa Igreja e Superior universal de todos os cristãos, caiu numa falta bem grande e mereceu ser repreendido, como diz S. Paulo (Gál 2,11).

Da mesma sorte também a superiora não deve mostrar espanto se vir que tem faltas, mas sim proceder com a humildade e doçura com que S. Pedro recebeu a correção dada por S. Paulo, não obstante ser superior dêste. Não se sabe se se há de admirar mais a coragem de S. Paulo em repreender a S. Pedro, se a humildade com que S. Pedro se sujeitou à correção, e isto em uma coisa que êle pensava ter bem feito e na melhor intenção. "

Uma digna filha de S. Francisco de Sales, elevada ao cargo de superiora do seu mosteiro, dizia confidencialmente a uma das irmãs: "O que me alegra é que o cargo de superiora alimenta em mim a santa abjeção, e os meus defeitos sem conta ficam mais em evidência sôbre um castiçal, do que na obscuridade duma cela".

Com mais razão queria o bispo de Genebra que se abraçassem de melhor grado as abjeções de fora, quando se tiver a felicidade de ocupar a posição de inferior, e fustigava sem dó nem piedade as almas dadas a êste defeito: "Sou desprezada e isto me incomoda: assim fazem os pavões e os macacos. — Sou desprezada e isto

me alegra: assim fazem os Apóstolos. — Sabeis o que devemos fazer quando repreendidos e mortificados? Aceitar a mortificação como um pouco de ouro e escondê-lo no coração, beijá-lo e acariciá-lo com a maior ternura que se possa". [51]

6. *Tanto mais agradável a Deus uma alma pecadora, quanto mais vil se considera.* — Cremos ter demonstrado como, segundo a escola de S. Francisco de Sales, a santa humildade pode auferir imenso proveito das quedas próprias. Vimos como, ao passo que melhor nos fazem conhecer a amar a nossa abjeção, elas podem elevar-nos, do abismo a que nos atiraram, ao grau mais precioso da mais necessária das virtudes e virem a ser, para a alma confundida no seu nada, o princípio dum novo esplendor. Segundo o texto de Job (11,17) e o pensar de S. Bernardo, a alma pecadora parecerá tanto menos vil aos olhos de Deus, quanto o fôr mais a seus próprios olhos, lembrando-se de seus pecados". [52]

E' assim que nos utilizamos das nossas faltas e, como diz Fénelon, maior serviço nos prestarão elas, rebaixando-nos aos nossos olhos, do que as boas obras, dando-nos consolações. "As faltas são sempre faltas; mas é certo que elas têm a virtude de nos confundir e fazer-nos voltar a Deus, e com isto fazem-nos um grande bem".

Certas matérias há que aparentemente sujam os vestidos e todavia servem para lhes tirar nódoas. Tal é o uso que os justos fazem dos seus pecados, detestando-os sinceramente. Dêles se servem para purificar a alma das máculas do orgulho, o maior dos pecados.

"E' destarte que, insiste S. Bernardo, o justo cai sob as mãos de Deus e, por uma estranha maravilha, o pecado por êle cometido contribui para a sua justificação... Não é a mão de Deus que ampara o pecador, quando é a humildade que o abate?" [53]



Aprendamos a utilizar-nos das nossas faltas por êste meio; apenas nos tenham escapado, devemo-las delir pela penitência. Tiremos delas igualmente proveito, quando a sua lembrança nos vier entristecer. Há ervas de muito mau odor que, à fôrça de dessecar, acabam por exalar um aroma agradável. Que o mesmo suceda com os pecados da nossa pobre vida. Sirvam êles para o nosso bem e repitamos mais uma vez as palavras admiráveis do beato Cláudio de la Colombière: "Ditosas misérias, cuja lembrança me faz corar aos olhos de Deus e rebaixar-me diante dos homens! Se sois para mim uma necessidade, não vos quereria trocar pelos méritos e virtudes alheias. Prefiro ser como é fôrça que seja para ser humilde. Renuncio a tôdas as graças que hajam de me privar dêste benefício e, para o não perder, consinto que me tirem tudo o mais".

* * *

Semelhantes reflexões encontramos nas obras do ilustre jesuíta Daniel Considine [*] que diz mais ou menos assim:

Quanto mais te abandonares a Deus, mais poderá fazer de ti; e nunca estarás tão completamente debaixo da sua direção como na hora em que menos confiares em ti e te entregares sem reserva ao seu govêrno...

Faze por crescer cada vez mais no profundo conhecimento de que nada podes de ti mesmo, absolutamente nada; mas que dependes inteiramente de Deus. Destarte se tornará impossível todo e qualquer sentimento de vanglória...

Fraquezas e faltas imprevistas não te deveriam aterrar nem desnortear; pelo contrário, podes tirar delas grande proveito, humilhando-te por causa das mesmas.

---

*) V. Delight in the Lord. Notes of spiritual Direction and Exhortations. (Versão bras. Paraíso da alma. — Palavras de confôrto).

Não é bom sinal perturbares-te à vista dos teus defeitos. O que importa é voltares-te ao Senhor com amorosa aflição, mas ao mesmo tempo com tão inteira confiança que estejas seguro do seu perdão. E logo continua a amá-lo e a viver feliz em sua companhia. Assim é que procediam os Santos.

Inquietação interior, perturbação, alheamento de Deus provindo de faltas cometidas — tudo isso nasce do orgulho. Pouco importa o que penses ou sintas, nada disto pode afastar-te de Deus. Só a vontade é que decide. Se formos humildes, seremos leais e amantes da verdade, sempre prontos a confessar as nossas faltas a Deus e aos homens, e, convencidos da nossa insuficiência no serviço de Deus, não mendigaremos aos homens a estima que não nos compete. Ponhamos de parte a hipocrisia que pretende fazer-nos aparecer melhores do que de fato somos; sejamos sinceros e amigos da verdade perante Deus e os homens.

S. Madalena entendia tão bem tratar com o Senhor, que lhe admiramos aquela pia audácia tão sua... Pecados perdoados não constituem impedimento à nossa íntima união com Deus, formam antes um como nôvo título ao seu amor. Desde a hora em que Jesus disse a Maria Madalena: "Os teus pecados te são perdoados, vai em paz!" — nunca mais se mencionam os pecados da penitente. Nem parece angustiar-se por êles. Nunca mais se conserva arredia do Senhor com o pensamento de que outros tenham feito maior jus ao amor do Mestre do que ela, a grande pecadora de outrora. Aproxima-se de Jesus o mais possível, e o Senhor não a repudia. E' só no bondoso Mestre que Madalena pensa, não em si mesma, e é nisto que está o segrêdo da paz d'alma e da santidade.

Uma vez convencidos de que por nós mesmos não somos senão uma congérie de fraquezas, misérias e más inclinações, o único expediente é abismarmo-nos completamente no amorosíssimo Coração de Jesus. Não seremos jamais por Êle desprezados nem rejeitados. Destarte acabaremos por esquecer-nos de nós mesmos, ùnicamente empenhados em agradar a Deus. E já não haverá perigo de temeridade e presunção. A misericórdia do Senhor é mais real e generosa do que o homem possa compreender.



Esforça-te por viver sempre com Deus. Quando maior fôr a tua miséria, quanto menos sólida a tua virtude, tanto mais necessidade tens dêle; e, quanto mais estreitamente te apegares com Deus, mais fará por ti.

O que nos afasta de Deus não é o sentimento da nossa miséria, mas, sim, o nosso egoísmo. Não receies que seja demasiada a confiança que nêle deposites. Avante, pois, com santa alegria! Fora com essas hesitações! abandona-te completamente ao seu divino amor!

Desta forma, a par da preciosíssima virtude da humildade e duma santa fortaleza d'alma, nasce em nosso coração, por meio delas, a régia tranqüilidade dos espíritos devotos. Como amantes da humildade e das humilhações, evitaremos a menor sombra de perturbação, de desassossêgo e desânimo; banindo de nós tôda tristeza, andaremos alegres no Senhor, prazenteiros e amáveis.

## CAPÍTULO III

## UTILIZEMO-NOS DE NOSSAS FALTAS PARA CRESCER NA CONFIANÇA EM DEUS

1. *Resolve-se o problema do pecado com a divina misericórdia.* — Se a nossa abjeção merece que a estimemos porque nos obriga a prestar homenagem à verdade e nos proporciona a imitação das humilhações a que se submeteu o Verbo Encarnado, ela nos deverá ser ainda mais querida, quando a considerarmos em suas relações com a infinita misericórdia de Deus.

No capítulo terceiro da primeira parte dêste livro já vimos — e S. Francisco de Sales no-lo diz e repete insistentemente — que as nossas imperfeições não devem nunca desanimar-nos, e que a dor de as haver cometido deve ser sempre acompanhada duma invencível confiança na bondade divina. As considerações que vamos apresentar demonstrarão que os nossos pecados e imperfeições, bem longe de diminuírem esta confiança, são um dos seus mais fecundos elementos.

Sobretudo neste ponto são tão numerosos e claros os textos do nosso Santo, que dispensam todos os comentários. Limitar-nos-emos por isso a copiá-los fielmente. Antes, porém, não será inútil buscar a outras fontes algumas reflexões, onde veremos a síntese desta consoladora doutrina e as suas provas teológicas.

Ouçamos em primeiro lugar o eminente autor contemporâneo, que por diversas vêzes temos citado, o qual,



em uma esplêndida página, tôda inspirada na doutrina de S. Tomás, expõe e desenvolve proficientemente o princípio fundamental desta nova feição da arte de utilizar as próprias imperfeições.

"*Deus é amor*, diz Monsenhor Gay, citando as palavras de S. João (1 Jo 4,8). Deus ama, Deus nos ama a nós; e ama-nos porque Êle é o amor! Existir, amar, e amar-nos desde que existimos é para Êle uma e a mesma coisa, uma e a mesma necessidade. Não será, pois, a esperança um dever que a todos se impõe? Por mais extraordinário que seja a nossa esperança, poderá nela haver excesso? E será possível que abriguemos ainda uma centelha de desconfiança, e poderá permanecer ainda desculpável a desconfiança?

Dir-nos-ão: o pecado existe. Infelizmente é essa a verdade! O pecado segue-nos, e em qualquer parte que se nos defronte, estabelece um problema, acarreta uma complicação, levanta um obstáculo; problema para nós, complicação em nós, obstáculo diante de nós. Mas para Deus poderão existir problemas? Poderemos embaraçar seus caminhos e opor barreiras aos seus designios? Êle se detém se assim lhe apraz, mas ùnicamente porque lhe apraz, e passa por tôda parte por onde lhe agrada passar. O pecado chega a Deus porque é uma ofensa à sua divina Majestade, mas nunca poderá alterar os seus supremos atributos. E' certo que modifica os seus atos, mas nunca modificaria a sua essência nem mesmo a sua disposição primordial em relação a nós, isto é, o amor que Êle nos consagra.

Em uma palavra: assim como em face do nada a sua bondade se transforma em amor, assim perante o pecado o seu amor se muda em misericórdia.

Bem assente êste princípio, resta todavia uma condição: — que o pecador confie. E quem haverá que mais títulos tenha para confiar em Deus, do que o pecador?

E' certo que a santidade divina tem tal horror ao pecado que obriga a sua justiça a puni-lo com horríveis castigos; mas é precisamente por isso que a misericórdia divina é incomparàvelmente mais compassiva com essa desgraça do que com tôdas as outras que possam suceder-nos.

Forçoso é, pois, concluir que o pecado é verdadeiramente o mal supremo, a miséria absoluta, se o considerarmos sob o ponto de vista do castigo que lhe é dado: — a perda de Deus! E não será para a maior miséria que deve convergir a maior compaixão? Eis a razão por que mais para êste ponto do que para todos os outros a misericórdia de Deus se abre, a fim de que o pecador se arrependa, se lhe confie e por tal forma obtenha o perdão e se salve. Daí temos de concluir que o próprio ardor da indignação é em Deus uma nova e mais fecunda fonte de piedade e bondade, tornado-se como que uma nova base fundamental da nossa esperança". [54]

* * *

Provado dum modo tão peremptório que a misericórdia não é outra coisa mais que a bondade, ou, então, a própria essência de Deus nas relações com a miséria da sua criatura, não ficará igualmente reconhecido que cada uma das nossas quedas pode tornar-se, se assim o quisermos, uma nova ocasião de manifestação e glorificação dêsse atributo divino?. . . E assim como os lábios do cordeiro aliviam sua mãe, sugando o leite salutífero que lhe enche as entranhas, assim também os nossos pecados e imperfeições, que a confiança e o arrependimento aproximam do coração de Deus, não lhe proporcionarão a verdadeira alegria de derramar mais e mais eflúvios dessa misericórdia que superabunda em seu seio maternal?



Ainda mais: — a misericórdia só pode exercer-se sôbre a miséria, e que miséria haverá mais aflitiva do que a miséria do pecado? Que poderá haver mais digno de compaixão para uma compaixão infinita? Êste pêso dos nossos pecados que nos esmaga e nos faz vítimas da ira divina, só nós podemos fazê-lo valer diante de Deus, proporcionando-lhe esta ocasião de manifestar um atributo que se nos afigura ser-lhe mais querido que o da justiça — o atributo da bondade e do amor. Nada mais temos a fazer do que dirigir-nos ao seu coração e clamar-lhe com David: vós me perdoareis, Senhor, vós esquecereis os meus pecados, para glorificar a mais estremecida das vossas perfeições — a misericórdia: "*propter bonitatem tuam, Domine*"; e tanto mais glorificada será ela quanto mais numerosos forem os crimes que em mim tenhais de esquecer; a própria multidão dos meus pecados me é motivo de esperar o perdão dêles: "*Propitiaberis peccato meo, multum est enim*" (Sl 24, 7, 11).

Não é porventura Deus que nos ensina a não nos deixarmos nunca vencer pelo mal, mas sim a vencer o mal pelo bem (Rom 12,21), a nunca tomar o mal pelo mal, nem a maldição pela maldição (1 Ped 3,9), mas a encher de benefícios os nossos inimigos e acumular dêste modo carvões ardentes sôbre as suas cabeças? (Rom 12,20).

Ora, o discípulo não é mais do que o mestre nem o servo está acima do Senhor (Mt 10,24). Se, pois, vemos discípulos dêste divino Mestre praticar tão perfeitamente esta lição, que não só se mostram cheios de benevolência e mansidão para com os seus iníquos perseguidores e cruéis tiranos, mas que ainda lhes retribuem o bem pelo mal até ao extremo de dar a vida para os salvar, que poderemos dizer do Mestre divino de quem estas almas justas receberam a doutrina tão sublime que observam?

A caridade de todos os discípulos reunidos, posta em paralelo com a caridade de Jesus Cristo, não atinge às proporções duma gôta d'água comparada com o oceano.

Logo, se uma centelha de caridade, dispensada pelos justos, tantos prodígios tem operado, que podemos esperar do incêndio imenso e infinito da suprema caridade de Deus?

"Ah! exclama S. João Crisóstomo, Jesus disse-nos: Se vós amais aos que vos amam, que recompensa podeis esperar? Não fazem o mesmo os pagãos? (Mt 5,47). E nós dizemos: — se Deus não escutasse nem socorresse senão aos justos, seus amigos, não é verdade que seria incompleta a sua bondade?"

2. *Por misericordiosa indústria separa Deus o pecador do pecado, aniquilando a êste e salvando aquêle.* — A santidade infinita de Deus alia-se à sua infinita bondade para incitá-la perseguir com o seu ódio o pecado, e a perseguir mais ainda com a sua misericórdia o pecador.

"Deus, diz o P. Ségneri, tem tal horror ao pecado que para o arrancar dos corações não sòmente se humilhou até à morte, quando se revestiu da nossa carne mortal, mas ainda agora, glorioso no céu, se humilha até fazer-se suplicante: "*Laboravi rogans*" (Jer 15). E para que, observar-me-eis? Tendes visto um caçador no momento em que vai desfechar sôbre a sua prêsa? Reparastes como êle evita o menor ruído, como se abaixa e até, se fôr preciso, como rasteja pela terra? E para quê? Para matar a caça a que aponta.

Pois assim procede Nosso Senhor: tal é o objeto de suas súplicas, da sua paciência, da sua silenciosa e cuidadosa expectativa, enquanto nós o ofendemos. Êle tem em mira um só fim: — exterminar o pecado, e exterminá-lo completamente.

E' certo que, se tôda alma gravemente culpada fôsse precipitada em flagrante no inferno, Nosso Senhor sub-



mergiria sempre o pecador, mas nunca exterminaria o pecado; pelo contrário, o pecado eternizar-se-ia na duração do seu próprio castigo. Mas é justamente porque o ódio divino se dirige diretamente ao pecado e só indiretamente ao pecador, que Deus usa de tantas e tão generosas indústrias; que Êle se humilha com tão pressurosos testemunhos de amor, a fim de separar o pecador do pecado e de aniquilar a êste salvando aquêle, não se decidindo a perder o culpado senão quando, pela obstinação de sua livre vontade em continuar nos seus pecados, êle permite a Deus que extinga o pecado no pecador e o força por esta forma a extinguir o pecador no pecado.

Tal é o motivo que anima a infinita bondade de Deus a esperar-nos, a convidar-nos à penitência e a acolher-nos. E' por isso que David, conhecendo bem esta disposição do Senhor, se animava de maneira extraordinária e exclamava: — "Senhor, vós me perdoareis o meu pecado, porque êle é grande: — *Tu propitiaberis peccato meo: multum est enim*" (Sl 24,11).

Um espírito ignorante desta economia divina julgaria que o profeta se enganava, que deveria chamar grande à misericórdia divina e não à sua falta, e que, pelo contrário, devia desculpar esta, atenuando-a por tôdas as considerações ao seu alcance, a fim de pedir a remissão com mais ousadia e obtê-la com mais prontidão.

David conhecia melhor o coração de Deus; êle sabia que a enormidade do pecado era para a bondade divina mais um motivo para o querer exterminar, e era a essa mesma bondade que êle se dirigia suplicante, clamando: enorme é o meu pecado; *multum est enim,* a fim de a decidir a purificar inteiramente a sua alma.

E' seguindo a mesma norma que o vinhateiro, que vê a sua vinha destruída por um javali, descreve perante o caçador, sob as côres mais horríveis, a ferocidade e a fôça des-

ta fera, a fim de mais o animar a persegui-lo e matá-lo: *Tu propitiaberis peccato meo; multum est enim*".[88]

E se David já então usava desta linguagem para com o Deus dos exércitos, com que duplicados motivos de confiança não a dirigiremos nós ao Verbo Encarnado para salvar os pecadores, àquele que quis tomar a nossa natureza *ut misericors fieret* (Heb 2,17), precisamente para dar um desafôgo mais largo, uma expansão mais generosa à sua misericórdia!

Indo além, Bossuet não hesita em dizer: "Jesus Cristo, como filho de Deus, sendo a santidade por essência, conquanto lhe seja agradável ver a seus pés um pecador que se converte, ama, todavia, com um amor mais forte a inocência que nunca se desmentiu... Quando, porém, Êle se fêz nosso Salvador, o seu Coração divino tomou por amor de nós outros sentimentos. Como Deus, dá a preferência aos inocentes, mas — regozijai-vos, cristãos! — como Salvador misericordioso, Êle veio para procurar os culpados; e não veio senão para êles, porque é para os pecadores que Êle foi enviado".[89] "Êle é o Deus dos pecadores, continua a Madre Chappuis. Tôdas as vêzes que lhe oferecemos uma falta a reparar, damos-lhe o título de Salvador".

3. *Os doentes, não os sãos, necessitam do médico.* — Disse um dia S. Gertrudes: "Quando Jesus Cristo não encontra almas tão virgens que possa desposar, permite que a doença as avassale para poder ir a elas, como médico". A alegria e a honra que dá ao médico o doente que lhe confia com as suas chagas todos os cuidados da sua cura, dá-a o pecador ao divino Samaritano apresentando-lhe as suas faltas para Êle as curar.

Se o Deus foi ofendido pela culpa, o Salvador é glorificado pelo perdão que a destrói.

Se te reconheces, pois, doente, não tenhas o menor receio de abeirar-te de tão bom médico; pelo contrário, vai



a Êle com tanto mais confiança quanto é certo que é justamente para livrar-te da doença do pecado. Eis o que diz o Senhor, falando de sua ovelhas: "Irei procurar as que se tinham perdido, e farei voltar as que andavam desgarradas, e ligarei os membros às que tinham algum quebrado, e fortalecerei as que estavam fracas" (Ez 34, 16), e ainda: "O médico é necessário aos enfermos e não àqueles que têm saúde (Mt 9,12).

O' loucura funesta dos pecadores que encontram motivos para fugir do médico justamente no que deveria dar-lhes maior confiança para irem a êle! Insensato quem receia encontrar um adversário naquele que veio para curar!

"O ímpio foge sem que ninguém o persiga" (Prov 28,1). E se é estranho que se fuja sem perseguição, quanto mais estranho é ainda que o ímpio fuja, quando não sòmente ninguém o persegue, mas até a bondade divina o chama insistentemente, correndo para junto dêle a oferecer-lhe a sua misericórdia, a apresentar-lhe um antídoto para os seus males, prometendo e jurando-lhe que lhe dará tudo o que êle pedir para a sua eterna salvação.

4. *Revelações do Coração de Jesus.* — E que suave, deslumbrante luz irradiam sôbre êstes pensamentos as aparições e revelações do Coração de Jesus!

O nosso Santíssimo Salvador é a bondade personificada, a Redenção copiosa, o perdão de Deus, o eterno gerador de tôdas as ressurreições. "Assiste-lhe eternamente o poder de salvar os que por seu intermédio se chegarem a Deus, vivendo sempre para interceder por êles" (Heb 7,25).

Disse excelentemente um santo religioso: "Depois da vinda de Nosso Senhor, a confiança deve ser a virtude própria dos miseráveis pecadores". Mas não é certo que, desde que o Sagrado Coração de Jesus se manifestou ao

mundo, esta confiança pode elevar-se até aos limites da audácia? Não foi êste coração divino que, respondendo ao golpe da lança de Longino, verteu sôbre êle não sòmente o perdão, mas a santidade e a graça do martírio? Não é êste coração que alimenta os pecadores do sangue que êles fazem correr, como o pelicano alimenta os seus filhos das entranhas que êles lhe dilaceram, e que não quis ser ferido nem aberto, segundo S. Vicente Ferrer, senão para patentear aos culpados a fonte inesgotável do perdão? Não é, enfim, êste coração que do fundo do seu tabernáculo a todos clama: "*Vinde a mim vós todos que estais acabrunhados e eu vos aliviarei*"? (Mt 11,28). Não está êle devorado duma sêde inexpugnável de absolver, de curar? E não é saciar esta sêde o levar-lhe culpas para perdoar?

E' para notar que as almas mais ìntimamente iniciadas nos segredos suavíssimos do Coração de Jesus são justamente as que se tornam apóstolos mais zelosos da confiança depois do pecado e da arte de utilizar-se das suas faltas. Lembrando-nos aqui espontâneamente da Irmã Benigna Consolata, a "*pequena secretária*" de Jesus, escolhida por Êle para pregar às almas os segredos de sua misericórdia, enchendo de uma florescência insólita de milagres tôdas as nações, suscitando por tôda parte um despontar prodigioso de confiança.*

Dizia-lhe Jesus: "E' excessivamente acanhada a idéia que fazem os homens da bondade de Deus, da sua misericórdia, do seu amor pelas suas criaturas. Medem a Deus pelas criaturas, e Deus não tem limites; a sua bondade não conhece tão pouco limites. Oh! poder valer-se de Deus e deixar de o fazer!... por quê? Porque o mundo não o conhece. Sou um tesouro infinito pôsto pelo seu Pai à disposição de todos... Os que me repelem e menosprezam reconhecerão mais tarde a sua desventura, mas só na eternidade. Amo aos homens, amo-os ternamente como meus irmãos que êles são; não obstante haver uma distância infinita entre êles e mim, não faço conta disso...

"Não podes avaliar o prazer que sinto em cumprir a minha missão de Salvador; é esta a minha maior consolação e executo as minhas obras-primas mais belas com as almas que arranquei do mais profundo abismo, que arranquei do lodaçal. Os pecados, uma vez perdoados, tornam-se para a alma fontes de graças, porque são para ela fontes perenes da humildade...

"Não me deixo afastar pelas misérias, contanto que eu encontre boa vontade. Meu amor se alimenta consumindo misérias; a alma que me traz mais misérias, com tal que seu coração esteja contrito e humilhado, é a que mais me agrada, porque me fornece ocasião de cumprir mais plenamente o meu ofício de Salvador.

"O que tenho principalmente a peito dizer-te, minha Benigna, é que *a alma nunca deve ter mêdo de Deus*, porque Deus está disposto a usar misericórdia, e o maior prazer do Coração do teu Jesus está em levar ao seu Pai o maior número de pecadores possível. São êles a minha glória, são as minhas jóias... Amo tanto os pobres pecadores!

"Ouve o que te vou dizer, minha Benigna, minha Alegria, e escreve o seguinte: o maior prazer que se me possa dar é acreditar no meu amor. Quanto mais se crê no meu amor, tanto maior é o prazer que se me dá, e quem quiser dar-me um prazer imenso, não deve pôr limites a esta confiança no meu amor..." *

---

*) Irmã Benigna Consolata Ferrero, visitandina de Como, falecida na primeira sexta-feira de setembro de 1916.

*) Diz S. Bernardo: "O Pai das misericórdias é necessàriamente o Pai dos miseráveis", e Bossuet: "Deus quer uma miséria absoluta, para mostrar uma completa misericórdia".

A vida de S. Gertrudes contém traços deliciosos sôbre êste mesmo assunto e S. Margarida Maria a êle se refere freqüentemente:

— "O Coração de Jesus — disse ela — é trono da misericórdia onde os miseráveis pecadores são mais afàvelmente acolhidos, contanto que o amor os patenteie no abismo das suas misérias".

A mesma santa parecia não se cansar em confirmar continuamente esta tão consoladora verdade. Diz ela: "Espero que êste divino Coração se tornará um manancial copioso e inesgotável de misericórdia e de graças para desviar a justa cólera de Deus irritado por tantos delitos... e Deus perdoará aos pecadores por causa do amor que tem a êste sagrado Coração, que é como uma fortaleza e um asilo seguro para todos os pecadores que nêle se quiserem refugiar, a fim de se subtraírem à justiça divina..."

"O Sagrado Coração de Jesus é todo-poderoso para alcançar misericórdia"

"O meio mais eficaz para tornar a levantar-nos depois das quedas é o Sagrado Coração de Nosso Senhor Jesus Cristo"

"O Sagrado Coração quer arrebatar um grande número de almas do caminho da perdição, e destruir o reino de satanás nas almas, para nelas estabelecer o seu amor".

"Eu não conheço exercício de piedade mais apto para elevar em pouco tempo uma alma ao mais alto grau de perfeição".

O venerável diretor de S. Margarida Maria, o beato Cláudio de la Colombière, pregava continuamente êste mesmo assunto. Não resistimos ao desejo de reproduzir a



passagem seguinte de uma carta escrita a uma alma que se sentia esmagada sob o pêso das suas imperfeições. Dificilmente poderá encontrar-se um eco mais fiel e um resumo mais prático dos ensinamentos, que adiante vai dar-nos S. Francisco de Sales.

"Se eu estivesse em seu lugar, escrevia êle, aqui tem as considerações de que lançaria mão para consolar-me: diria com inteira confiança: — Senhor, eis aqui uma alma que está no mundo para exercer a vossa admirável misericórdia e para a fazer brilhar em presença do céu e da terra. Os outros glorificam-vos patenteando a fôrça da nossa graça pela sua fidelidade e constância e quanto sois afável e liberal para com os que vos são fiéis. Quanto a mim, glorificar-vos-ei tornando bem conhecida a vossa bondade para com os pecadores, mostrando que a vossa misericórdia é superior a tôda a nossa malícia; que nada a pode exaurir e que nenhuma recaída, por mais vergonhosa e criminosa que seja, deve levar o pecador ao desespêro do perdão.

Gravemente vos hei ofendido, ó meu amável Redentor; mais ainda pior seria se vos fizesse a gravíssima injúria de pensar que não sois bastante indulgente para me perdoar. Debalde o vosso e meu inimigo me arma todos os dias novos laços: far-me-á antes perder tudo do que a esperança que tenho na vossa misericórdia. Ainda que houvesse recaído cem vêzes mais, e que os meus crimes fôssem cem vêzes maiores, esperaria sempre em vós.

Depois disto afigura-se-me que me não afligiria sôbre o modo como reparar a minha falta nem com o escândalo que tivesse dado... Recomeçaria, sim, a servir a Deus com mais fervor do que até então, e com a mesma tranqüilidade, como se nunca o houvesse ofendido".

A veneranda Madre Maria de Sales Chappuis, que tinha por ocupação — dizia ela — "sondar o coração de Deus", não se receava de dizer: "Quando a cada uma das

nossas respirações caíssemos em falta, se outras tantas vêzes de nôvo nos voltássemos para Deus, recomeçando a praticar o bem, essas quedas não nos prejudicariam.

O Senhor atende menos às faltas que ao próprio proveito que delas tiramos, e se as utilizamos para nos humilhar diante dêle e nos tornar pequenos, humildes e dóceis, oh! então elas nada nos prejudicarão, em nada enfraquecerão a nossa vontade. E' uma grande graça concedida a uma alma a graça de reconhecer as suas faltas; êsse reconhecimento lhe faz descobrir a bondade de Deus e o preço dos merecimentos do divino Salvador".[8]

CAPÍTULO IV

## CONTINUAÇÃO DO CAPÍTULO PRECEDENTE

1. *Nossa miséria, trono da divina misericórdia.* — Temos ouvido a linguagem da teologia e dos Santos acêrca da confiança que as nossas próprias faltas devem inspirar-nos para com a misericórdia divina. Deixemos agora falar o nosso amável doutor d'Annecy.

"Perguntais-me, minhas queridas filhas, se uma alma, tendo o sentimento da sua miséria, pode aproximar-se de Deus com uma grande confiança; respondo-vos que não sòmente a alma que tem o conhecimento de sua miséria pode ter uma grande confiança em Deus, mas até que não pode ter uma verdadeira confiança, se não tiver êsse conhecimento; porque é êsse conhecimento e a confissão da nossa miséria que nos conduzem à presença de Deus. E assim é que todos os grandes Santos, como Job, David e outros, prinpiavam as suas orações pela confissão da sua miséria e indignidade: de maneira que nos é utilíssimo o reconhecermo-nos pobres, vis, abjetos e indignos de aparecer diante de Deus.

Esta palavra célebre entre os antigos: *conhece-te a ti mesmo,* ainda que se entenda com respeito ao conhecimento da grandeza e excelência da alma, para nunca a aviltar nem profanar com coisas indignas da sua nobreza, entende-se igualmente com respeito ao conhecimento da nossa indignidade, imperfeição e miséria, pois quanto mais nos conhecermos como miseráveis, tanto mais

confiaremos na bondade e misericórdia de Deus; visto que entre a misericórdia e a miséria existe uma ligação tão estreita, que uma não pode exercer-se sem a outra. Se Deus não tivesse criado o homem, cabia-lhe verdadeiramente o atributo de bom, mas não teria sido deveras misericordioso, porque a misericórdia não se exerce senão para com os miseráveis.

E' claro, pois, que, quanto mais nos conhecemos como miseráveis, mais ocasião teremos de confiar em Deus, visto que nada temos que possa inspirar-nos confiança em nós mesmos.

A desconfiança de nós provém do conhecimento das nossas imperfeições, e é muito bom que desconfiemos de nós mesmos. Mas de que nos servirá fazê-lo senão para depositar tôda a nossa confiança em Deus e acolhermo-nos à sua misericórdia?

2. *Desconfiança de si e confiança em Deus.* — Da humildade, aliada à fé nos desígnios de Deus que tudo faz contribuir para o bem nosso, nascem naturalmente aquêles dois outros sentimentos: *a desconfiança de si e a confiança em Deus,* dos quais dizia o cardeal Mercier aos seus seminaristas: "Por si só, a desconfiança de si mesmo paralisa a energias; mas, aliada à confiança em Deus, ela dá ao espírito a orientação verdadeira da ordem e o sentimento da posse da verdade: autoriza tôdas as iniciativas, aparelha a vontade para tôdas as resistências e torna possíveis todos os sucessos: "*Gratia Dei mecum*" (1 Cor 15,10), *a vontade ajudada pela graça de Deus,* tal é o princípio adequado do ato que nos salva", isto é, dos nossos atos salutares ou úteis à salvação eterna.

Desconfiar de si e confiar em Deus, como se vê, não quer dizer cruzar os braços. Ao contrário. E um dos mais sábios apotemas de S. Inácio, em que bem se reconhece o cunho prático e luminoso da sua ascética, no-lo



vai declarar: "Seja esta, diz êle, a tua primeira regra no agir: esforça-te como se tudo dependesse de ti e nada de Deus; mas recorre a Deus, como se tudo dependesse dêle e nada de ti".

Por aí se vê que, assim como a desconfiança de nós mesmos nos leva naturalmente à oração, assim também a confiança em Deus deve ser acompanhada do nosso esfôrço pessoal, ou seja, da cooperação do nosso trabalho. Eis a oração e o trabalho, *ora et labora!* as duas vozes sonoras, que desde as lauras mais antigas até aos modernos conventos e casas religiosas, ecoam através de todos os séculos, como a síntese harmoniosa da vida mais perfeita sôbre a terra.

Que admirável florescência de espiritualidade não fêz o cristianismo brotar daquela fórmula, em si mesma tão sêca e inexpressiva: *nosce teipsum,* conhece-te a ti mesmo! A fé e a humildade, a confiança em Deus e a desconfiança de si, a oração e o trabalho, tais são os três pares de asas, que, à semelhança daquelas seis dos serafins de Isaías, elevam o homem, sob o impulso sobrenatural da caridade, desde o abismo tenebroso do seu nada, até ao abismo de luz, em que habita o Deus três vêzes santo.

Conhecer-se a si, para desprezar-se; conhecer a Deus, para amá-lo! Desamar-se a si, para amar a Deus! *"Oh! que eu me conhecesse a mim, para me desprezar! Oh! que eu Vos conhecesse a Vós, para Vos amar!"* *) Que programa infinito! Quanto melhor o realiza o homem neste mundo, tanto maior será a sua felicidade e glória eterna. Eis o tesouro oculto, de que fala o evangelho, a mina insondável pela qual temos de abandonar tudo

---

*) "Noverim me, ut oderim me! Noverim te, ut amem te!" (S. Agostinho).

sôbre a terra: "Dulcíssimo Amado meu! emudeçam diante de ti o céu e a terra com todos os seus ornatos; porque tudo o que têm de brilho e beleza é dom de vossa liberalidade, e não chega a igualar a glória de vosso nome, cuja sabedoria não tem medida" (*Imitação*, IV, 3).

* * *

As faltas e infidelidades que cometemos todos os dias devem inspirar-nos vergonha e confusão quando queremos aproximar-nos de Nosso Senhor. Lemos que existem grandes almas, como S. Catarina de Sena e a S. Madre Teresa que, quando incidiam em algum defeito, tinham estas grandes confusões; e justo é que, tendo ofendido a Deus, nos retiremos um pouco por humildade e nos conservemos confusos. E' exatamente o que sucede quando ofendemos a um amigo: sentimos vergonha de aproximar-nos dêle. Mas não nos conservemos por muito tempo nesse afastamento: as virtudes da humildade, da abjeção e da confusão são virtudes medianeiras, por intermédio das quais devemos elevar-nos à união da nossa alma com Deus.

Não seria realmente grande coisa que nos aniquilássemos e despojássemos de nós mesmos (o que constitui a confusão) se não fôsse para nos darmos todos a Deus; tal como nos ensina S. Paulo, quando diz: "Despojai-vos do homem velho e revesti-vos do homem nôvo" (Col 3,9-10).
Êste passageiro afastamento não se faz senão para com mais veemência nos lançarmos no seio de Deus por um ato de amor e confiança.

Tiremos, pois, por conclusão dêste primeiro ponto, que nos é utilíssimo sentir a confusão, quando temos o conhecimento e o sentimento da nossa miséria e imperfeição, mas que não devemos demorar-nos nesse estado, nem



tão pouco deixar-nos cair em desalento; pelo contrário, levantar o nosso coração até Deus por uma santa confiança cujo fundamento deve estar nêle e não em nós; pois é certo que, do mesmo modo que nós tão fàcilmente mudamos, não muda Êle nunca, e é igualmente bom e misericordioso quando nós somos fracos e imperfeitos, como quando somos fortes e perfeitos.
Habituei-me a dizer que *o trono da misericórdia de Deus é a nossa miséria.* Donde devemos concluir que, quanto maior fôr a nossa miséria, maior deve ser também a nossa confiança". [**]

* * *

Demais, a falta de confiança na misericórdia de Deus após as quedas é um dos maiores obstáculos ao progresso na perfeição. Tal carência procede dum secreto apoio em si mesmo; é um despeito dissimulado por se ver miserável e digno de compaixão.
O que há de extraordinário em que uma alma tenha grande confiança em Jesus quando não o ofendeu e, pela consciência livre de pecados, se sinta unida a Êle pela graça?
Mas esperar nêle depois de haver fraquejado, quando, pela milésima vez, a alma se vê recaída no mesmo pecado, a despeito da firme resolução de se emendar: eis aí o que encanta realmente o Coração de Jesus, o que honra a sua inesgotável misericórdia e paciência; é tal a confiança que Deus de nós exige e àvidamente espera. E Jesus permanece sempre o mesmo e não muda jamais!...
3. *Confiemos!* — Que Deus nos olha com amor, não padece a menor dúvida. Êle olha amorosamente os mais horríveis pecadores do mundo, por mais fraco que seja o desejo que êles tenham de se converter. E' um coração tão meigo, tão suave, tão condescendente, tão amoroso pelas suas despreziveis criaturas, — contanto que elas

reconheçam a sua miséria, — tão carinhoso para com os miseráveis, tão bom para com os penitentes! E quem de nós não amará êste régio Coração, tão *paternalmente maternal* para conosco?"**

Dignas de um Coração verdadeiramente amante e misericordioso são as palavras de Jesus à sua serva Benigna Consolata:

"A confiança é a chave que abre os tesouros de minha infinita misericórdia...

"O maior dano que o demônio possa causar a uma alma, depois de a ter feito cair em pecado, é arrastá-la à desconfiança. Enquanto uma alma tem confiança, fácil lhe é tornar para Deus; se, porém, o demônio conseguir fechar-lhe o coração, oh! então quanto terei de lutar a fim de a reconquistar!...

"Escreve, minha Benigna, escreve para que todos saibam: — E' certo que cem pecados me ofendem mais do que um só; mas se êste único pecado é uma desconfiança de mim, magoa-me o Coração mais do que os cem outros pecados, porque a desconfiança fere o mais íntimo do meu Coração. Tenho tanto amor aos homens!...

"Não sòmente o meu Coração se compadece, mais ainda se regozija quando se lhe depara muito que emendar e aperfeiçoar, contanto que não haja malícia. Se soubesses quanto eu poderia operar numa alma, ainda que cheia de misérias, se me deixasse trabalhar à vontade... O amor necessita de uma só coisa: que não encontra resistência e que não se lhe oponham obstáculos. Muitas vêzes, só peço e exijo de uma alma, para levá-la até a santidade, que me deixe trabalhar à vontade... As imperfeições não me podem desagradar enquanto não são queridas. A alma deve servir-se delas como de outros tantos degraus para se elevar até mim, mediante a humildade, a confiança e o amor: inclino-me para as almas que se sabem humilhar e



vou arrancá-las do abismo do seu nada para uni-las comigo...

"Todo o segrêdo da santidade vai encerrado nestas duas palavras: *desconfiar* e *confiar!* Deves sempre desconfiar de ti mesma, sem todavia deter-te nisso, porque cumpre elevares-te logo até à confiança em Deus; pois, se para todos eu sou bom, sou a própria bondade para aquêles que em mim confiam...

"A alma humilde possui um tal poder sôbre o coração de Deus que, sòzinha, é capaz de desarmar a minha justiça, e isto muito mais fàcilmente do que a poderão provocar mil pecadores...

"... Tuas misérias?... Vende-as à minha misericórdia!

"Encanta grandemente o meu Coração a breve jaculatória: *Sacratíssimo Coração de Jesus, em vós confio!* pois ela encerra confiança, fé, amor e humildade".*

4. *Uma grande miséria reclama uma maior misericórdia.* — "Glorificai-vos de não serdes coisa alguma; sêde felizes neste sentimento, porque a nossa miséria serve de objeto à bondade de Deus para exercer a sua misericórdia.

Entre os mendigos, aquêles que são mais miseráveis e cujas chagas são mais horrorosas são considerados melhores e mais próprios para atrair as esmolas. Também nós somos uns mendigos: os mais miseráveis estão em melhores condições; a misericórdia de Deus olha-os com maior campaixão.

---

*) Dizia o Senhor a S. Gertrudes, a propósito do Cântico (4. 5): "O olhar único de minha amada, que me fere o coração, é a confiança imperturbável que ela deve ter para comigo, certa de que posso, que sei, que quero ajudá-la em tôdas as circunstâncias: esta confiança faz uma tal violência sôbre a minha misericórdia, que não posso afastar-me dela" (v. Oportet illum regnare", p. 379).

Humilhemo-nos, vo-lo suplico, e não preguemos senão as nossas chagas à porta do templo da piedade divina; mas não vos esqueçais de as pregar com alegria, consolando-vos de estardes tão vazios e indigentes, a fim de que Nosso Senhor vos encha do seu reino". [illegible] [**]

"Quanto à absolvição que vós me pedíeis dos vossos pecados de tantos anos, minha muito querida filha, deveis saber que Deus pela sua bondade os terá esquecido no mesmo instante em que lhe quisestes dar o vosso coração, pela resolução que a sua inspiração vos faz tomar, de não viver mais senão para Êle. Não obstante isso, podereis repetir com fruto a oração daquele penitente que dizia: — *Senhor, levai-me sempre mais da minha iniqüidade e purificai-me do meu pecado!* (Sl 50,4), contanto que isto seja dito com uma confiança verdadeira e simples nesta soberana bondade, assegurando-vos que a sua misericórdia nunca vos faltará". [illegible]

"Ficai, pois, em paz; não vos deleiteis nunca com as vossas imperfeições, mas fixai o olhar no alto, na infinita bondade de Deus que, para manter-nos na humildade, nos deixa viver nas nossas enfermidades. Tende tôda confiança na sua bondade e Êle terá inteiro cuidado da vossa alma e de tudo o que lhe diz respeito, como nunca poderíeis pensar. E se até ao presente não haveis correspondido à graça, tendes um bom remédio: correspondei dora em diante com tôda fidelidade... As vossas misérias e infidelidades não vos devem admirar; Deus há olhado compassivo para muitas outras, e a sua misericórdia não rejeita os miseráveis, antes se exerce fazendo bem, e

---

**) A Igreja não tem outra doutrina. Nas suas orações litúrgicas sempre ela nos conduz a apresentar a Deus, à Virgem Maria e aos Santos o nosso título de pecadores, como sendo êle o mais próprio para nos atrair a sua proteção: Peccatores, te rogamus, audi nos. Ora pro nobis peccatoribus... Quia peccavi nimis, mea maxima culpa... ideo precor B. Mariam, etc.



tornando fúlgida a sua glória sôbre a abjeção dêles". [illegible]

Avante, pois! Vivamos consolados e inteiramente tranqüilos através das nossas enfermidades, lembrando-nos da palavra de S. Paulo Apóstolo: "*De boa vontade me gloriarei nas minhas enfermidades, para que habite em mim a virtude de Cristo!*" (2 Cor 12,9). Sim, porque a nossa fragilidade serve para fazer realçar a bondade soberana de Nosso Senhor, e essa será tanto mais glorificada em nós, quanto maiores forem as nossas misérias; contanto que nos esforcemos por levantar-nos, o que devemos esperar conseguir mediante a graça de Deus. E Êle receberá a nossa miséria no seio da sua misericórdia e nos conduzirá pela sua mão paternal ao gôzo da sua herança.

5. *Aviso aos diretores de almas.* — S. Francisco de Sales queria que as pessoas, incumbidas de conduzir o próximo, tomassem a peito levantar a sua coragem e reanimar a sua confiança.

E' assim que êle escrevia a uma superiora, a propósito de uma menina que êle lhe havia recomendado: "Vêde como tendes sido demasiadamente severa para com a pobre menina. Não há necessidade de dirigir-lhe tantas censuras, visto que ela é filha de bons desejos. Dizei-lhe que, por mais propensa que ela seja a cair em fraquezas, não deve nunca assombrar-se nem despeitar-se contra si mesma: que em lugar disso levante o olhar para Nosso Senhor, que do alto do céu a contempla, como um pai contempla o seu filhinho que, ainda débil, mal pode sustentar os passos vacilantes, e lhe diz: — Muito bem, meu filho; e, se êle cai, anima-o, dizendo-lhe: falhaste, meu filho; mas sossega, não chores mais; e aproxima-se estendendo-lhe a mão. Se esta menina é uma criança humilde, — e saiba ela bem que é criança — nada se admirará de ter caído, porque também não cairá de tão alto". [illegible]

O suave doutor dava instruções semelhantes e ainda mais precisas aos confessores de como deviam acolher os pecadores.

Depois de lembrar-lhes que os pobres penitentes lhes dão o doce nome de pai, e que devem ter um coração paternal para com êles, recebendo-os com extremo amor, apesar dos seus defeitos, acrescenta ainda: "Assim é que, conquanto o filho pródigo volte em completa nudez e imundo, seu pai abraça-o, beija-o amorosamente e chora por êle; porque êle era pai, e o coração dos pais é terno para com seus filhos".

Em seguida ensina o santo a maneira de acolher um penitente propenso ao desânimo e ao desespêro: "Se o vêdes dominado pelo temor, abatido, e como que desconfiado de obter o perdão dos seus pecados, levantai-o patenteando-lhe o prazer que Deus tem com a penitência dos grandes pecadores; e que, quanto maior é a nossa miséria, mais glorificada é a misericórdia de Deus; que Nosso Senhor orou a Deus seu Pai por aquêles que o crucificaram, para nos fazer ver que, se nós o tivéssemos crucificado por nossas próprias mãos, Êle nos perdoaria liberalissimamente. Dizei-lhe que Deus considera tanto a penitência, que a menor penitência do mundo, contanto que seja verdadeira, lhe faz esquecer tôda espécie de pecados; de maneira que, se os condenados, e até mesmo os demônios, pudessem fazer penitência, todos os seus pecados lhes seriam remidos; que os maiores Santos foram grandes pecadores: S. Pedro, S. Mateus, S. Madalena, S. Agostinho, etc.; e enfim que a maior afronta que podem fazer à bondade de Deus e à morte e paixão de Jesus Cristo é a de não ter confiança de obter o perdão das suas iniqüidades; e, mais ainda, que, por artigo de fé, somos obrigados a crer na remissão dos pecados, a fim de que não duvidemos nunca de a receber, quando recorramos ao sacramento que Nosso Senhor instituiu para êste efeito". [11]



6. *Mansidão do Santo para com os penitentes.* — E' conhecida a perfeição com que o meigo S. Francisco exercia esta doce mansidão para com seus penitentes. Eram tais sempre os seus pensamentos, evidenciados pelo exemplo de sua própria pessoa; assim no-lo asseguram os seus contemporâneos e confidentes. "Ouvi-lhe muitas vêzes, conta Mons. Camus, louvar a inclinação de S. Teresa para ler a vida dos santos que tinham sido grandes pecadores, porque ela via ali brilhar a magnificência da misericórdia divina sôbre a sua grande miséria". [12]

"Eu não sei como sou feito, escrevia êle a S. Joana Francisca de Chantal, ainda que me sinta miserável, não me perturbo e algumas vêzes me sinto mesmo alegre, pensando que sou uma verdadeira necessidade para a misericórdia de Deus".

Enfim, diz o Padre La Rivière, falando do santo bispo: "Não me é passível exprimir a amorosa dor que êle concebia por qualquer defeito, acompanhada sempre dum temor filial, dum sentimento amargamente doce, dum abandono absoluto e duma inteira confiança na incompreensível bondade de Deus. Por certo que não é possível exprimir isto, visto que êste excelente personagem havia sido instruído pelo Espírito Santo desde a sua tenra juventude a fixar-se em Deus, a ver mesmo as imperfeições como um pai soberanamente amável e extremamente bondoso que as destrói até à última, quando há arrependimento que as abisma no oceano da sua misericórdia, e que as consome no fogo da sua infinita caridade.

Eis a razão pela qual, se algumas vêzes êle trepidava ligeiramente, transgredindo as suas boas soluções, logo se corrigia sem se entristecer nem impacientar, lançando o seu olhar sôbre o bendito Salvador, com uma perfeita confiança". [13]

## CAPÍTULO V

# SIRVAM AS NOSSAS FALTAS PARA NOS AFIRMAR NA PERSEVERANÇA

1. *A experiência das nossas quedas pessoais nos torna prudentes.* — O objeto dêste nôvo capítulo tem sido implìcitamente tratado nas páginas precedentes, e não é mais do que a conseqüência dos dois últimos. Proporcionando-nos um conhecimento mais exato da nossa fraqueza, e dando-nos, por assim dizer, maior direito à misericórdia divina, as nossas quedas devem levar-nos naturalmente a estarmos mais prevenidos, e a recorrer com uma humildade mais impregnada de confiança àquele, sem o qual nada podemos e com o qual podemos tudo.

E' evidente que a desconfiança de nós mesmos e a confiança em Deus são os dois penhôres da vitória no combate espiritual. Nos desígnios de Deus, as faltas são entretanto chamadas a prestar à nossa perseverança serviços não menos notáveis, sob pontos de vista mais especiais.

Em primeiro lugar: é claro que devem tornar-nos mais vigilantes. E' um dos sentidos que os intérpretes assinam ao oráculo sagrado: — "Uma grave enfermidade torna a alma sóbria" (Ecli 31,2).

"Sem dúvida, diz S. João Crisóstomo, devia ser-nos suficiente saber que homens, bem superiores a nós em santidade, não têm estado ao abrigo dos desfalecimentos para se tornarem mais circunspectos, caminharem com



mais precaução e observarem uma prudência mais severa. Mas as nossas desgraças pessoais conseguem instruir-nos ainda melhor. E' tão fraca a nossa natureza, que tem necessidade de se ferir nos escolhos para se certificar da realidade do perigo". **

Esta verdade confirma-a o Espírito Santo, tão bem como a experiência: "Que sabe aquêle que não foi provado? O homem experimentado em muitas coisas tem muitos pensamentos e aquêle que não tem experiência pouco sabe. Que sabe aquêle que não foi tentado? O que não foi enganado tornar-se-á muito cauteloso" (Ecli 34,9-11). E um padre, explicando êste texto, continua assim: "Uma felicidade tranqüila está muito exposta; mas o temor de recair nas ciladas em que já tem fraquejado torna o homem mais vigilante; tal como o marinheiro, que já conheceu o perigo, se conserva mais prevenido; e a lembrança de um só naufrágio que a sua imprudência haja causado afasta-o muitas vêzes para sempre dos portos inóspitos". **

2. *Fuga das ocasiões do pecado.* — Tal é a primeira lição que a nossa vigilância deve conservar das nossas quedas: reconhecer e combater as causas, evitar a imprevidência e a leviandade e, antes de tudo, fugir das ocasiões voluntárias, êste *demônio dos demônios,* como se lhes tem chamado, que devoram tantas almas.

Os navegadores têm a sua carta marítima, onde marcam cuidadosamente os recifes observados. À luz das nossas faltas passadas façamos nós também a nossa carta de navegação espiritual, onde serão descritas as causas das nossas deserções anteriores, as correntes, as ilusões, as faltas de precaução que têm ocasionado transviamentos e, instruídos pela triste experiência, evitaremos para o futuro os escolhos assinalados pelos nossos naufrágios.

"A lembrança do mal passado, fazendo-nos temer as recaídas, às quais bem freqüentemente nos conduziríamos pela demasiada insubordinação e liberdade, como que nos trava os ímpetos naturais, para obrigar-nos a tomar cuidado conosco e nunca nos esquecer do que temos sido, a fim de não nos tornarmos ainda piores".[70]

* * *

Mais uma observação: Cuidado com as ocasiões de orgulho! Não procures elogios nem te deixes fascinar por êles! Nas tuas confissões, põe especial atenção nas faltas de caridade e de humildade, e acusa tôdas as circunstâncias cuja indicação te fôr difícil... E' certo que nenhuma tribulação nos pode separar de Deus; mas tôda descaridade, ainda que mínima, é entrave à intimidade com êle. O que sobretudo nos afasta de Deus é o nosso egoísmo. Nunca nos concederá Deus os seus dons mais seletos enquanto formos egoístas e descaridosos. As coisas mais importantes são o amor e o desinterêsse, e não as suavidades na oração; nem deviam essas virtudes depender do estado de consolação ou desolação em que nos achássemos.

Tem em grande conta a vitória sôbre ti mesmo, máxime em matéria de caridade e desinterêsse! — exorta novamente o P. Considine. Se ainda és bisonho nesse abc da vida espiritual, sê extremamente rigoroso contigo mesmo. Quando se trata de prestar algum trabalho desagradável, tu é que deves oferecer-te para prestá-lo. Êsse é o espírito dos Santos.

Um dos melhores sinais de progresso é a facilidade de vermos a Deus em tôdas as coisas, como de fato está e opera em tôdas elas. E' exercício muito salutar trazermos sempre presente esta convicção, lembrando-nos, por exemplo, de que Deus está realmente nas vicissitudes do tempo e do nosso estado de saúde; no procedimento dos



homens conosco, porque permite que assim falem e procedam, ainda que nem tudo aprove; está nas nossas decepções e nos nossos desacertos, exceto o pecado; está também nos fluxos e refluxos da nossa vida espiritual. Costumamos atribuir estas coisas a circunstâncias e casualidades várias, quando de fato são o dedo de Deus. Êste hábito de vermos a Deus em todos os pequenos e grandes eventos de cada dia preserva-nos de temores e solicitudes vãs; pois estamos sempre com Deus e podemos a todo momento lançar-nos nos braços da sua misericórdia.

3. *Fidelidade aos meios da perseverança.* — Dêste primeiro proveito das nossas faltas resultará naturalmente um segundo: — *a fidelidade aos meios da perseverança.* Cada uma das nossas quedas tornar-se-á um pregador irresistível da necessidade da graça e do dever de a atrair pela oração e pela freqüência dos sacramentos.

As humilhantes recordações das nossas faltas e quedas sacudirão a nossa sonolência e estimularão o nosso ardor no serviço de Deus e na prática da virtude. "Não há corcel mais rápido, diz o P. Piamontini, do que o cavalo que consegue escapar-se das garras dum lôbo; parece-lhe sempre ter êsse inimigo ao seu lado, e nessa impressão êle não corre, voa. Tal é o efeito que para os santos produzem as quedas: tornam-se mais ardentes para o bem".[71]

A criança que cai quando, afastando-se um pouco da mãe, quer caminhar só, diz o P. Grou, volta a ela com mais ternura, para ser sarada do mal que a si própria se fêz, e aprende pela sua queda a não mais se afastar. A experiência da sua fraqueza e a bondade com que sua mãe a recebe, inspira-lhe mais dedicação por ela".[72]

Encontra-se o fundo de todos êstes pensamentos na pena do mais amável dos santos: "Retomai o vossa coração e colocai-o docemente entre as mãos de Nosso Senhor, suplicando-lhe que o cure; da vossa parte fazei

também tudo o que puderdes pela renovação das vossas resoluções, por meio da leitura de livros próprios para a vossa cura e por outros meios convenientes; fazendo assim, ganhareis muito com a vossa perda, e tornar-vos-eis mais sãos à custa da vossa doença".

"O amor-próprio, a estima de nós mesmos, a falsa liberdade do espírito: tais são as raízes que não se podem simplesmente arrancar do coração humano; o que se pode é tão sòmente impedir a produção de seus frutos, que são os pecados; porque seus impulsos, seus primeiros ímpetos, seus renovos não podem ser impedidos completamente enquanto estamos nesta vida mortal, bem que se possa moderar e diminuir sua quantidade e seu ardor pela prática das virtudes contrárias, sobretudo do amor de Deus. É, pois, preciso ter paciência e emendar e cercear a pouco e pouco os nossos maus hábitos, domar nossas aversões e superar nossas inclinações ou caprichos conforme as ocorrências; porque, em suma, é esta vida uma guerra contínua, e não há quem possa dizer: eu não sou atacado de maneira alguma. O repouso é reservado para o céu, onde nos espera a palma da vitória. Aqui na terra, porém, é preciso combater sempre entre o temor e a esperança, havendo de ser essa sempre mais forte, em consideração da onipotência daquele que nos socorre".

"Meu Deus, como é feliz o reino interior, quando o vosso santo amor nêle reina! Que venturosas são as potências da nossa alma, obedecendo a um Rei tão santo e tão sábio!... Deixa êle às vêzes aproximar-se os pecados da fronteira, a fim de exercitar no combate as virtudes interiores e torná-las assim mais valentes; Êle permite até que os espiões, que são os pecados veniais e as imperfeições, corram aqui e ali pelo seu reino e o assaltem; mas é ùnicamente para fazer-nos conhecer que sem Êle todos os inimigos nos dominariam".



4. *Queda de Salomão.* — "Vêde, minha querida irmã, como tantas vêzes sucede que, julgando-nos inteiramente livres dos inimigos antigos, sôbre os quais tínhamos já conquistado a vitória, vemo-los voltar dum outro lado, donde menos o esperávamos. Ai! o único sábio do mundo, Salomão, que tantas maravilhas fizera na sua juventude, julgando-se bem seguro da consciência da sua virtude e da confiança dos anos decorridos, quando lhe parecia estar livre dos seus escândalos, foi surpreendido pelo inimigo que, segundo o curso ordinário da natureza, êle menos temia.

Tiremos do fato duas lições utilíssimas: a primeira, que devemos sempre desconfiar de nós, caminhar com um santo temor, implorar continuamente o auxílio do céu e viver humilde e devotamente. A segunda é que os nossos inimigos podem ser repelidos, mas não mortos; deixam-nos algumas vêzes em paz, mas é para mover-nos uma guerra mais forte.

Com isto, porém, não quero que de maneira alguma vos desanimeis... Êstes pequenos abalos nos obrigam a reentrar em nós, a considerar a nossa fragilidade e a recorrer mais fervorosamente ao nosso protetor. S. Pedro navegava tranqüilo sôbre as ondas; desencadeia-se o vento e as vagas encapeladas parecem submergi-lo. E' então que êle exclama: "Ah! Senhor, salvai-me!" E Nosso Senhor, estendendo-lhe a mão, diz-lhe: "Por que duvidas, homem de pouca fé?" E' entre as perturbações das nossas paixões, através dos ventos e das tempestades das tentações, que reclamamos o Salvador. Êle não permite que sejamos agitados, senão para nos provocar a invocá-lo mais ardentemente".

"Humilhemo-nos profundamente: confessemos que, se Deus não fôr a nossa fortaleza e escudo; seremos imediatamente feridos e cravados por tôda espécie de pecados... Sejamos, pois, sempre fiéis a Deus, pela continuação dos

nossos exercícios de piedade: seja êste o nosso maior cuidado e que todos os outros dependam dêste.

Ainda que algumas vêzes vos suceda sofrer os embates do amor-próprio e da vossa imbecilidade, não vos deixeis perturbar; Deus assim o permite para que vos apegueis à sua mão, para que vos humilheis e reclameis o seu socorro paternal". "

* * *

"Não é justo que ponhamos em dúvida se estamos em situação de confiar-nos a Deus, quando sentimos dificuldade para preservar-nos do pecado, nem quando temos desconfiança ou mêdo de nas ocasiões e tentações não poder resistir-lhes. Oh, não! A desconfiança das nossas fôrças não é uma falta de resolução, mas sim um verdadeiro reconhecimento da nossa miséria. E' melhor desconfiar de poder resistir às tentações, do que julgar-se para elas muito forte e seguro, porque o que cada um não pode esperar das suas fôrças há de necessàriamente aguardá-lo da graça de Deus.

Por isso muitos que, através de grandes consolações prometiam fazer maravilhas por Deus, quando chega a ocasião, têm fraquejado; ao passo que outros, tendo tido grande desconfiança das suas fôrças e grande temor de sucumbir imediatamente, se a ocasião se apresenta, têm todavia feito maravilhas por Deus, porque o grande sentimento da sua fraqueza os impulsiona a procurar o auxílio e o socorro de Deus, a velar, a orar e a humilhar-se para não cair em tentações.

Ainda que não sintamos em nós nem fôrça nem coragem para resistir à tentação, caso ela se apresente, contanto que desejemos resistir-lhe, esperemos que, se ela vem, Deus virá também em nosso auxílio. Supliquemos a sua assistência, confiemos nêle, sem de modo algum con-



tristar-nos por não sentir sempre a fôrça e a coragem; é suficiente esperarmos confiadamente o auxílio de Deus e desejarmos tê-lo na hora em que o perigo o reclama...

Deus não faz nada em vão. Não nos dá a fôrça e a coragem quando não temos necessidade de a empregar, mas, quando chega a ocasião, não falta Êle nunca. É, pois, conseqüente a necessidade que sempre temos de esperar que, em tudo o que ocorrer, Deus nos auxiliará, contando que o imploremos. Sirvamo-nos sempre das palavras de David: — *"Por que estás triste, ó minha alma, e por que me perturbas? Espera no Senhor!"* (Sl 42,5), e daquela outra oração que êle usava: *"Quando as minhas fôrças desfalecerem, não me abandones, Senhor!"* (Sl 70,9). "

"O grande segrêdo para conservar uma sólida devoção é ter uma profunda humildade. Sêde humildes e Deus será por vós e apreciará a vossa boa vontade. Dando-vos a Êle sem hipocrisia e sem reserva, dizei-lhe do fundo do coração que, se até ao presente não o tendes servido com bastante ardor, Êle se digne perdoar-vos; fortificai em vós a resolução que tendes tomado de desprender-vos de tôdas as afeições do mundo, de vos não consagrardes senão ao amor de Deus e de servi-lo fielmente de todo o vosso coração... Não devemos perturbar-nos com as nossas faltas, que muitas vêzes o Espírito divino é mais liberal nos seus dons justamente para com aquêles que têm sido menos generosos do seu coração e das suas afeições". "

5. *Lembrança dos remorsos e tormentos.* — Enfim, uma última vantagem a tirar das nossas faltas sob o ponto de vista, que agora nos ocupa, encontra-se na lembrança dos remorsos que elas nos deixaram, dos tormentos que nos causaram, e das reparações a que nos condenaram.

Tiremos proveito da repugnância que sentimos por ter de suportar de nôvo tais desgostos, a fim de nos preservar das recaídas, e digamos a nós mesmos no momento da tentação: O' minha alma, lembra-te da confusão que se seguiu às tuas faltas quando tiveste a infelicidade de as cometer; recorda-te do que te custou retratar-te, para apagar-lhe os traços e reparar-lhe as conseqüências; lembra-te das amarguras que te torturaram quando pecados idênticos descarregavam sôbre ti o pêso dos terrôres, esmagando-te então ao pensar nos juízos de Deus, e da vergonha que tiveste de vencer para confessar as tuas misérias no santo tribunal da penitência. Lembra-te de tudo isto e poupa-te, por meio da mais generosa fidelidade, a sofrer de nôvo aquelas penas, aquêles trabalhos, aquelas humilhações. *

Sem dúvida que tais motivos estão longe de ser perfeitos, visto que vêm mais do temor que do amor; entretanto podem ser aproveitáveis em mais dum caso, e merecem ser mencionados entre as indústrias da arte de utilizar-se das próprias faltas.

O nosso Santo não insiste neste ponto, mas nem tão pouco o omite: — "O amor, embora sempre corajoso, tem de empregar fôrça para conseguir manter-se, considerada a natureza do meio que ocupa, que é o coração humano, sempre variável, volúvel e tumultuante.

Usando, por isso, de todos os recursos que lhe estão à disposição, não omite de empregar também na tática do combate o temor, servindo-se dêle para rechaçar o nimigo". **

---

*) "Doloroso privilégio o de poder recordar-se... Peccatum meum... contra me... semper. "O meu pecado... sempre.. diante de mim...". Não há queixa mais trágica em tôda a história humana. Poder esquecer, que potência! Mas ser forçado a lembrar-se, que martírio!... — Se pensássemos, no momento do pecado, que êle nos imporá, por tôda a nossa vida, o jugo da sua recordação!... (R. Plus).



CAPÍTULO VI

## SIRVAM AS NOSSAS FALTAS PARA NOS TORNARMOS MAIS FERVOROSOS

1. *O fruto do humilde reconhecimento das nossas faltas.* — Êste capítulo deve conduzir-nos ao têrmo final da arte de utilizar as próprias faltas e último grau da perfeição cristã: *o fervor no amor de Deus.* Se algum dos nossos leitores desejar conhecer a misteriosa gênese do amor pela penitência, recomendamos-lhe os últimos capítulos do segundo livro do *Tratado do Amor de Deus.* Por agora limitamo-nos a lembrar-lhes que a matéria desta última virtude são os nossos pecados, e assim compreenderão o grande proveito que dêste ponto de vista êles devem proporcionar-nos.

A penitência suscita diversos atos: consideraremos aquêles que na linguagem teológica e mesmo popular têm precisamente o nome de atos do penitente: *a confissão, a contrição e a satisfação*, que são matéria, ou ao menos parte essencial do sacramento da reconciliação.

O nosso amável Doutor apresenta sôbre cada um dêstes três pontos ensinamentos sublimes, e descobre-nos, sob a eloqüência da sua palavra, os tesouros que os nossos próprios pecados nos facultam, proporcionando alimento às nossas almas arrependidas.

Depara-se-nos em primeiro lugar a acusação com o cortejo dos esforços que exige e das bênçãos que atrai,

como um dos mais poderosos meios de transformar as nossas quedas em fontes de merecimentos.

"O amoroso Coração de nosso Redentor mede e dirige todos os acontecimentos que se passam sôbre a terra, de modo que tudo possa servir de proveito aos espíritos que sem reserva se querem consagrar ao seu divino amor...

E' certo que os nossos defeitos, verdadeiros espinhos enquanto cravados em nossa alma, transformam-se em rosas e perfumes quando, pela acusação voluntária, dela os fazemos sair; e, do mesmo modo que a nossa malícia os prega em nossos corações, assim a bondade do Espírito Santo os arroja para longe".[11]

"O escorpião é venenoso; mas, se o reduzirmos a óleo, êsse óleo é um antídoto eficaz contra a própria mordedura; o pecado é vergonhoso tão sòmente quando o praticamos; convertido em confissão e penitência, traz-nos a saúde.

Sim, tantos encantos tem a confissão e tantos perfumes exala para o céu e a terra que tira e sara tôda fealdade e podridão do pecado. Simão, o leproso, dizia que Madalena era uma pecadora; mas Nosso Senhor dizia que não, e já só falava do perfume que ela tinha espalhado por tôda a sala do fariseu e já só considerava o seu imenso amor. Se somos verdadeiramente humildes, nossos pecados forçosamente nos desagradarão muitíssimo, porque são ofensas a Deus; ao contrário, a confissão de nossos pecados se tornará suave e consoladora, pela honra que com isso damos a Deus. E' um consôlo semelhante ao do doente que revela ao médico tudo o que sente. Estando ajoelhado aos pés do teu pai espiritual, pensa que estás no Calvário, aos pés de Jesus crucificado, e que seu sangue precioso se derrama de suas feridas e, caindo em tua alma, a lava de suas iniqüidades; porque é, na verdade, a aplicação dos merecimentos do



sangue de Cristo derramado na cruz que significa os penitentes. Manifesta, pois, inteiramente o teu coração ao confessor, para que o alivie dos teus pecados, e o encherás ao mesmo tempo de bênçãos pelos merecimentos da Paixão de Jesus. E, além disso, praticarás nesse ato a humildade, a obediência, a simplicidade e o amor de Deus — numa palavra: mais virtudes que em nenhum outro ato de religião".[12]

* * *

*"A confissão e a penitência honram infinitamente mais o homem, do que o pecado o torna censurável".* — O Padre Du Pont faz sôbre êste assunto frisantes considerações. Evidenciando os atos de virtude que se multiplicam na confissão dos pecados, não hesita em nomeá-la uma obra de virtude sôbre-humana; é, diz êle, o que parece insinuar Job, quando diante de Deus assevera não ter nunca, "como um homem, conservado secreto o seu pecado, nem ocultado a sua iniqüidade" (Job 30,33).

Afirma S. Gregório que muitas vêzes é preciso mais coragem para confessar um pecado do que para o ter evitado. Bem conhecida é igualmente a frase de S. Agostinho: "Deus acusa as vossas faltas; se vós mesmos igualmente as acusardes, eis-vos unidos a Êle".

Levando, pois em conta que um pecado, cometido uma só vez, pode tornar-se, pelas acusações cem vêzes repetidas, uma ocasião de virtudes e merecimentos tão incontestáveis, não devemos exclamar do íntimo da alma: ó abençoada culpa!? *Felix culpa!*

2. *Maravilhosos efeitos da contrição do pecado.* — Estas reflexões aplicam-se ainda com mais razão à contrição. Esclarece-nos neste ponto o autor do *Tratado do Amor de Deus* sôbre o papel vivificante que desempenha

a caridade divina com a "sua dor amorosa e o seu doloroso amor".

"A natureza, quanto eu sei, não converte nunca o fogo em água, ainda que muitas águas se convertessem em fogo: Deus, porém, o fêz uma vez por milagre. No II livro dos Macabeus (1,19) está escrito que, quando os filhos de Israel foram conduzidos a Babilônia, no tempo de Sedecias, os sacerdotes, por indicação de Jeremias, ocultaram o fogo sagrado em um poço sêco, aberto na extensão de um vale; e quando, ao regresso, os filhos daqueles que ali o haviam escondido foram procurá-lo, segundo as explicações que de seus pais tinham recebido, encontraram-nos transformado em água grossa, a qual, tirada por êles e derramada sôbre os sacrifícios, conforme o que lhes ordenava Neemias, se converteu em um grande fogo logo que sôbre ela incidiam os ardentes raios do sol.

Entre as tribulações e pesares duma vida de arrependimento, acende Deus muitas vêzes o fogo sagrado do seu amor, no íntimo do nosso coração: fogo que se converte em água de muitas lágrimas, as quais, por uma segunda transformação, se convertem ainda em outro fogo de maior amor. E é dêsse modo que a célebre amante arrependida ama primeiramente o seu Salvador; êsse amor se converte em lágrimas, e essas lágrimas se transformam em um amor mais excelente, pelo qual teve a dita de ouvir dizer a Nosso Senhor que muitos pecados lhe haviam sido perdoados, porque muito havia amado...

Peço-te, pois, Teótimo, que fixes bem atentamente a tão amada Madalena... Vê como ela chora de amor: *Levaram-me o Senhor e não sei onde o puseram*..., mas quando, à fôrça de chorar e suspirar, consegue encontrá-lo, detém-no e apossa-se dêle pelo amor. O amor imperfeito o deseja e o requer; a penitência o procura e encontra; o amor perfeito possui-o e estreita a união com Êle.



Dizem que os rubis da Etiópia têm naturalmente a côr do fogo um pouco desmaiada, mas que, mergulhando-os em vinagre, essa côr se aviva e resplandece com um brilho claríssimo: assim também o amor que precede o arrependimento é ordinàriamente um amor imperfeito, mas, uma vez diluído no ácido da penitência, reforça-se e transforma-se em um amor excelente.

E' de razão que o pecado não possa ter tanta fôrça contra a caridade, como a caridade contra o pecado; visto que êste procede da nossa fraqueza, ao passo que aquêle procede do amor divino. Se o pecado é abundante em malícia para arruinar, a graça é superabundante para reparar, e a misericórdia de Deus, por meio da qual é perdoado o pecado, é sempre exaltada e sempre gloriosamente triunfante contra o rigor de sua justiça (Tgo 2,13). Quando Nosso Senhor concedia as miraculosas curas corporais, não restituía sòmente a saúde, mas com ela concedia novas bênçãos, fazendo realçar a cura muito além da doença, tão bondoso era com os homens"."

Fala S. Bernardo dum perfume que êle chama o perfume da contrição, *unguentum contritionis*. "É, diz êle, aquêle perfume que reconcilia a alma envôlta em muitos crimes, quando, refletindo sôbre a sua conduta, recolhe e reúne uma infinidade de pecados de tôdas as espécies e os tritura no almofariz da consciência, lançando-os depois na caldeira dum coração inflamado, onde dum certo modo os coze ao fogo do arrependimento e da dor. E' então que ela pode repetir com o profeta: "O meu coração inflama-se no íntimo, e o fogo que me devora ainda mais me abrasa, quando penso nos meus crimes passados" (Sl 38,4).

A matéria que constitui êsse perfume não é preciso ir procurá-la muito longe: dentro de nós mesmos a encontra-

mos sem trabalho, e podemos colhê-la em abundância no nosso jardim tôdas as vêzes que dela tivermos necessidade; pois — a não ser que queiramos iludir-nos — qual é aquêle que no seu íntimo não encontra bastantes pecados e iniqüidades?[84]

3. *Sentimentos adequados a animar o penitente na recordação dos seus pecados.* — Todos os sentimentos mais fortes e poderosos vêm comprimir a alma verdadeiramente penitente e penetrá-la pela brecha nela aberta pelo pecado, para centuplicar o seu amor para com a divindade ultrajada: o pesar de ter ferido o coração do seu Deus, o reconhecimento pela sua paciência, pela continuação dos seus dons e pela efusão do seu perdão, a necessidade de fazer-lhe esquecer a infidelidade passada, e êste não sei quê de amargo e piedoso que dá vontade de chorar com a Madalena, diante do Salvador, e chorar ainda mais à medida que Êle vai permitindo que lhe beijemos os pés, e que vai acolhendo misericordiosamente o nosso arrependimento.

Não constitui tudo isso razão suficiente para acender numa alma contrita uma chama de caridade que lhe era desconhecida antes da sua falta? E, alimentadas estas disposições pela lembrança dos próprios pecados, que celestes incêndios de amor não poderão elas atear!

"Quanto mais a alma se entranha no amor divino, diz a seráfica Benigna Gojos, tanto mais esta lembrança se torna pungente, e estimula a necessidade de amar um Ente tão indignamente ultrajado".

A falta tem apenas a duração dum instante; o incêndio do amor dura a vida inteira, e pode duplicar-se cada vez que recordamos essa falta. Que digo eu? êle pode até tornar-se eterno, e S. Luís Gonzaga deverá a uma ou duas imperfeições cometidas durante a vida, séculos e séculos de inefável inebriamento de amor divino que, sem aquelas, provàvelmente nunca teria gozado.



Com efeito, se tôda a lembrança voluntária, tôda a aprovação e complacência duma falta cometida é uma mancha a mais, é justo que nossos merecimentos recompensem também a alma justificada, de cada vez que ela condena, reprova e se amargura recordando os seus pecados passados. E podendo estas reprovações e pesares multiplicar-se indefinidamente, onde chegará a soma possível dos merecimentos adquiridos?

Seguindo o uso imemorial, todos os peregrinos, que passam diante do túmulo de Absalão, no vale de Josefat, lançam uma imprecação à memória dêste filho desnaturado e atiram uma pedra contra o seu mausoléu. Sob as pedras assim amontoadas pela indignação pública, êste sepulcro dum celerado tem-se tornado o monumento do respeito dos povos pelo quarto mandamento: *honrarás o teu pai e a tua mãe.* Do mesmo modo, cada uma das nossas faltas, tornando-se objeto dum arrependimento incessante, pode servir de base a uma montanha de merecimentos. E quem poderá medir o valor e a fecundidade que a absolvição sacramental vem juntar a êste arrependimento, tôdas as vêzes que nos apraz sujeitar a ela os nossos pecados passados? Não sòmente a graça santificante revive então mais abundante e mais esplêndida, crescendo em proporção com as disposições da alma penitente, mas o sangue de Jesus Cristo, qual uma púrpura divina, cobre de nôvo o lugar da manchas já por êle extintas e aí estabelece uma seiva de sobrenatural energia muitas vêzes mais vigorosa do que o fôra antes da queda.

Devemos colocar-nos neste ponto de vista para compreender as expressões algumas vêzes, aparentemente, paradoxais daqueles que têm tratado ou falado da arte de utilizar as próprias faltas.

Um religioso muito esclarecido dizia um dia em presença duma fervorosa comunidade: "Minhas Irmãs, al-

gumas vêzes vos é mais proveitosa uma falta do que uma comunhão".

Oh! e como, em certo sentido, isto é verdade! As reparações e os arrependimentos inerentes a uma falta cometida produzem, muitas vêzes, efeitos mais duradouros, ao menos mais sensíveis, do que a própria recepção do Autor da graça. Que oceano de infinitas consolações encerram todos êsses pensamentos! Como que nos sentimos instados a aplicar ao pecado o que o profeta Oséias e o apóstolo S. Paulo diziam com respeito à morte: *foi absorvido pela vitória*, pela vitória do amor.

## CAPÍTULO VII

# UTILIZAR AS PRÓPRIAS FALTAS À CUSTA DA REPARAÇÃO A QUE OBRIGAM

1. *Nossos pecados, fonte de uma grande humildade e abundante satisfação.* — O amor não pode estar inativo. "O seu testemunho, diz S. Gregório, são as obras". Devemos procurar que nos seja útil a lembrança das nossas quedas, fazendo que dela emane o amor que se manifesta em obras. O fervor, que tal lembrança produz, não deve limitar-se ao sentimento, mas sim atuar sôbre a nossa vontade e tornar fecunda a nossa vida.

"A tristeza da verdadeira penitência, diz o nosso amável Santo, não deve chamar-se tristeza, mas antes desgôsto ou detestação do mal; tristeza que nunca é aborrecida nem aflita, e que incute atividade, prontidão e diligência, tristeza que nunca abate o coração, mas que o levanta pela oração e pela esperança e lhe insufla verdadeiros transportes de fervor e devoção... Tristeza afeita e atenta a detestar, a rejeitar e a impedir o mal passado e o futuro. — As nossas imperfeições são-nos um grande motivo de humildade e a humildade produz e alimenta a generosidade e a confiança".[88]

Êste resultado da verdadeira penitência tem a sua principal alavanca no *dever da satisfação*. Satisfazer é, segundo S. Anselmo, restituir a Deus a honra que se lhe havia tirado; segundo S. Agostinho é destruir as ocasiões do pecado e fechar a porta do consentimento

às suas sugestões. S. Tomás justifica estas duas definições e concilia-as admiràvelmente; mas qualquer delas que adotemos indicar-nos-á perfeitamente o proveito que podemos auferir das nossas faltas.

Se pensarmos na malícia, de certo modo infinita, da injúria feita a Deus com o mais leve pecado, que soma de fervor nos será jamais suficiente para compensar as subtrações de que temos sido culpados para com a glória da Majestade divina! Não nos obrigarão as nossas faltas a uma fidelidade tanto mais generosa quanto a sua gravidade e o seu número tenham sido mais consideráveis, segundo a palavra do profeta: *que a profundeza da nossa malícia seja a medida da nossa conversão?* (Is 30,6).

Cada uma das criaturas que nos têm servido para o mal não emprestará uma voz aos pecados que nos têm feito cometer, voz que nos clame: "*Recédite, abite, nolite me tangere!* Retirai-vos, ide-vos, não me toqueis! ou ao menos não useis de mim dora em diante senão para reparar o vosso criminoso passado!" (Lam 4,15).

E, como já dissemos, não sentiremos necessidade de "tornar dobradas e triplicadas as horas que Deus nos conceder ainda de vida", a fim de reparar o tempo perdido? Daí a paciência com que devemos suportar as conseqüências humilhantes ou cruciantes dos nossos pecados: daí as santas indústrias para, pela mortificação, vingar em nós os direitos de Deus violados, daí, enfim, a zelosa solicitude em consagrar-lhe tôdas as nossas faculdades. E' isto o que nas linhas seguintes nos vai dizer e recomendar S. Francisco de Sales:

"Conservai-vos sempre em inteira paz, minha querida filha; as vossas confissões têm sido boas até ao excesso. Pensai dora em diante no vosso progresso na virtude e não penseis nos pecados passados senão para suavemente vos humilhardes diante de Deus e bendizer a



sua infinita misericórdia que vos concedeu o perdão pela aplicação dos divinos sacramentos". **

"Conheceis que o vosso atraso no caminho da virtude provém de culpa vossa? Calai-vos, humilhai-vos na presença de Deus, implorai a sua indulgência, prostrai-vos ante a face da sua bondade, pedindo-lhe perdão, confessai a vossa falta e suplicai-lhe misericórdia, aos pés do vosso confessor, para receber a absolvição. Feito isto, ficai em paz, e, tendo detestado a ofensa, abraçai amorosamente a abjeção que vos traz o atraso do vosso progresso no caminho do bem.

Ah! meu Teótimo, as almas que estão no purgatório, sem dúvida que ali se acham por causa dos seus pecados, pecados que detestaram e detestam soberanamente; mas quanto à pena e abjeção de estarem detidas naquele lugar e privadas temporàriamente do gôzo do bem-aventurado amor do paraíso, essa elas a sofrem amorosamente, pronunciando piedosas o cântico da justiça divina: "Vós sois justo, Senhor, e o vosso juízo é eqüitativo" (Sl 118,137).

"Mas, dir-me-ão de nôvo, se a emprêsa promovida pela inspiração perece por culpa daqueles a quem foi confiada, como se poderá alegar a necessidade de aquiescer à vontade de Deus? Neste caso não é a vontade de Deus que impede o bom êxito, mas sim a minha falta, da qual a bondade divina não é a causa.

— Está direito, meu filho, a tua falta não provém da vontade de Deus; porque Deus não é o autor do pecado; mas é agradável à vontade divina que a tua alma seja seguida da ruína da tua emprêsa, como punição que lhe é devida; pois se a sua bondade não lhe permite querer o teu pecado, obriga-o a sua justiça a querer a pena que sofres. Assim, não foi Deus a causa de que David pecasse, mas infligiu-lhe a pena devida ao seu pecado: Êle

não foi também causa do pecado de Saul, mas permitiu que em punição a vitória lhe fugisse dentre as mãos.

Quando, pois, sucede não serem em nós cumpridos os desígnios sagrados em punição das nossas faltas, devemos igualmente detestá-las por um sólido arrependimento e aceitar a pena que nos aflige: assim como o pecado contraria a vontade de Deus, assim a pena é uma manifestação dessa vontade".[63]

2. *Imitar os Santos mais corajosos em levantar-se das suas quedas.* — S. Francisco de Sales não quer que nos contentemos em aceitar sòmente as conseqüências das nossas quedas, êle exige que as reparemos "*dobrando o passo*".

"Mas, dir-me-eis: que devemos fazer para recobrar o tempo perdido? E' preciso recobrá-lo pelo fervor e diligência em aproveitar o tempo que nos resta de vida".[64]

S. Chantal, como verdadeira discípula de seu bem-aventurado Pai, repetia freqüentemente às suas filhas êstes animadores conselhos: "Como poderemos, dizeis vós, ver a vontade de Deus nas faltas e imperfeições em que caímos? — Perfeitamente, minhas queridas filhas, podemos e devemos ver sempre nesse acontecimento a permissão da vontade de Deus, que nos deixa cair em tais fraquezas para nos humilhar, para que nos acusemos e para que amemos a nossa abjeção, a fim de que por meio destas práticas reparemos as nossas faltas e obtenhamos o perdão delas".[65]

E' tal a prática dos santos. "Erguiam-se êles das suas quedas, diz S. Ambrósio, muito mais ardentes para valorosos combates; resultando que essas quedas, longe de retardar-lhes o caminhar, eram motivos para redobrar-lhes a carreira".

"Os homens que com impetuosidade se têm precipitado no mal, diz ainda S. João Crisóstomo, empregarão o



mesmo ardor no bem, tanto mais que não ignoram até onde chegam as suas dívidas: *ao que menos se perdoa menos ama* (Lc 7,47). Devorados pelo fogo da penitência, conseguem tornar a alma mais límpida que o ouro mais puro, e sob o impulso da consciência e da lembrança das suas antigas prevaricações, como ao soprar dum vento impetuoso, navegam a todo pano para o pôrto da virtude. E' isto que constitui a sua vantagem sôbre aquêles que jamais caíram em pecado... Confere a penitência aos pecadores convertidos um esplendor considerável... muitas vêzes mais brilhante ainda que o dos próprios justos, como o provam as divinas Escrituras. Eis aqui por que os publicanos e as cortesãs levarão a outros a dianteira para o reino de Deus (Mt 21,31) e eis aqui ainda por que freqüentemete os últimos virão a ser os primeiros" (Mt 19,30).

3. *Como o bom Salvador sabe converter em graças as misérias do pecador penitente.* — Mas, se é assim, objetará alguém, não parece que os pecadores penitentes se avantajam sôbre os justos que não pecaram, e que a justiça restabelecida fica superior à inocência sempre conservada?

Longe de nós o pensamento de estabelecer um paralelo entre a virtude guardada intacta e a virtude reparada, nem tão pouco de exaltar a segunda com prejuízo da primeira. A inocência aproxima-se mais ìntimamente da santidade infinita de Deus, imita-a mais perfeitamente e sempre ela será a bem-amada de seu Filho, que a toma como partilha sua e da sua amada Mãe. Nunca os agros perfumes advindos da penitência poderão assemelhar-se ao puro aroma que se exala duma vida imaculada, e, como o lírio entre as flôres, a inocência conservará sempre a sua encantadora candura e o seu particular perfume..

uma dignidade que só a êle pertence, a qual, uma vez perdida, não pode absolutamente mais reconquistar-se.

E todavia, sem recobrar a inocência perdida, o homem pecador, segundo a doutrina de S. Tomás, constitui ainda assim, por vêzes, um grande tesouro, reconquistando uma maior fortuna (*aliquid majus*), porque, diz S. Gregório, aquêles que refletem sèriamente sôbre os seus transviamentos passados, compensam os prejuízos havidos por meio de lucros sobseqüentes e são objeto duma grande alegria para o céu; do mesmo modo que no combate se torna mais querido do capitão o soldado que, depois de ter fraquejado na luta, volta mais corajoso a atacar o inimigo, do que aquêle que, tendo sido firme no seu pôsto, não se tem, todavia, assinalado por algum ato de extraordinário valor". [*0]

Por seu lado, o misericordioso Salvador dispensa tais favores aos culpados que a Êle voltam e cobre a sua penitência com a efusão tão generosa do seu precioso sangue, sabe tão bem fazer abundar a graça acima do excesso da nossa malícia (Rom 5,20), que, segundo as palavras do nosso Santo, converte as nossas misérias em graças e os espinhos em rosas e o veneno das nossas iniqüidades em contraveneno e em triaga de salvação; e é dêsse modo que Job, imagem inocente do pecador penitente, recebeu o dôbro de tudo o que tinha tido. [*1]

4. *Lágrimas de penitência, meio para recuperar o tempo perdido.* — Um autor, por diversas vêzes já citado, pergunta se há segrêdo para recuperar o tempo decorrido. Não seria o mesmo, diz êle, que pretender prender o vento das tempestades? Pois êsse segrêdo existe, responde êle, mercê de Deus; inventou-o o amor, revelou-o o amor e que o amor, que em vós está, dêle se apodere. Constituem êsse segrêdo as lágrimas santas; não são as lágrimas dos olhos, que Deus não concede a todos, nem



as pede a ninguém; mas as lágrimas do coração, o arrependimento, a atrição da alma, a contrição. Deixai cair estas lágrimas invisíveis sôbre tôda essa região da vossa vida, que ficou estéril, porque não permitistes que o amor a iluminasse; voltará aí o amor levado sôbre aquelas águas. E quem sabe se, perante Deus, os anos deploràvelmente passados não virão a ser mais belos, mais florescentes e preciosos pela penitência do que o teriam sido pela inocência? Talvez ninguém vos poderia lamentar por haverdes pecado, como Madalena, se como ela chorásseis". [*2]

5. *Penitência voluntária, meio prático de reparação.* — E' êste um dos grandes proveitos que nos faculta a consciência dos nossos pecados e culpas: instiga-nos à satisfação, à penitência, à mortificação, "santas indústrias essas para vingar em nós os direitos de Deus violados, e donde promana, enfim, uma zelosa solicitude em consagrar-lhe tôdas as nossas faculdades".

De mais a mais, a penitência, o sacrifício nos fazem progredir poderosamente no caminho da perfeição cristã, fato êsse que nos esclarecem bem as palavras de Nosso Senhor à sua "*pequena secretária*": — "Benigna, poucas almas caminham a largos passos na senda do amor, porque pouquíssimas entram generosamente na senda do sacrifício... Quem pára no caminho do sacrifício pára igualmente no do amor; quem vacila no sacrifício vacila no amor. Minha Benigna, onde se trata do sacrifício, nunca digas: basta! Seria o mesmo que dizer; não desejo que cresça em mim o amor... Nada pode rivalizar com a cruz para aumentar o amor... Peço-te apenas a mortificação e principalmente a mortificação do espírito; porque, se a mortificação exterior é uma das condições por mim exigidas para conceder as minhas graças, a do espírito é necessária para alcançar grandes progressos na virtude. Minha Benigna, com a mortificação dar-

me-ás recipientes vazios que encherei de azeite; quantos mais me deres, mais encherei".

O Evangelho é a mensagem da Redenção. Pressupõe êle, porém, necessàriamente, a nossa cooperação, para nos remir da petulância dos sentidos, do pecado que assoberba a nossa fragilidade, da culpa contraída pela nossa insubordinação.

Tôda a doutrina, todos os preceitos do Evangelho culminam na exortação à penitência: "*Quem não renunciar a si mesmo não pode ser meu discípulo*". Êste princípio é o fundamento da moral evangélica.

A Redenção foi um portento de abnegação e sacrifício. Para assumir a forma do servo na Encarnação, o Filho de Deus obnubilou quanto possível a sua divindade. Mais tarde, teve de abandonar a forma de servo, quando sacrificou a sua humanidade pela salvação do mundo. Não estranha, pois, que a nossa cooperação seja de caráter penitente, na estrada real da santa Cruz.

Bem o afirmam as conceituosas palavras da Imitação (Livro II, 12): "Se houvera coisa melhor e mais proveitosa para a salvação dos homens, do que o padecer, Cristo, de certo, o teria ensinado com palavras e exemplo. Pois claramente exorta seus discípulos e a quantos o desejam seguir, a que levem a cruz, dizendo: "*Quem quiser vir após mim renuncie a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me*" (Lc 9,23).

Da mortificação promana a fôrça com que almas generosas se desenleiam das loucas pretensões da natureza. Quanto maior a prontidão da pessoa em mortificar-se, tanto mais ampla a liberdade que daí lhe resulta. Quem conseguir mortificar-se em grau quase heróico sentirá o máximo equilíbrio de espírito, a liberdade de quem é filho de Deus. Como o pássaro, fugido do laço, desfere os mais doces gorjeios, assim vibra-lhe a alma de encanto e alegria: "Nossa alma é livre como o passarinho que foge do laço. Romperam-se as peias. Nós somos livres".



Coisa admirável! À medida que se humilhar e se mortificar, o homem verifica com surprêsa que no caminho da Cruz e da penitência se lhe deparam alegrias até então desconhecidas, alegrias puras, espiritualizadas, alegrias próprias dos santos e penitentes. Banindo de si tôda tristeza, andará alegre no Senhor a alma possuída da régia tranqüilidade dos espíritos devotos. Nas criaturas, em vez de satisfazerem só às tendências do seu egoísmo, descobrirá êle, na expressão de S. Boaventura, o vestígio e a imagem de Deus, e nesta lembrança se regozija da bondade do Criador.

A mortificação, praticada de contínuo, vai-nos purificando de tudo o que em nós ou perto de nós possa desagradar a Deus. Esta purificação assume aos poucos um certo predomínio sôbre os apetites d'alma, consolidando em nosso íntimo a absoluta soberania de príncipes do Reino dos Céus. [11]

6. *Exemplo de S. Madalena, rainha dos pecadores penitentes.* — O exemplo de S. Madalena é, com efeito, uma confirmação tão eloqüente da doutrina exposta, que S. Francisco de Sales não se esqueceu de o citar e ampliar. Formaremos com êle a coroa das citações do amável doutor, o ramalhete dos seus suaves ensinamentos e a síntese dêste capítulo.

"Foi tão prodigiosa a conversão de Madalena que, duma criatura impura e cheia de infecção como ela era, se tornou um vaso puro e cristalino, capaz de receber o licor tão precioso e aromático da graça com que ela depois perfumou o seu Salvador; e aquela que os seus pecados faziam um monturo de péssimo odor veio a ser, pela sua conversão, um lírio formoso e uma flor de suavíssimo perfume. E, quanto mais manchada e empestada estava do pecado, tanto mais a graça a fêz pura

e regenerada, à semelhança das flôres que se alimentam e desabrocham belas no meio duma matéria pútrida e asquerosa, e quanto maior e mais funda é a podridão, tanto mais crescem e são belas.

Sendo assim esta Santa contaminadíssima pelo pecado, depois da sua conversão tornou-se tanto *mais* bela quanto foi grande a contrição e o amor com que fêz penitência; pelo que com muita razão a podemos denominar rainha de todos os cristãos e filhos da Igreja. Estão êstes divididos em três partidos, o primeiro dos quais é formado pelos justos, o segundo pelos pecadores penitentes que não querem morrer em seu pecado, e o terceiro pelos pecadores obstinados e impenitentes, que não querem emendar-se e morrer na sua iniqüidade. Não é, porém, dêstes últimos que quero falar; é gente que não tem pretensão alguma do Céu; tem, sim, o inferno preparado para ser, desgraçados! a herança dela.

Não é, certamente desta classe de pecadores que S. Madalena é a rainha, mas dos que têm vontade de abandonar o seu pecado; porque ela, que foi pecadora, como o ensina a sagrada Escritura: *Mulier erat in civitate peccatrix* (Lc 7,35), deixou o seu pecado e pediu perdão a Deus com verdadeira contrição e firme resolução de o deixar para sempre, provocando assim todos os pecadores a imitarem o seu exemplo.

E quanto à sua penitência, ah! como ela foi grande e generosa! Como ela chorou os seus pecados! Quanto não fêz ela para os apagar, durante a vida e depois da morte do Salvador!... Tinha ofendido a Deus com todo o seu coração e com tôda a sua alma; pois tudo ela empregou em fazer penitência e fê-lo de todo o coração, com tôda a alma e todo o seu corpo, sem reserva alguma, entregando-se tôda e inteira aos atos da penitência. Eis em que pode ela chamar-se rainha de todos os pecadores penitentes, visto a todos ter sobrepujado.



Vemos que os homens, de ordinário, tendo recebido alguma ofensa, exigem uma satisfação proporcionada ao mal causado; se, por exemplo, lhes roubam um escudo, querem que lhes seja restituído um escudo; se um causou prejuízo a outrem, exige êste satisfação igual à perda que sofreu.

Na lei antiga, quem desse uma bofetada tinha de sofrer outra, e ao que arrancasse um ôlho ou dente a seu irmão, podia fazer-se-lhe o mesmo. Abolida foi esta lei entre os homens; todavia, entre Nosso Senhor e os que se consagram ao seu serviço ela está em vigor; faz-lhes Deus as mesmas exigências, a saber, que lhe restituam, tanto quanto possível, em medida igual à falta cometida, isto é, quer que por Êle façamos pelo menos tanto quanto fizemos pelo mundo.

Não é isto exigir muito de nós; porquanto, se pelo mundo temos feito tanto, deixando-nos arrastar por seus atrativos, que não devemos nós fazer pelos atrativos tão doces e tão suaves da graça? Não é de certo injustiça pedir-nos isto. Tendo pôsto ao serviço do mundo o coração, a alma e as suas afeições, os olhos e as palavras, os cabelos e os perfumes, que nêles se gastam, é dever empregá-los também e pô-los ao serviço do amor sagrado, sem reserva alguma".

*7. S. Madalena, rainha dos justos.* — Em segundo lugar, Madalena é também rainha dos justos. Não lhe é dado o nome tão honroso de virgem, mas a verdade é que foi excelsa e eminente a sua pureza após a conversão, que deve apelidar-se arquivirgem, tão purificada ela foi na fornalha do amor sagrado e por êle restabelecida numa elevadíssima castidade, por forma tal que era tão perfeito o seu amor que, depois da Santa Virgem, era quem mais amava a Nosso Senhor: e pode-se dizer que o amava tanto ou mais, de algum modo, do que os serafins, os quais, se o amor que têm a Deus é muito perfei-

to têm-no sem custo nem trabalho e cuidados e o conservam sem o receio de perdê-lo. Mas esta santa adquiriu-o com muito trabalho e cuidados, e para o conservar teve de sentir o desassossêgo do receio de o perder e de andar com tôda a solicitude. Recompensou-lhe Deus tanta fidelidade, dando-lhe um amor tão forte e tão ardente, acompanhado de tão grande pureza, que, se o divino Espôso lhe angustiava continuamente o coração, também ela feria o dêle por ardentes desejos, suspiros e impulsos de amor...

Vêde, pois, como S. Madalena é rainha dos justos, porque nada a poderia fazer mais justa do que êste santo amor, ardendo em profunda humildade e compunção, e fazendo-a permanecer sempre aos pés do Salvador, que a amava com o amor terno e delicado com que ama os justos e por isso não podia sofrer que lhe tocassem ou lhe arguissem dalguma coisa sem tomar o seu partido".[illegible]

Em outro lugar, volta S. Francisco de Sales a falar da ilustre penitente e confirma o que acima dissemos, com uma palavra encantadora: "Nosso Senhor restabeleceu S. Madalena no estado de virgindade, não de virgindade essencial, mas reparada, e é esta às vêzes mais excelsa do que aquela que, por não ter sido lesada, menos humildade a acompanha".[illegible]

Por fim, conclui o amável Santo nestes têrmos: "Nunca Madalena teria sido tanto amor ao seu Salvador, se Êle não lhe tivera perdoado tanto; e nunca Êle lhe teria perdoado, se ela não tivesse pecado. — Vêde, pois, êste grande artista da misericórdia: converte as nossas misérias em graças e da víbora das nossas iniqüidades faz a triaga salutar das nossas almas".[illegible]

8. *Santa alegria e abandono nas mãos de Deus.* — Chegamos ao têrmo das nossas considerações. No entanto, não podemos omitir de apontar ainda para um dos mais belos frutos que nos faculta a arte de tirar proveito das próprias faltas, e que consiste numa santa e íntima alegria, aliada a um inteiro e confiante abandono nas mãos de Deus.



A muitos, talvez, pareça estranho, senão até absurdo, que o conhecimento do nosso nada e abjeção, a voluntária penitência e mortificação, se possam irmanar com uma verdadeira alegria. A verdade é que a alegria íntima de uma alma humilde e mortificada não tem, fora do nome, nenhuma relação com as alegrias do homem mundano. O que vem a ser essa alegria, di-lo a bela expressão, cujo sentido originário S. Francisco de Sales relembra em suas obras ascéticas: *Devoção!* — Quer dizer, de acôrdo com a etimologia latina, o ato de entregar-se ou abandonar-se nas mãos de Deus, como a criança nos braços do pai. Neste sentido não pode ser tomada como recolhimento, que é a disposição indispensável de uma boa prece.

Devoção!... eis o enlêvo da alma que aspira por Deus, fonte primeira de tôda alegria e bem-aventurança. O trato filial com Deus é a única coisa que pode aquietar a ânsia do coração por ter a alegria verdadeira. A ventura inaudita dos príncipes do Reino dos Céus está em gozar da grande consolação que aqui neste mundo nos advém do abandono nas mãos de Deus. Causará espécie que o mundo não possa auferir o gôzo de tais transportes íntimos? A seu respeito vale, com ligeira modificação, a palavra da Escritura: "O olhar não viu, nem o ouvido percebeu, nenhum mortal jamais experimentou o que Deus, já neste mundo, tem preparado a todos os que o amam".

## CAPÍTULO VIII

## UTILIZAR-SE DAS PRÓPRIAS FALTAS PARA UM REDOBRAMENTO DE DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA

1. *Maria, pôrto dos náufragos.* — Como cantar as misericórdias divinas sem consagrar um hino à Mãe da Misericórdia? Poderíamos nós, estudando na escola do mais amável dos santos a arte de nos utilizar das nossas faltas, esquecer Aquela que é o refúgio dos pecadores, e cujas belezas e singular bondade o bem-aventurado bispo tanto celebrou? Tocamos neste ponto já no decurso dêste trabalho; mas não basta o que dissemos; convém que lhe consagremos um como que tratado à parte.

Foi aos pés de Nossa Senhora do Pôrto, em Clermont, que estas reflexões nos impressionaram particularmente e pareceu-nos ter compreendido melhor, naquele antigo santuário, que Maria é o pôrto dos náufragos, "*Portus naufragorum*", como é a sua estrêla. "*Amica stella naufragis*". *

Convém lembrar aqui as belíssimas palavras de S. Bernardo, inspirado trovador de Maria Santíssima:

"O' tu que nesta vida andas flutuando entre borrascas e tempestades antes do que vagando por terra: não

*) A cidade de Valença (Espanha) honra, em uma capela célebre, a Mãe de Deus sob uma invocação análoga: "Nuestra Señora de los desamparados"; ora, sabe-se o que é um navio desamparado.



tires os teus olhos do fulgor desta estrêla se não quiseres que te arrastem os vagalhões...

Quando surgirem os ventos da tentação, se te vires arremessado aos escolhos da tribulação: olha para a estrêla, invoca Maria!

Quando te vires perecer nas ondas da soberba e da ambição e da detração e da rivalidade: olha para a estrêla, invoca Maria!

Quando a ira ou a avareza ou a carne investirem contra ti e tentarem despedaçar a pobre barquinha da tua alma: olha para Maria!

Se perturbado pela inanidade dos crimes, se aterrado pelo pêso da consciência, se trêmulo pelo horror dos juízos, se prestes a incidir no báratro da tristeza, no abismo do desespêro, pensa em Maria!

Nos perigos, nas angústias, nas dúvidas: pensa em Maria, invoca Maria. Guarda-a na bôca, guarda-a no coração; e, para que te ouça, não abandones o exemplo de sua vida.

Se a segues, não te desviarás; e se a rogas, não desesperarás; se nela pensas, não errarás. Se te sustenta, não cairás; se te protege, não terás mêdo; se te guia, não cansarás; e assim experimentarás em ti com quanta razão se disse: E o nome da Virgem era Maria". **

Bem o disse também S. Francisco de Sales: "A Santa Virgem é a estrêla polar e o pôrto favorável de todos os homens que navegam sôbre as ondas do mar dêste mundo miserável... Quem na sua rota se dirige por esta estrêla divina livra-se de cair nos escolhos e precipícios do pecado"; mas aquêles que têm a desgraça de se desviar da sua direção tutelar não têm pôrto mais seguro para reparar as avarias e convertê-las em proveito, do que o Coração imaculado da mais terna das mães.

Parece-nos, de resto, estar a pedir-nos êste capítulo complementar o nosso bom Santo e soldá-lo com uma transição natural às páginas precedentes, em que nos apresentava Madalena como o modêlo dos pecadores que anseiam por utilizar as suas quedas, reparando-as completamente.

2. *Jesus, mediador perante o Pai, constituiu a Maria medianeira perante Êle mesmo.* — O' bem-aventurado Santo, comunicai a todos os pecadores essa coragem, essa alegre confiança que os instiga a recorrerem a Maria! Persuadi-os de que se, apesar de tôdas as razões desenvolvidas neste livro, o excesso de sua miséria os impede por ora de se lançarem no Coração infinitamente bom de Jesus, devem haurir dêsse mesmo excesso um impulso vencedor que os leve aos braços de sua Mãe, cujas carícias mais compassivas são seguramente para os mais fracos dos seus filhos.

Assim quis que fôsse o nosso doce Salvador: apesar de tantas manifestações de sua ternura, bem sabia Êle que a sua Divindade e caráter de juz devia necessàriamente inspirar aos culpados receios e temores, e foi ao encontro dêles. Sem deixar de ser nosso advogado e mediador perante seu Pai, dignou-se constituir, entre Êle e nós, uma medianeira, uma advogada, da qual nos pudéssemos acercar sem mêdo, porque é nossa Mãe, que tudo pudesse obter de Deus, visto ser a sua Mãe, e advogasse tão vitoriosamente a nossa causa perante o seu Filho, mostrando-Lhe o seio que o alimentou, como o Filho perante o Pai, mostrando-Lhe o seu Coração e as suas chagas.

Afirmam-no unânimemente os testemunhos dos Padres, e tal é a economia do plano divino.

Só Jesus, dizem êles, podia ser suficiente para operar a restauração do gênero humano, pois que dêle nos vem



tudo quanto necessitamos, mas não era bom que o homem fôsse só. Convinha que, tendo ambos os sexos concorrido para a nossa perdição, ambos contribuíssem para a reabilitação. O Redentor, pois, depôs em Maria a missão co-redentora do gênero humano, e quis que por ela nos viessem tôdas as graças. [99] E' ela o aqueduto por onde a graça corre para nós, a escada que nos conduz a Deus, a porta que nos abre acesso para sua bondade, o canal por onde descem sôbre todo o corpo da Igreja os méritos do seu Chefe. Ninguém se salva nem obtém o perdão senão por ela. [100]

3. *Breve exposição dogmática desta verdade.* — A divina Providência dispõe tudo com suavidade: "*Disposuit omnia suaviter*" (Sab 8,1). Ela respeita, na economia da graça, esta bela ordem estabelecida com tanta sabedoria na criação do mundo, e ela adapta à natureza de cada ser os benefícios sobrenaturais que lhe quer repartir. Ora, a condição do homem exige que, na ordem natural, a criança receba a vida e o crescimento por uma dupla influência; sua fraqueza pede que a autoridade paterna que lhe ensina a andar direito no caminho do dever e a julgar com retidão as coisas dêste mundo, seja temperada pela afeição terna e a providência vigilante duma mãe.

Na obra da nossa salvação e da nossa santificação Deus quis conformar-se com êste mister do coração humano que êle mesmo criou em nós. Êle nos deu, na pessoa do nosso divino Salvador, um Mediador, um Advogado, um Pai; sim, um Pai, pois não dizia êle antes de subir ao céu: "Não vos deixarei órfãos"? Nêle, nós temos a vida, o aperfeiçoamento, a perfeição espiritual; por Êle temos acesso ao Pai dos céus; dêle recebemos a efusão do Espírito divino que nos é dado como a alma da nossa alma, o hóspede do nosso coração, o oculto dis-

pensador de todos os dons divinos. Nada faltava ao nosso bem-estar espiritual. E no entanto, se Jesus estivesse sòzinho a nos comunicar a vida divina, se não tivéssemos uma mãe na ordem sobrenatural, teria faltado alguma coisa, não ao nosso bem-estar, mas, por assim dizer, ao nosso *melhor-estar* espiritual. E' para prover a êste mister que Deus nos deu Maria Santíssima: Maria é a mãe de Jesus segundo a natureza; ela é a mãe de todos os eleitos na economia da graça. Ela deu a vida temporal ao nosso Chefe e Cabeça; ela dá a vida espiritual a todos os seus membros. Jesus, nosso divino Redentor, nos mereceu a vida divina, e é dêle, oceano inesgotável dos bens sobrenaturais, que nos advém tôda graça; mas êle quer que sua mãe seja a provedora que no-la distribui e no-la mede a seu bel-prazer, conforme os decretos da divina Providência.

Semelhantemente, Jesus, Rei universal, governa seu império espiritual com uma sabedoria tôda divina, e nos rege com amor e firmeza, a fim de nos assegurar uma participação mais larga e generosa nos bens do seu reino. Mas convinha que, à direita do divino Rei, uma Rainha cheia de clemência e bondade, pudesse interceder em nosso favor, fazer-nos sentir a ação benfazeja da sua soberania de amor e temperar por sua doçura e suavidade a sublime majestade do nosso divino monarca. Maria é esta rainha da misericórdia que Jesus tornou participante do seu régio poder, e cuja terna bondade é a esperança e o refúgio dos seus súditos fiéis.

Esta maternidade de graça e esta realeza espiritual constituem a mediação de Maria. Jesus é Mediador porque nos santifica como Pontífice e nos governa como Rei a fim de nos conduzir a Deus, seu Pai. Maria Santíssima é Mãe de graça e Rainha da misericórdia para nos conduzir a Jesus; ela é, pois, Medianeira em tôda a extensão da economia sobrenatural, ela é Medianeira



universal. Mas sua mediação fica subordinada àquela de Jesus, porquanto é só a extensão e um desenvolvimento da mediação do nosso Chefe e Cabeça. Assim é no mundo visível o sol para nós o foco universal da luz; entretanto nos comunica a lua o seu suave clarão a fim de alumiar e orientar os nossos passos na escuridão da noite; mas o astro do dia nada perde da sua prerrogativa, desde que é a sua mesma luz que a lua reverbera sôbre o nosso planêta. *Pulchra ut luna,* Maria Santíssima é comparada com justiça ao astro da noite, porquanto é dela que refulgem em nossas almas os raios vivificantes do eterno Sol.

Maria Santíssima ocupa um lugar eminente na unidade do Corpo místico: ela é o coração do Cristo total. Ora, a função própria do coração é distribuir a vida a tôdas as partes do corpo; se o coração ocupa no organismo uma posição central, embora subordinada à cabeça que rege tudo, é porque envia a todos os membros, mediante contínuas pulsações, o sangue vivificador. Maria é a primogênita de tôdas as criaturas após Jesus, a nova Eva ao lado do nôvo Adão, a fim de cooperar com Jesus, como Mãe e como Rainha, na salvação e na santificação dos homens, a fim de ser perto do nosso único Mediador a nossa Mediadora universal. [1014]

4. *Nova Eva, Maria nos gerou à vida divina.* — S. Bernardo em nada exagera o alcance da resposta que Maria Santíssima ia dar à palavra do anjo, quando nos mostra, de uma maneira dramática, o céu e a terra suspensos nos lábios da Virgem, esperando com um supremo interêsse a palavra que os ia salvar e restituir à vida: "Nós esperamos, ó Soberana, a palavra da vossa comiseração, nós, sôbre quem pesa a triste sentença da condenação. Eis que se vos oferece o preço da nossa salvação; seremos quites se vós consentirdes. Tôda a linha-

gem desditosa de Adão, exemplo do paraíso, vos suplica, ó Virgem clemente. O mundo inteiro, prosternado aos vossos pés, por vós espera. Respondei, ó Virgem, sem tardar! O' Soberana, pronunciai a palavra que a terra, o inferno e os céus de vós esperam! O próprio Rei e Senhor de todos, deslumbrado pela vossa beleza, deseja a vossa anuência pela qual entende salvar o mundo... O' Virgem bem-aventurada! abri o vosso coração à fé, vossa bôca ao consentimento, vossas entranhas ao vosso Criador! *Aperi, Virgo beata, cor fideli, lábia confessioni, viscera Creatori!*"

E Maria Santíssima responde: "Eis aqui a serva do Senhor", que se faça em mim segundo a vossa palavra!" Esta resposta, tão simples e tão poderosa, a torna ao mesmo tempo Mãe de Deus pela conceição virginal do Verbo divino, operada no mesmo instante no seu puríssimo seio; Mãe dos homens, porquanto é um Cristo *Salvador* que ela engendra, e, dando-nos Jesus, ela nos restitui a vida divina, perdida por Adão. O nôvo Adão vem reparar as perdas do primeiro, mas isso não se efetua sem o concurso e a mediação da nova Eva; e Maria, aquiescendo à palavra do anjo, se torna, duma maneira mais excelente que a primeira mulher, uma verdadeira *Heva*, isto quer dizer: Mãe da vida.

5. *Nova Ester, Maria é a plenipotenciária da divina misericórdia.* — Nova Ester, achou graça aos olhos do Senhor em favor de todos os homens e conseguiu a metade do seu império divino. O cetro da sua misericórdia lhe pertence, enquanto que a seu Filho ficou pertencendo a realeza da justiça. [101]

Sim, Maria é o ministro plenipotenciário da misericórdia, que ela gere e administra como repartição sua. E' como, nos Estados modernos, em que para tratar uma questão de finanças, de marinha ou de agricultura, é aos



ministros respectivamente encarregados dêstes negócios que é preciso dirigir-se; do mesmo modo é à Mãe de Deus que devem recorrer os que têm necessidade de misericórdia, e quanto mais profunda fôr a sua miséria, tanto mais motivos têm para se acolherem ao seu coração maternal.

*Um abismo chama outro abismo* (Sl 41), e, como diz S. Francisco de Sales, "não há coisa mais agradável a quem é liberal em dar os bens que possui do que encontrar uma carência de meios bem à vista, e quanto maior fôr a afluência do bem, tanto mais veemente será a inclinação de se espalhar e comunicar... e não saberia dizer-se se mais contente fica quem espalha e comunica o bem que lhe sobeja, ou quem recebe e tira o bem que lhe falta e de que carece, se Nosso Senhor não houvesse dito que maior felicidade há em dar do que em receber." [102]

* * *

Mas longe vai ainda S. Anselmo em não hesitar afirmar que muitas vêzes se é mais depressa ouvido e atendido invocando o nome de Maria do que o de Jesus. "Não é, reflete êle, que Maria seja mais poderosa do que seu Filho, pois é dêle que ela recebe todo o poder que tem; mas sim, porque Jesus, que é Senhor e Juiz de todos, conhece e distingue os méritos de cada um e, vendo quão desproporcionados são, acha justo adiar o pedido; enquanto que ao nome de Maria, a justiça de Deus se dá por satisfeita e fica aplacada em face dos méritos desta criatura incomparável, que se empenha para obter tudo". [103]

Êsse doce mistério desvenda-se ainda mais à luz duma outra razão, longamente desenvolvida pelos autores antigos e fudamentada nas Escrituras divinas, que êles comentam.

No Antigo Testamento, diziam êles, Deus é chamado o Senhor dos exércitos, o Deus das vinganças, o leão da

tribo de Judá. Representa-se ali cercado de chamas, trovejando do alto dos céus, arremessando raios, afiando espadas, retesando arcos, dardejando frechas; sepulta sob as águas do dilúvio a terra, as cidades culpadas sob uma chuva de enxôfre e afoga seus inimigos nos turbilhões do mar ou enterra-os nas profundidades do solo, que a sua ira entreabriu.

De súbito, no Evangelho, o mesmo Deus aparece-nos sob o emblema dum cordeiro. Nem coragem tem para quebrar a cana rachada, nem apagar a torcida que ainda fumega.

Que se há feito, pois? Ah! é que Deus se encarnou no seio de Maria. O sol, enquanto percorre no ciclo zodiacal os signos do Câncer, do Touro, do Escorpião, da Balança e do Leão, irradia fogos ardentes, mas desde que entra no signo da Virgem, abranda e transforma-os em benéficos raios."* O unicórnio esquece a sua ferocidade selvagem e amansa desde que apóia a cabeça sôbre os joelhos duma rapariga.* Semelhantemente, o sol da justiça converte-se em astro benigno e transmuda as chamas da sua cólera em suave calor, desde que oculta o seu esplendor nas entranhas da Virgem de Nazaré. No céu fica a justiça: *Iustitia de caelo prospexit*, e na terra vem habitar a misericórdia: *Dominus dabit benignitatem*; cessam as iras e a indignação: *Mitigasti omnem iram tuam, avertisti ab ira indignationis tuae*, quando a terra virginal do seio de Maria deu o seu fruto: *Terra dedit fructum suum* (Sl 83).

Ao passar o mar Vermelho, as ondas alevantadas sepultaram os egípcios, figura dos pecadores. E' que ali não estava a arca. Na passagem do Jordão não há vítimas. E' que a arca da aliança e o propiciatório arreda-

*) Esta figura que os Bestiários da Idade Média apresentavam, é reproduzida nos antigos monumentos religiosos, p. ex. na frisa da fachada setentrional da catedral de Estrasburgo.



ram o castigo. Há tudo a temer dum Deus vingador, sem Maria. Mas desde que entra nesta arca de propiciação, há sòmente benefícios a esperar. Por isso, quando Simeão vê o Messias nos braços da Mãe, proclama-o Salvador de Israel; e quando o tem nos seus braços, reconhece nêle a causa da perdição de muitos, como também de muitos seria a causa da ressurreição (Lc 2).

Refere-nos S. Afonso de Liguori em suas "Glórias de Maria Santíssima": "Conta-se nas Crônicas franciscanas que Fr. Leão viu uma vez em visão duas escadas, uma branca e vermelha a outra. Sôbre a última estava Jesus Cristo e sôbre a primeira estava sua Mãe Santíssima. Reparou como alguns tentavam subir pela escada vermelha. Mas caíam logo depois de subirem alguns degraus; tornavam a subir e outra vez caíam. Foram avisados de que deviam subir pela escada branca, e por essa os viu subir felizmente, porquanto a Santíssima Virgem lhes dava a mão, e assim chegavam seguros ao paraíso".*

Treme, pecador, se de Cristo isolas a Maria; mas nos braços desta amável rainha ora sem desconfiança: é a misericórdia no seu pedestal, a flor na sua haste, a água no seu oceano.

No seio do Pai, o Filho de Deus hauria os atributos da paternidade divina; no seio de sua Mãe, revestiu-se dos sentimentos maternais; e o teólogo Cristóvão de Vega não receia de concluir, fundado num texto de S. Anselmo,** que Maria engrandeceu a clemência de Deus, que gerou e coroou a sua cabeça com um diadema de eterna misericórdia.

*) Essa visão é como um comentário para as palavras que Leão XIII e Bento XV haviam de escrever: "Como não só pelo Filho chegamos ao Pai, assim ao Filho ninguém chega senão por meio de sua Mãe".

**) "Eum concepit et peperit Maria, et coronam capiti eius æternæ pietatis imposuit" (S. Ambrósio, de Inst. Virg., cap. 16).

Como são verdadeiramente loucas, prossegue êste teólogo, as virgens do Evangelho adormecendo sem se proverem do azeite, mais loucas ainda quando, repelidas pelo Espôso, não imploram a proteção da Espôsa, isto é, de Maria! Clamam: "Senhor! Senhor! abri-nos! (Mt 25). Porque se dirigem ao Juiz, recebem da sua justiça a resposta que justissimamente mereciam: "Não vos conheço!" Por que se não voltaram para a Espôsa e gritaram: Senhora! Senhora, nossa!? Teriam obtido a graça que pediam, invocando apenas êste nome.

Ninguém, é a Virgem Imaculada que o revelou a S. Brígida, ninguém, a não ser que já esteja condenado, invoca êste nome com intenção de abandonar o pecado, sem que o demônio não fuja logo.[105] Conta amàvelmente o apóstolo de Chablais que uma tímida ave, sendo apanhada pelas garras dum gavião, que se dispunha já a pô-la em pedaços, articulara neste instante o nome de Maria, que num mosteiro lhe tinham ensinado a repetir, e de repente a largara a ave apreensora. E qual será o pecador que, invocando êste nome tão poderoso de Maria, não poderá escapar-se das garras de Satanás? No dizer dum texto sagrado, êste nome deve ser a nossa respiração, *spiraculum hominis*, porque, na verdade, reflete um santo Padre, é por Maria que a alma culpada respira e se abre à esperança do perdão.[106]

Um escritor moderno é mais explícito ainda e, por uma comparação tão justa como ousada, mostra o papel da Mãe de Deus, tal como o devem explorar os que o pecado feriu ou matou.

"Cada pulsação do coração é dupla e se compõe de dois movimentos: um extrai dos órgãos o sangue morto, enquanto outro lhes leva sangue vivo. E' que o coração é duplo também; há como que dois corações em um só: um mais ativo, outro mais passivo, um que envia



a vida, outro que repele a morte para dar lugar à vida. Um vivifica, outro purifica.

Tal é também, no meio da humanidade regenerada, o papel do Coração, dêsse Coração formado de duas almas que vivem numa, a alma de Jesus e a alma de Maria. A alma de Jesus é o lado vivificador do coração do mundo, e a alma de Maria, pela graça de Jesus, é o lado por onde o que está morto volta para a vida.

Maria leva Àquele que é a própria vida o sangue morto da humanidade, para que lhe seja infundida a vida, e Jesus o reenvia para o mundo, vivo e divinizado. Se o Verbo pela encarnação divinizou o sangue, a Virgem deu ao Verbo a matéria a divinizar".[107]

6. *Palavras consoladoras dos Santos Inácio e Boaventura, sôbre a misericórdia de Maria.* — Quem jamais poderá dizer quantas almas a Mãe de Deus tem reconduzido à vida divina! Seria necessário, para isso, enumerar tôdas as conversões. Nem uma se operou sem o seu maternal concurso. E' impossível, diz o mártir S. Inácio, que um pecador se salve sem o auxílio de Maria. Não é a justiça de Deus que nos salva, mas sim a sua infinita misericórdia, e esta solicitada pelas súplicas de Maria.

Nova Rut, acrescenta S. Boaventura, ela recolheu as espigas que aos cuidados dos ceifadores escaparam, isto é, as almas que a todos os outros apelos da graça permaneceram rebeldes; Maria ajunta-se e as vai pôr no celeiro do Pai de Família.

Se foi grande a misericórdia de Maria e tão assinalada durante a sua vida de exílio, o que será ela agora, Rainha do Céu? reflete S. Boaventura. Cresce e multiplica-se a sua piedade para com os pecadores à proporção do número sem conta que ela vê de miseráveis na terra; porque a Mãe de Deus, di-lo a Igreja, no Paraíso tem por função grata e doce orar pelos pecadores.[108]

E não é, afinal, aos pecadores que ela deve o acréscimo infinito de sua glória? Pois, como seria Mãe do Redentor, se não houvera pecadores a remir? "São êles, escreve muito bem M. Olier, que granjearam para a Virgem bendita a felicidade de ser Mãe do Salvador dos homens; porque, a não haver pecado, não teria vindo ao mundo Jesus, semelhando homem pecador". [109] De certo modo é Maria devedora para com os pecadores na sua qualidade de Mãe de Jesus Cristo.

7. *Por que Maria protege particularmente os pecadores.* — Já havia dito S. Tomás de Vilanova, que fomos nós de algum modo que lhe proporcionamos a ocasião de sua elevação e grandeza. O Médico divino não teria descido dos Céus se na terra não houvesse a doença do pecado para curar. Porque nos tornamos culpados é que Maria veio a ser Mãe de Deus; nem Deus se teria feito homem, se o homem não pecasse. *

Certamente, ó Virgem, não sois devedora de nada, pois foram os nossos pecados e não os nossos méritos que ocasionaram tudo isso; mas, porque sois boa e benigna, lembrai-vos da nossa miséria ao considerar que sois grande, e, porque os nossos pecados foram a causa da vossa altíssima exaltação, sereis a nossa advogada. Se os pecados nos inspiram vivo pesar, encanta e alegra-nos a vossa sublimidade, e essa glória que gozais compensa os prejuízos que as nossas faltas nos causam. **

Como me assombra, ó Mária, a enormidade dos meus crimes! exclama um piedoso autor. Sois a Mãe de todos,

---

*) E' tal, pelo menos, a doutrina da escola tomista. Segundo S. Francisco de Sales, o Verbo teria encarnado ainda mesmo que o homem não pecasse. Nesta hopótese, Maria não teria a glória que deve às suas dores e de que, em certo sentido, é devedora dos pecadores.

**) Peccatores non exhorres
Sine quibus numquam fores
Tanto digna filio. (Antiga prosa).



mas muito especialmente dos pecadores. São êstes efetivamente que dão ocasião a que as glórias de Maria sejam sem cessar reproduzidas e sempre vivas as alegrias da sua divina maternidade, porque nelas ela gera o Cristo tantas vêzes, quantas pela sua meditação Cristo revive nêles. [110]

A cada conversão, quer dizer, a cada renascimento pela graça, a cada renovamento pela filiação divina do pecador pela sua reincorporação no Salvador, na hora em que o *"convivificam em Cristo"* (Ef 2), e o Pai celeste lhe diz: *"Tu és meu filho, eu gerei-te hoje"* (Sl 2) pode o anjo da guarda dêsse venturoso converso, mostrando-o a Maria, saudá-la como S. Isabel: *"Bendito seja o fruto do vosso ventre"*; porque verdadeiramente, é o fruto do seu ventre.

Ela é a Mãe dos membros do corpo místico da Igreja, como o é do seu chefe; e nem um só justo o consegue ser sem que o gere para a vida divina a nova Eva, verdadeira mãe de todos os viventes.

8. *Maria, refúgio dos pecadores, tudo faz pela conversão dêles.* — Há de sempre a saúde ser mais apreciada que a doença, e felizes os que não precisam de médico. Mas, quando a doença entra, grande é a confiança e a alegria de ter os cuidados dum príncipe da ciência médica, ser seu cliente e contar-se no número dos seus doentes!

Por mais enfermos que estejamos, e desesperado que seja o estado da nossa alma, confiemos sempre! Maria adotar-nos-á por doentes seus e curar-nos-á, porque não há enfermidades espirituais incuráveis, e não há nenhuma que não ceda ao tratamento da Mãe onipotente de Deus. Como a glória dum médico hábil, a de Maria há de refulgir à proporção da gravidade dos males de que Ela nos livrará.

Depois de curados e arrancados à morte, na convalescença tão longa como a vida, entre os desfalecimentos e os perigos dela, há de esta doce Mãe amar-nos sempre e velar por nós, como o médico que segue os seus doentes ainda após a cura. E, se ao preço de súplicas e dores nos reconquistou o estado de graça, não há de Ela interessar-se pela nossa perseverança? Não será êste mais um título especial que tenhamos para a sua maternal proteção?!

Recairemos ainda no pecado, por não observarmos os seus cuidados; mas o médico não desampara os seus doentes nas recaídas, e muito menos se vinga da falta de fidelidade às suas prescrições. Redobra, pelo contrário, as indústrias do seu talento e dedicação para efetuar uma cura que a recaída torna mais dificultosa.

9. *Oração de reconhecimento do pecador a Maria.* — O' Mãe tôda bondosa daquele que disse: "Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os enfermos", e doutra vez: "Perdoai até setenta vêzes sete vêzes", quando é, pois, que as nossas repetidas quedas poderão esgotar o vosso poder ou a ternura da vossa solicitude maternal? Ides em busca do pecador, que todos repelem, no dizer do vosso devoto S. Boaventura, e, ao encontrá-lo, o abraçais, o aqueceis ao vosso seio e não descansais enquanto não o vêdes curado.

Eu sou um dos vossos doentes, salvai-me. "*Tuus sum ego, salvum me fac!*" (Sl 118). Nos dias do meu auxílio será sempre êste o brado da minha esperança; e ao passo que eu fôr recordando minhas quedas passadas, assim vo-las irei lembrando, pois pudestes e quisestes levantar-me delas, e nem êsse poder nem essa bondade haveis de perder jamais. Por isso, mais seguro e tranqüilo estou que me não haveis de abandonar no meio da minha cura. Hão de dar-me fôrças para seguir os vossos conselhos



tão amigos o reconhecimento que a vossa solicitude me inspira e o desejo vivo que sinto de patentear o vosso poder.

"*Hei de amar-vos, hei de glorificar-vos, porque me tirastes das minhas grandes baixezas*" (Sl 85,11). No Céu, finalmente, quando timidamente eu fôr tomar lugar entre os que vos devem a salvação, porque, nas suas misérias, puseram em vós tôda a sua esperança, farei então a vossa glória, como um doente é a glória do médico que o arrancou da morte já às portas dela, e não uma vez sòmente, senão muitas.

Então, e será êste o mais delicioso proveito que a graça tirou delas, hão de ser as minhas faltas o pedestal da vossa glorificação e ao mesmo tempo o trono das divinas misericórdias, que eu eternamente quero cantar: "*Misericordias Domini in aeternum cantabo!*" Amém! Amém! Amém!

D. M. E. O.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

N. B. — As citações dos escritos de S. Francisco de Sales são tiradas da edição das Obras completas do Santo, feita pela Visitação d'Annecy. Vão indicados volume e página.

### PRIMEIRA PARTE

1) "Mananciais da vida franciscana", por Fr. Gallo Haselbeck O. F. M.; p. 35, 36. — 2) XIII, 149. — 3) XIII, 19. — 4) X, 208. — 5) Entretien, XVI, VI, 296. — 6) XVI, 130. — 7) P. H. Rohden: Presente de Páscoa, p. 27-35. — 8) M. de Bernières-Souvigny, le Chrétien intérieur, liv. V, chap. 2. — 9) XII, 203. — 10) Introduction à la Vie dévote, I p., ch. 5. — 11) XIV, 7. — 12.) Entretien IX, VI, 154. — 13) XIII, 312. — 14) Entretien IX, VI, 148. — 15) Manuel des âmes intérieures. — 16) Ad Theod. laps., lib. I, n. 1. — 17) Amour de Dieu IV, I, 216. — 18) XIV, 374. — 19) Vie dévote III, p. 9. — 20) Vie dévote, IV p., 12. — 22) Vie dévote, 1. c. — 23) XIV, 120. — 25) P. La Rivière, Vie du B. François de Sales. — 26) XII, 266. — 27) Opuscules spirituels. — 28) Amour de Dieu, IX, 7. — 29) Amour de Dieu, X, 7. — 30) XIX, 254. — 31) XIV, 22. — 32) XV, 287. — 33) XIII, 30. — 34) XX, 31. — 35) XIX, 11. — 36) XIV, 194. — 37) Année sainte de la Visitation, tome XI, p. 5. — 38) Avis spirituels à la Mère C. A. Joly de la Roche. — 39) Vida escrita por ela mesma, cap. 30. — 40) M. J.-J. Allemand. — 41) Vie dévote, III, p., chap. 9. — 42) Entretien, XIV, VI, 258. — 43) Entretien, III, VI, 48. — 44) XIII, 29. — 45) XIV, 2. — 46) Vie dévote, III, p. 9. — 47) P. La Rivière, Vie du B. François de Sales, III, 9. — 48) Homil. de Poent. — 49) Ad Theod. laps., II. — 50) Lettres 35 et 5. — 51) S Agost. De Sermone Domini in monte. lib. I. — 52 Progrès de l'âme, ch. 20. — 53) XIV, 123. — 54) XVIII, 172. — 55) Entretien, XIV, VI, 258. — 56) XVII, 259. — 57) XIV, 339. — 58) XX, 214. — 59) XIX, 273. — 60) Vie dévote, IV, p. 2. — 61) XVI, 312. — 62) IX, 206. — 63) Vie dévote, I, p., 5. — 64) XIV, 27. — 65) XVI, 98. — 66) cfr. Pius XI in Bulla jubilaei 28 maii 1924 (D. 219). — 67) XIV, 119. — 68) XVII, 161. — 69) IX, 443. — 70) Pouvoir de saint François de Sales. p. 290.



### SEGUNDA PARTE

1) Epist. 82 ad Oger. — 2) Homilia ao povo de Antioquia. 3) De corrupt. et grat., cap. 1. Ver também S. Tomás, Raoul d'Asti, etc., nos seus comentários ao texto de S. Paulo: "Tudo contribui...". — 4) XII, 205. — 5) XVIII, 209. — 6) XIV, 120. — 7) S. Tomás, Catena aurea, in 2am ad Cor. — 8) IX, 255. — 9) "Cadit et sic aperiuntur oculi eius; — os seus olhos abrir-se-ão na sua queda" (Num 24,4). — 10) R. Plus, S. J.: Vivre avec Dieu. — 11) XIV, 236. — 12) Entretien, III, VI, 48. — 13) XII, 203. — 14) XIX, 300. — 15) XVIII, 266. — 16) P. Ségneri, S. J. "Manna dell'Anima", 20 giugno. — 17) XVIII, 184. — 18) XIV, 2. — 19) XII, 19. — 20) XVII, 220. — 21) XVII, 12. — 22) XII, 203. — 23) De summo bono, lib. I, cap. 38. — 24) Catena aurea, in 2am ad Cor. — 25) Exhort. 1 ad Stagy., n. 9. — 26) De compunctione, lib. II, n. 9. — 27) Plus placet Deo humilitas malis in factis quam superbia in bonis (Hom. de Public. et Pharis.). — 28) Meliora sunt pecata cum humilitate quam inocentia cum superbia (Lib. II, contra Donat.). — 29) Homil. 1 super "Missus". — 30) Soeur C. E. Cortelot: Année sainte de la Visitation, 14 novembre. — 31) "Le coeur de sainte Gertrudes", pelo P. Gros, S. J. "Drachma periit, et tamen invenitur in stercore", dizia S. Jerônimo (ad Rust.). "Na vaza dos vossos pecados encontrareis a humildade". — 32) Vie dévote, III, p., 5. — 33) Vie dévote, I, p., 2. — 34) XIII. 31. — 35) Homilia sôbre S. Pedro e Elias. — 36) De grandibus humilit., cap. 3. — 37) lib. 1, 2. — 38) Vie dévote, III, p., 6. — 39) M. de Bernières: Le Chrétien intérieur, l. III, p. 16. — 40) Madre Maria de Sales Chappuis, falecida em odor de santidade, Superiora da Visitação de Troyes, em 1875. — 41) Soeur M. A. de Mayen. Année sainte de la Visitation, 16 mars. — 42) Entretien, IV, VI, 63. — 43) Année sainte de la Visitation, 3 mars. — 44) Imit., III, cap. 46, n. 5. — 45) M. de Bernières, l. c. — 46) Vie dévote, III, 6. — 47) XIII, 205. — 48) Vie dévote, III, 6. — 49) Entretien, IV, VI, 67. — 50) Entretien, XVII, VI, 297. — 51) Entretien, XI, VI, 194. — 52) In Cant. Sermo 02, n. 5. — 53) In Ps. 90, Sermo 2, n. 2 — 54) De la vie et des vertus chrétiennes. De l'Espérance. — 55) P. Ségneri S. J., Il cristiano istruito, p. 2, ragion 7, n. 16. — 56) Premier Sermon sur la Nativité de la T. Sainte Vierge. — 57) Oeuvres complètes, t. II, p. 473 et passim. — 58) Lettre 89. — 59) Entretien, II, VI, 19. — 60) XVIII, 171. — 61) XVII, 392. — 62) XVII, 233. — 63) XVI, 68. — 64) XIX, 196. — 65) Avertissement aux Confesseurs, art 2. § 3. — 66) Esprit de S. François de Sales, III, 9. — 67) P. La Rivière, Vie du B. François de Sales, III, chap, 14, s. 28. — 68) Homil., De Penitentia. — 69) Victor, Episc. Cart. — 70) Entretien,

XVII, VI, 299. — 71) Il Direttore della perfezione cristiana, cap. 20. — 72) Manuel des âmes intérieures. — 73) XVI, 64. — 74) XVI, 160. — 75) XIII 383, Lettre à madame Charmoisy — 76) XVI, 63. — 77) XVI, 210. — 78) V — XII, 153. — 79) XIX, 211. — 80) Amour de Dieu, XI, 16. — 81) XIII, 104. — 82) Vie dévote, I, 19; II, 19. — 83) Amour de Dieu, II. 20; XI, 12. — 84) In Cent. Sermo X n. 57. — 85) Amour de Dieu, XI, 21. — 86) XX, 132. — 87) Amour de Dieu, I, 4, chap. 6 — 88) IX, 132. — 89) Instruction 12. — 90) S. Tomás, 3a, q. 80, ar. 3 — 91) Amour de Dieu, XI, 12 et passim. — 92) Mgr. Ch. Gay: De la vie et des vertus chrétiennes. De la Charité. — 93) cfr. "Mananciais da vida franciscana", pp. 6, 34, 41. — 94) X, 83 et seg. — Entretien, XIX, VI, 303. — 96) XVIII, 209. — 97) cfr. "Mananciais da vida franciscana", pp. 37, 40. — 98) Hom. 2 super "Missus est", n. 17. — 99) S. Bernardo: Sermo de Assumpt. Virg. — 100) S. Germano de Constantinopla, Orat. de Zona. — 101) S. Tomás: In Esther. — 101a) v. Ernest Mura: Le Corps mystique du Christi. Vol. II, pp. 112-114. — 102) Amour de Dieu, I, 15. — 103) De excell. Virg. ch. VI. — 104) S. Antônio, 4. p., tit. 15, c. 21. — 105) Revelat., lib. I, cap. 9. — 106) Idiota. Lib. de Contem. V. B., c. 5. — 107) P. Gatry, Mois de Marie de l'Immaculée Conception. — 108) Secreta da vigília da Assunção. — 109) Vie intérieure de la T. Sainte Vierge, p. 352. — 110) Borgius de Gubbio, 9, de signis Ecclesiae.

# INDICE

## PARTE II

## APROVEITAMENTO DAS PRÓPRIAS FALTAS

### CAPÍTULO I

**Utilizemo-nos das nossas faltas para nos humilhar conhecendo a nossa abjeção**



### CAPÍTULO II

**Sirvam as nossas faltas para amarmos a nossa abjeção**



### CAPÍTULO III

**Utilizemos as nossas faltas para crescer na confiança em Deus**



### CAPÍTULO IV

**Continuação do capítulo precedente**



### CAPÍTULO V

**Sirvam as nossas faltas para nos firmar na perseverança**



### CAPÍTULO VI

**Sirvam as nossas faltas para nos tornarmos mais fervorosos**



### CAPÍTULO VII

**Utilizar as próprias faltas à custa da reparação a que obrigam**



### CAPÍTULO VIII

**Utilizar-se das faltas para um redobramento de devoção à Ssma. Virgem Maria**